

ARTE 2

NA MEDIDA 2



ação
educativa

25
ANOS





AÇÃO EDUCATIVA, ASSESSORIA, PESQUISA E INFORMAÇÃO

REALIZAÇÃO

Ação Educativa
Projeto Arte na Casa: Oficinas Culturais

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fernanda Ribeiro do Nascimento

COORDENAÇÃO REGIONAL

Glauciana Aparecida de Souza e Bergman de Paula Pereira

COORDENAÇÃO GERAL DA ÁREA DE CULTURA

Antonio Eleilson Leite

ANALISTA ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Marcelo Amaro de Souza

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Eliana de Souza Vitor Costa

PRODUÇÃO DAS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS - ARTE-EDUCADORES

ARTES DA PALAVRA: Carlos Eduardo Fagundes Maia, Cristiane Bernardino Dias, Rubia Paula Fraga, Tatiana Botelho Forte Guedes de Andrade

ARTES DO CORPO: Darília dos Santos Ferreira, Elaine de Carvalho da Silva França, Soraya Barreto Teixeira Machado, Wiara Santos da Silva

ARTES DO SOM: Bruno Marques Lins, João Carlos Paulino, Rafael Lorena de Pinho

ARTES VISUAIS: André Firmiano, Daniel Gisé Mania de Almeida, Edinaldo André dos Santos, Jessica de Oliveira, José Geraldo da Silva, Marcos Augusto Santos Souza, Maria Amélia dos Reis Gonçalves

ARTES AUDIOVISUAIS: Uilson Pereira França Gabriel, Victor Luiz da Silva Santos

ORGANIZAÇÃO:

Daniele Brait e Fernanda Nascimento

EDIÇÃO

Daniele Brait

COLABORAÇÃO

Rodrigo Medeiros e Fernanda Nascimento

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Silvana Martins, Heloísa Campos (designer assistente)

FOTOS

Nina Vieira e Luciana Lehmkuhl

REVISÃO

Irene Incao



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(Antonio Carlos de Souza Junior, CRB8/9119)

N244a

Nascimento, Fernanda Ribeiro

Arte na Medida 2 / Fernanda Ribeiro do Nascimento... [coord.]. - -

São Paulo: Ação Educativa, 2019.
242p.

ISBN 978-85-86382-56-7

1. Educação. 2. Arte Educação. 3. Arte.
I. Autor. II. Título.

CDD 371.006

ARTE NA MEDIDA 2

2019



SUMÁRIO

- 08 **ARTE NA CASA: OFICINAS CULTURAIS**
MARIA VIRGINIA DE FREITAS
- 10 **MEDIDA SOCIOEDUCATIVA: EDUCAÇÃO COM CULTURA E ARTE**
WELLINGTON DO CARMO MEDEIROS DE ARAÚJO
- 14 **AS FORMAS DA ARTE EM TEXTO E CONTEXTO**
BERGMAN DE PAULA PEREIRA
- 18 **APRESENTAÇÃO**
FERNANDA RIBEIRO DO NASCIMENTO
- 21 **LISTA DE EDUCADORES POR MODALIDADE**

- 22 **ARTES DA PALAVRA**
 - 24 **OFICINA DE LITERATURA**
 - 34 **OFICINA DE RAP**

- 52 **ARTES DO CORPO**
 - 54 **OFICINA DE CAPOEIRA**
 - 82 **OFICINA DE DANÇA AFRO E DANÇAS BRASILEIRAS**
 - 98 **OFICINA DE TEATRO**

112 **ARTES DO SOM**
116 **OFICINA DE MUSICALIZAÇÃO**

128 **ARTES AUDIOVISUAIS**
132 **OFICINA DE CINEMA E VÍDEO**
142 **OFICINA DE RÁDIO E TV**

148 **ARTES VISUAIS**
152 **OFICINA DE DESENHO, PINTURA E ESCULTURA**
168 **OFICINA DE FANZINE**
184 **OFICINA DE FOTOGRAFIA 1**
202 **OFICINA DE FOTOGRAFIA 2**
216 **OFICINA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS**
234 **OFICINA DE XILOGRAVURA
(ARTE URBANA E IDENTIDADE)**



ARTE NA CASA: OFICINAS CULTURAIS

Com 11 anos completados em 2019, o Arte na Casa é um dos maiores e mais longevos projetos da Ação Educativa.

A decisão de estabelecimento de convênio com a Fundação Casa, em 2008, foi precedida de uma cuidadosa reflexão institucional acerca dos limites e possibilidades de desenvolvimento de uma ação verdadeiramente educativa no contexto de cumprimento de medida socioeducativa de internação, em uma instituição com histórico de denúncias de violação de direitos das/dos adolescentes. Espaços de restrição de liberdade se apresentam como ambientes hostis para a realização de um trabalho fundado nos princípios da educação popular, pouco propícios para a manutenção de relações horizontais, para o envolvimento das e dos educandos na configuração das próprias atividades de formação, para o uso de metodologias que supõem sujeitos ativos, reflexivos, críticos. Prevalcem ali lógicas punitivistas. Ao mesmo tempo, enquanto organização de direitos humanos, compromissada com a defesa dos direitos à educação, à cultura e da juventude, reconhecia-se a importância de contribuir para a garantia da natureza pedagógica da medida socioeducativa, tal como afirmado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

O desafio era grande, mas havia um movimento maior disposto a enfrentá-lo. A própria alteração de nome, de FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor para Fundação Casa – Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente, era expressão de um esforço institucional de mudança, fortemente encampado pelos setores com os quais estaríamos mais diretamente envolvidos, a Superintendência Pedagógica e a Gerência de Arte e Cultura. As diretrizes pedagógicas do Sinase – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, lançado pelo Conanda em 2006, ofereciam sólidos referenciais para a concretização desse objetivo, afirmando, por exemplo, a prevalência da

ação socioeducativa sobre os aspectos meramente sancionatórios; a participação dos adolescentes na construção, no monitoramento e na avaliação das ações socioeducativas; o respeito à singularidade do adolescente; a diversidade étnico-racial, de gênero e de orientação sexual norteadora da prática pedagógica.

A decisão de atuar no âmbito da Fundação Casa foi tomada a partir da perspectiva de experimentação e desenvolvimento de metodologias de arte-educação para adolescentes privados de liberdade, em sintonia com as diretrizes do Sinase.

Para o desenvolvimento desse trabalho, a Ação Educativa optou por trabalhar com artistas e com arte educadores/as ligados à produção cultural das periferias. De um lado, porque foi neste segmento do vasto campo do direito à cultura que a organização consolidou sua atuação, tendo inclusive seu Espaço Cultural Periferia no Centro reconhecido como Ponto de Cultura. De outro, porque esses artistas poderiam mais facilmente compreender os contextos vividos pelas e pelos jovens internos; e esses, por sua vez, poderiam entrar em contato e, quem sabe, estabelecer conexões com a produção cultural presente nos seus próprios territórios de origem.

Ao longo desses anos, em parceria com uma coordenação pedagógica, um valioso grupo de artistas tem se desenvolvido como arte-educadores, produzindo ricas reflexões e metodologias acerca desse fazer, que estão, em parte, reunidas neste livro.

Ao publicar este segundo Arte na Medida, a Ação Educativa busca oferecer insumos e inspirações para que outros/as arte-educadores desenvolvam experiências pedagógicas fundadas no reconhecimento dessas e desses adolescentes como sujeitos de direitos. ■

MARIA VIRGINIA DE FREITAS
Coordenadora Geral da Ação Educativa

MEDIDA SOCIOEDUCATIVA: EDUCAÇÃO COM CULTURA E ARTE¹

Com toda honestidade, se fosse para defender a medida socioeducativa como forma de educação o correto seria encerrar antes mesmo de começar o texto, pois qualquer um que justificasse encarcerar para educar não seria digno de confiança.

Se por um lado a maturidade porta alguma resignação, até mesmo por autoengano, ela possui outras características, como a perícia em usar de mediações que auxiliam na descoberta de frestas em qualquer solidez. Não se opera cotidianamente a partir de binarismos, como se houvesse apenas o presente e o futuro, quando sabemos que existe um sinuoso e descontínuo caminho entre eles.

Diante de nossa realidade presente, havendo adolescentes que foram submetidos judicialmente ao cumprimento de medida socioeducativa, que restringe sua liberdade, temos de pensar que seu direito à educação deve ser atendido. Não se deve naturalizar o fato, mas atender à demanda e no mesmo ato lançar luzes críticas aos fatores que conduzem àquele estado de coisas. Foi neste dilema, uma contingencialidade da história brasileira, que há dez anos Fundação CASA e Ação Educativa se encontraram, guiados por maturidade, reconheceram que parte da trajetória da(o)s adolescentes passa pelo caminho que pode ser trilhado conjuntamente dividindo dificuldades e diminuindo estranhamentos institucionais.

Não há como deixar de notar que a questão social brasileira impõe inúmeras privações a crianças e adolescentes. Isto pôde ser constatado no relatório da Unicef de 2018, que operou com dados de 2015, tratando da Pobreza na infância e na adolescência brasileira, expondo que 61% daquela faixa etária da população é submetida ao menos a um tipo de privação e que 49,7% convivem com múltiplas privações, fruto da intensa desigualdade social mantida desde o Brasil-colônia.

Buscando um efeito de contraste vale lembrar o quanto fomos surpreendidos no ano passado com a notícia de que chegar atrasado ou faltar à Escola na Alemanha pode render multa aos pais de até dois mil euros. Talvez nosso espanto seja tão significativo porque por aqui não há grande apreço pela educação de nossas crianças e adolescentes no sentido de formar adultos qualificados. Quais seriam suas causas? Por que deixamos que gerações inteiras não se desenvolvam? Seria nossa origem colonial ou sua incompleta ultrapassagem?

Nos anos 1940 o economista e historiador Caio Prado Jr sintetizou que *ainda não havíamos completado nossa evolução da economia colonial para a nacional. E de que por três séculos nossos objetivos estavam voltados para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio*. Lançou seu prognóstico, que *aquilo se gravaria profunda e totalmente nas feições e na vida do país*.² Infelizmente possuía razão, o Brasil sempre esteve com seus olhos voltados para fora e despreocupado internamente com seu povo.

No período posterior, passada a segunda grande guerra, toda uma geração apostou na ideia de que o Brasil seria o país do futuro, apesar de subdesenvolvido, poderia superar seu atraso, como se o sertão fosse virar mar. Foram algumas as tentativas desenvolvimentistas (aquelas voltadas ao desenvolvimento nacional), mas não durou muito até que se notasse que subdesenvolvimento não é fase atrasada do desenvolvimento periférico, mas uma opção consciente de inserção submissa no cenário internacional.

É de Florestan Fernandes a tese de que nosso desenvolvimento sempre esteve preso àquilo que ele nominou dupla articulação composta pelo subdesenvolvimento, que assume a forma de desenvolvimento desigual interno, e dependência externa, sob dominação imperialista. Sendo que é a resignação de nossa elite à dependência externa que a ela impõe a necessidade de manter a desigualdade interna sob variadas formas. Cremos ser este o ponto estrutural ainda vigente que justifique abandonar a educação de crianças e jovens que poderiam ser adultos bem formados amanhã.

Impulsionado por grave equívoco metodológico, saltando todas as mediações teóricas necessárias, aventuro-me a afirmar que a quantidade de adolescentes cumprindo medida socioeducativa resulta do abandono do desenvolvimento humano a que foi submetido gerações seguidas que tiveram suas potencialidades adormecidas.

Quanto ao trabalho realizado, nos últimos anos procuramos, com muitos participantes, diretos e indiretos (Arte Educadores, Coordenadores, GAC e os mais variados Profis-

¹ Wellington do Carmo Medeiros de Araújo - Formado em Direito, Gerente de Arte e Cultura há seis anos na Fundação CASA onde trabalha há quase vinte anos.

² PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Publifolha, 2000. (p.03; 20).

³ FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil. Rio de Janeiro: Globo, 2014, p.349.

sionais dos Centros de Atendimento que viabilizam a ocorrência das atividades), como impõe a legalidade⁴, que adolescentes, enriquecessem sua subjetividade nas oficinas de Arte e Cultura, estas que são apenas uma parcela da educação integral que visamos para contrariar as estatísticas do fim precoce de uma geração que pode ser tudo, desde que adequadamente cuidada.

O presente livro traz o segundo resultado da reflexão promovida pela(o)s própria(o)s Arte Educadora(e)s que nestes dez anos de parceria nadam contra a maré retributivista e levam seus conhecimentos técnicos de forma enriquecedora promovendo o encontro de gerações, mediado pela educação, buscando desenvolvimento e aprendizagem de alunas e alunos. Assim, ao senso comum, fazem educação em locais absolutamente imponderáveis. E não se limitam a narrar o realizado, pensam o trabalho que eles mesmos executam criando metodologias que possam vencer as limitações e dificuldades corriqueiras, que são muitas, recolhendo experiências exitosas e teimosamente apresentando superações em seus registros de experiências em Educação com Cultura e Arte na CASA.

Tecnicamente será material formativo para estudantes e inspiração para outros tantos profissionais. Já em termos históricos será memória de que uma parcela da sociedade não desistiu de apostar na educação como política social. ■

WELLINGTON DO CARMO MEDEIROS DE ARAÚJO
Gerente de Arte e Cultura da Fundação Casa

⁴ Afinal, está contido na Lei 8069/90, ECA, art.6º, o reconhecimento da condição peculiar de pessoa em desenvolvimento e que, art.3º, a proteção integral deve estar subordinada ao seu desenvolvimento.







AS FORMAS DA ARTE EM TEXTO E CONTEXTO

“Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados¹ não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama.”
(Freire, Paulo. 2010)

Se a cultura é a nossa passagem pela humanidade, a arte enquanto produção humana, pode ser considerada a forma de expressar essa produção em múltiplas e complexas variações criativas de sons, ritmos, linguagens, danças, cantos, escritas, músicas, instrumentos e corporeidades. Hoje o projeto “Arte na Casa” apresenta a meninas e meninos (adolescentes) algumas expressões artísticas ligadas a dança, a escrita, a pintura, a música por meio das oficinas de arte -educação. As práxis educativas populares, surgem de mobilizações sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso de arte, também artísticas e estéticas. Quando colocadas dentro da história em suas diversidades, ajudam a identificar o processo educacional e sua relação com a própria vida.

Partindo do trabalho realizado pelas (os) arte-educadores (as) do “Arte na Casa”, podemos pensar que em arte-educação o fazer artístico é uma ferramenta para uma educação voltada as relações humanas humanizadoras, é um processo pedagógico de estímulo as potencialidades criativas mediadas por uma produção de conhecimento vinda de uma arte negada como universal e bela, e é por isso que “enquanto os leões não contarem suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre os caçadores”. (Provérbio Africano).

A negação daquilo que é considerado como arte foi construído a partir de um padrão hegemônico alocado na Europa que definiu o que é arte negando assim toda produção de arte de fora de seu centro hegemônico. A arte e arte/educação brasileira têm em sua história um legado elitista por atender a valores e concepções estéticas apenas de uma parte da população pautadas em perspectivas somente eurocêntricas, para Juliana Santos² (2017) se faz pertinente “discutir arte/educação” para “expor as interpretações dominantes concernentes à arte e cultura afro-brasileira e africana”, possibilitando assim a criação de instrumentos sócio - pedagógicos que possam agir como ferramentas contra- hegemônicas de qualificação do que venha ser arte.

Tanto na história da arte como na história da educação a negação da arte negra e indígena se faz presente na difusão do que é entendido como arte pela classe dominante, diante disso o ensino de arte precisa assumir um caráter multicultural disposto a questionar a hegemonia unificadora e nacionalista presentes na sociedade brasileira e nas suas conflitivas relações raciais, de gênero e de classe social. Ao longo da história do Brasil (da colônia a república) diversas (os) fazedores de arte negros (as) ficaram alijados do reconhecimento social dado a aqueles que expressam seus costumes, hábitos, pensamentos por meio da música, da escrita, dos desenhos, das cores, dos instrumentos, da voz, da oralidade, do corpo. Dentro da história de formação do Brasil a colonização foi um vetor fundamental de apagamento e negação cultural da arte produzida pelos povos não colonizadores.³

A arte ainda conta com um modelo dominante na maioria dos sistemas formais de arte/educação, como por exemplo, os modelos de instrução do desenho, na ênfase à criatividade, nos livros didáticos, nos sistemas de avaliação. Neste sentido, talvez uns

¹ “O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta – se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer essa autorreflexão, pode descobrir-se como ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação”. Freire, Paulo. Educação e mudança. Paz e Terra. 2010, p. 27.

² SANTOS, Juliana Oliveira Gonçalves dos. LEI 10.639/2003: Revendo Paradigmas na arte/educação/. - São Paulo, 2017. 227 f.: il.

³ “No entanto a implantação do regime colonial não traz consigo a morte da cultura autóctone. Pelo contrário, a observação histórica diz nos que o objetivo procurado é mais uma agonia continuada do que um desaparecimento total da cultura preexistente. Esta cultura, outrora viva e aberta ao futuro, fecha-se aprisionada no estatuto colonial, estrangulada pela canga da opressão”. FANON, Frantz. Em defesa da revolução Africana. Lisboa: Livraria Sá da Costa. 1980, p. 38.

dos grandes desafios do projeto “Arte na Casa”, seja quebrar a epistemologia tradicional do fazer arte dentro de uma instituição de aprisionamento do corpo, dado que sua lógica de funcionamento se faz avessa a liberdade de criação propagada pelas mais variadas formas estéticas do fazer artístico.

Esses apontamentos evidenciam as necessidades de práticas e atitudes no ensino de artes que partam de narrativas contra hegemônicas em direção à equidade, considerando o direito às diferenças e dentro de tantas contradições se faz necessário refletir: Qual o papel da arte/educação diante da estrutura tão contraditória? Qual a função da arte? Qual o papel do artista-educadora (o) no processo socioeducativo de um (a) jovem?

Estas são indagações que colocam em evidência a importância do trabalho em arte – educação desenvolvido por educadoras e educadores que atuam no projeto “Arte na Casa”. Nas oficinas meninas e meninos, não são vistos como grupos culturais diferenciados, pelo contrário, os (as) adolescentes muitas vezes reconhecem no fazer da arte (linguagens) uma reciprocidade histórica colocada por múltiplas trajetórias e negadas pelo Estado. Nesse sentido, os (as) educadores estabelecem um vínculo histórico afetivo de igualdade com estes (as) adolescentes, já que seus fazeres artísticos também são colocados a margem do que é concebido como universalmente belo pela classe dominante. Diante de todo exposto acima, destaca-se, aqui, com imensa saudação de respeito e admiração, a magnitude do trabalho dos (as) educadores (as) do projeto “Arte na Casa” que traz na arte uma genial ferramenta propositiva de uma possível resignificação e fortalecimento de identidades a partir de sensibilizações voltadas para uma sociabilidade menos anti-humana. ■

BERGMAN DE PAULA PEREIRA

Coordenadora de Área do Projeto Arte na Casa: oficinas culturais





APRESENTAÇÃO

O conteúdo apresentado nesta publicação é resultado das práticas educativas do trabalho de arte educação desenvolvido dentro espaços de privação de liberdade para adolescentes e jovens na cidade de São Paulo. O ensino de arte, sua fruição e experimentação, com a proposta de aproximar a arte da vida comum, diária, tem sido desenvolvido ao longo dos últimos 11 anos pela Ação Educativa nas unidades de internação femininas e masculinas da Fundação Casa.

Já faz 07 anos que publicamos a primeira edição do livro *Arte na Medida*, na época ainda não sabíamos que seria a primeira edição de um precioso e inédito trabalho. A primeira edição contém todas as propostas pedagógicas de aulas testadas e praticadas nos primeiros 3 anos do Projeto Arte na Casa: oficinas culturais. Esta nova edição contém as propostas pedagógicas desenvolvidas nos últimos 4 anos pelo conjunto de arte educadoras/es, com novos conteúdos, nova metodologia e novas modalidades. Fazendo parte de um conjunto de materiais sobre metodologia de arte educação em espaços de privação de liberdade¹.

Percebemos nestes anos que as produções artísticas dos/as adolescentes e jovens desenvolvidas nas oficinas apresentam suas leituras das realidades em que vivem, como absorvem as referências da mídia em relação aos seus produtos, a própria violência, as drogas, os desejos, os medos, a ingenuidade. Temas esses, presentes nas letras de Funk e Rap, nos desenhos, nas cenas teatrais, nos contos, poesias e nas danças.

Nesses processos de experimentações artísticas, os/as adolescentes e jovens expressam em suas produções as mais diversas simbologias, realidades, percepções da sociedade em que vivem, desejos, medos e prazeres. Muitas vezes a realidade mostrada é tão impactante que podemos experimentar várias reações positivas e negativas que podem nos assustar, ou sublimar.

¹ Em julho de 2018 lançamos o livro “Na linha tênue: experiências de arte educação em contexto de privação de liberdade”, com 12 textos de nossas/os arte educadoras/es sobre como realizam seu trabalho dentro da Fundação Casa.

Toda esta troca realizada com as e os jovens nos proporcionou reflexões, análises e ações para a construção coletiva de uma proposta artística e pedagógica que dialogue e respeite a realidade e as mais diversas expressões dos adolescentes e jovens em conflito com a lei.

O Projeto se propõe realizar uma ação cultural ativa e coerente junto aos/às adolescentes e com isso consolidar uma proposta político-pedagógica de trabalho em arte e cultura em privação de liberdade, trabalho que nos impõe diversas dificuldades quando falamos de medida de restrição de liberdade a jovens.

Os centros de internação possuem dinâmicas específicas de funcionamento, o que muitas vezes nos obriga criar novas possibilidades de trabalho. Para além da preparação e operacionalização das aulas em si, outros imperativos se apresentam incidindo na complexidade deste trabalho, por exemplo:

- 1) Nossas oficinas são organizadas por ciclos de três meses onde cada adolescente tem três horas de aula semanais, divididas em dois dias da semana. Durante os três meses recebemos adolescentes recém chegados nos centros. Ou seja, pode acontecer de já termos iniciado as aulas há 2 meses e precisarmos acolher uma/um adolescente nova/o no grupo. A todo momento precisamos retomar as atividades já passadas;
- 2) No decorrer do ciclo, as aulas podem ser canceladas pelos centros por diversos motivos como comportamento indisciplinado das/os adolescentes, casos de violência, doenças, etc;
- 3) Falta de conhecimento de setores profissionais do centro sobre o que é arte e o que é arte educação, eventualmente nos causa diversas restrições no exercício do nosso trabalho;
- 4) Os/as educadores/as muitas vezes têm dificuldades em elaborar planejamentos dentro dos prazos estipulados e de conceber atividades diferenciadas quando muda o ciclo, quando há muitos cancelamentos ou quando adentram adolescentes no meio do processo;
- 5) Desenvolver conteúdo e atividades que dialogam com as aspirações dos/as adolescentes e que não tenha desacordo com procedimentos e regimentos internos dos centros de internação.

A arte muitas vezes está relegada ao entretenimento e lazer. Esta é uma ideia bem difícil de ser quebrada, em particular dentro de um espaço que não foi pensado para aula de artes, sem lousas adequadas, cadeiras e mesas, nem tampouco uma iluminação típica das salas das grandes escolas artísticas. As condições materiais desses espaços possuem diversas características que impactam diretamente nosso trabalho.

No que tange ao processo pedagógico que desenvolvemos com as e os adolescentes, partimos da premissa de que a promoção do conhecimento artístico deve ser capaz de articular o fazer artístico, a apreciação da obra de arte e o processo de contextualização histórico e social, como aponta Ana Mae Barbosa (1991):

■ **Fazer artístico:** conhecer e experimentar diferentes técnicas nas mais variadas linguagens artísticas, orientadas pela utilização de materiais acessíveis às diversas realidades de atuação.

■ **Apreciação e Contextualização:** devem ser processadas através do estudo da dinâmica histórica e cultural, da estética e do exercício crítico da leitura da obra de arte, como também da identificação da realidade sociocultural dos diversos espaços nos quais a arte-educação vem sendo desenvolvida.

Dentro do convênio com a Fundação Casa, atualmente trabalhamos com as seguintes modalidades: capoeira, teatro e danças brasileiras e afrobrasileiras (Artes do corpo), literatura e rap (Artes da palavra), desenho e pintura, escultura, história em quadrinhos, fanzine, xilogravura rádio e TV, cinema e vídeo e fotografia (Artes visuais) e musicalização (Artes do som). São estas modalidades que estão sistematizadas nesta edição.

Algumas modalidades que constavam na primeira edição, de 2012, não estão mais em nossa grade de modalidades oferecidas, como é o caso de dança de rua e circo. A novidade fica com os conteúdos das modalidades de audiovisual. Foram inseridos nesta publicação os conteúdos trabalhados nas oficinas de fotografia, já trabalhadas desde o início de nosso convênio, rádio e TV, implantada há três anos como proposta as/aos adolescentes mais velhas/os, e cinema e vídeo, que na primeira edição não contou com propostas pedagógicas aula a aula, mas com textos norteadores para o ensino de cinema e vídeo para jovens. Neste material relacionamos todas as propostas de aulas possíveis para três meses de oficinas que não estão necessariamente numa ordem lógica de continuidade, cada educadora/r avalia qual sequencia de aula é mais apropriada e interessante para sua turma.

Todo o material contido nesta publicação é resultado do esforço da equipe de coordenação de pensar uma proposta de formação continuada que faça sentido para a vida e para o trabalho deste grupo de profissionais e do acúmulo, reflexão e da prática pedagógica de arte educadoras e arte educadores que fazem de sua arte instrumento de garantia de direitos, respeito e solidariedade.

FERNANDA RIBEIRO DO NASCIMENTO
Coordenadora Técnica do Projeto Arte na Casa: oficinas culturais

LISTA DE EDUCADORES E SUAS MODALIDADES



André Firmiano Virginio **(ANDRÉ FIRMIANO)**
Artes Visuais

Bruno Marques Lins **(BUIA KALUNGA)**
Musicalização

Carlos Eduardo Fagundes Maia **(TOROKA)**
Rap

Cristiane Bernardino Dias **(CRIS MOSCOU)**
Literatura

Daniel Gise Mania de Almeida **(DANIEL GISÉ)**
História Em Quadrinhos

Darília dos Santos Ferreira **(DARÍLIA LILBÉ)**
Teatro

Edinaldo Andre dos Santos **(EDINALDO ANDRÉ)**
Artes Visuais

Elaine De Carvalho Da Silva França **(NANNY CARVALHO)**
Capoeira

Jessica dDe Oliveira
Fotografia

João Carlos Paulino **(JHONY GUIMA)**
Musicalização

José Geraldo da Silva **(ZGÊ GERAES)**
Fotografia

Marcos Augusto Santos Souza **(NÔMADE)**
Fanzine E Xilogravura

Maria Amélia dos Reis Gonçalves
Artes Visuais

Rafael Lorena de Pinho **(RAFAEL PINHO)**
Musicalização

Rubia Paula Fraga **(RUBIA RPW)**
Rap

Soraya Barreto Teixeira Machado **(SORAYA MACHADO)**
Danças Afrobrasileira E Brasileiras

Tatiana Botelho Forte Guedes De Andrade **(TATI BOTELHO)**
Rap

Uilson Pereira França Gabriel **(UILSON FRANÇA)**
Cinema E Vídeo

Victor Luiz da Silva Santos **(VITOR VINT)**
Rádio E Tv

Wiara Santos da Silva **(NAGÔ)**
Capoeira





ARTES

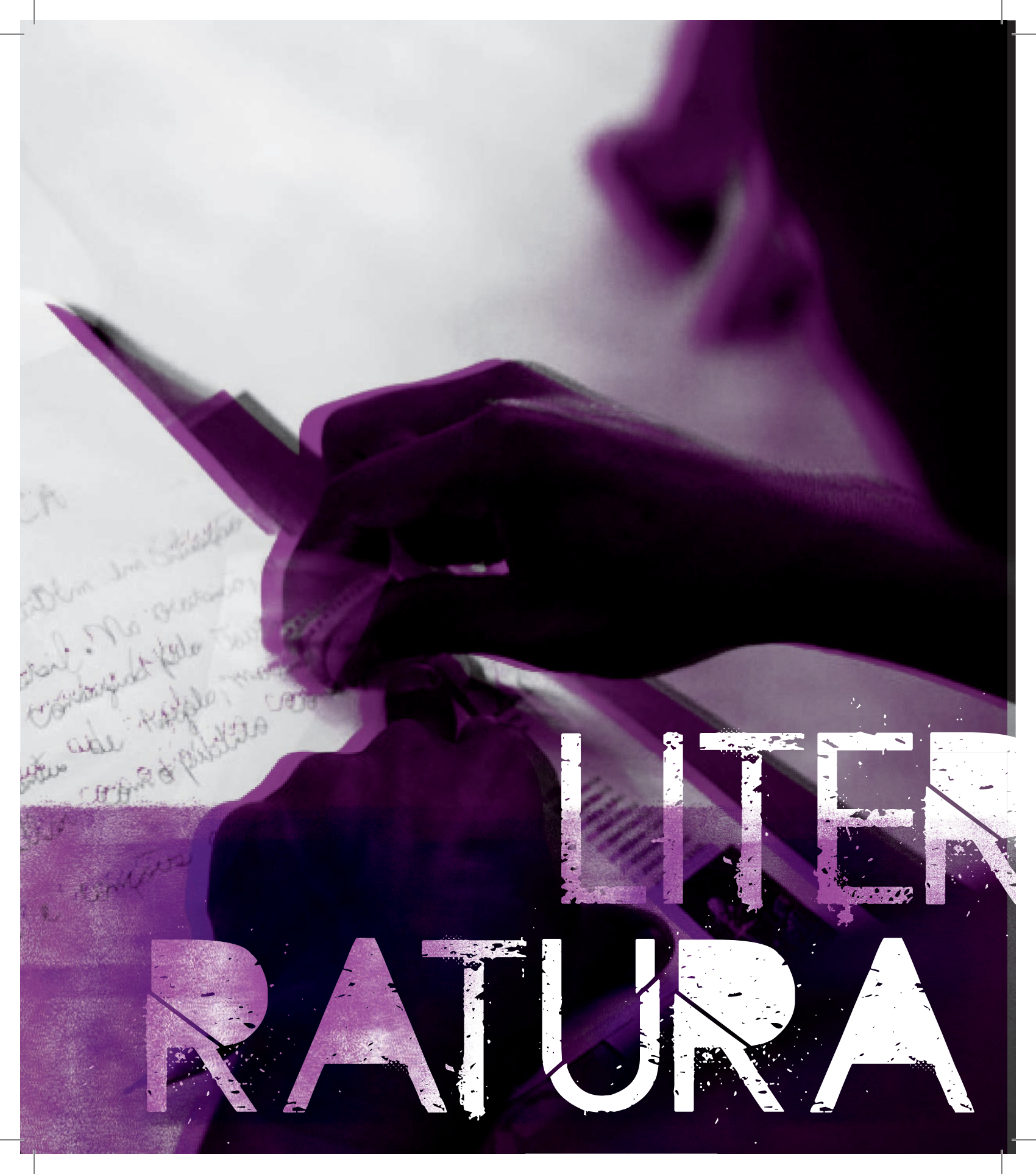
DA

PALA

VARA

A woman with dark hair is holding a white envelope. The envelope has a purple rectangular stamp on the top right. The text on the envelope is handwritten in cursive. The background is a blurred image of the woman's face and the envelope.

OFICINA DE LITE

A purple-tinted photograph of a hand holding a pen over a document with handwritten text. The image has a high-contrast, artistic feel with a strong purple color cast. The text 'LITERATURA' is overlaid in a large, white, distressed font at the bottom.

LITERATURA



INTRODUÇÃO

A oficina de Literatura visa estimular a reflexão sobre temas com base na leitura coletiva de textos, usando as informações adquiridas para a produção de argumentos para debates. Para tal, autoras e autores da literatura marginal e periférica são apresentados e as produções escritas sobre temas contemporâneos são incentivadas.

Estratégias como leitura coletiva dos textos; formação de roda para troca de ideias, olhares e pontos de vista; interpretação mediada pelo(a) arte-educador(a), levando a reflexões associadas ao cotidiano e produções escritas, são usadas como ferramentas nessa oficina.

OBJETIVO

Trabalhar a aproximação de técnicas e estilos da escrita e da leitura para a formação do senso crítico sobre temas contemporâneos.

Conteúdos abordados

- Diferenças e reflexões sobre desigualdade de gênero e orientação sexual
- Educação de meninos e masculinidades
- Paternidade ativa
- Infecções sexualmente transmissíveis
- Violência de gênero
- O sistema eleitoral e as políticas públicas
- Negritude

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Papel A4, papel paraná, papel adesivo, cadernos, canetas, lápis grafite, lápis de cor, canetas hidrocor, textos e fichas de leitura impressos, equipamentos de som e vídeo e suporte para arquivos.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Atividade em roda. Conhecer nome e idade dos(as) adolescentes e bairro onde moram. Apresentação pessoal, experiências do(a) arte-educador(a), e da oficina, mostrando resultados de processos anteriores com outros grupos (livretos, marcadores de página etc.).

ENCONTRO 2

Atividade em roda. Conhecer o repertório dos(as) adolescentes, levantando temas a serem trabalhados. Fazer diagnóstico da turma. Apresentar a proposta de conteúdos para o curso.

ENCONTRO 3

Exibição de vídeo relacionado aos conteúdos propostos.

SUGESTÕES

PRECIOSA, 2009. 1H50MIN. DIREÇÃO LEE DANIELS.

1987, Nova York, bairro do Harlem. Claireece “Preciosa” Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai (Rodney Jackson) e abusada pela mãe (Mo’Nique), ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. O fato de ser pobre e gorda também não a ajuda nem um pouco. Além disso, Preciosa tem um filho apelidado de “Mongo”, por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó. Quando engravida pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A sra. Lichtenstein (Nealla Gordon) consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá, Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, refugiando-se em sua imaginação.

HURRICANE - O FURACÃO, 1999. 2H26MIN. DIREÇÃO NORMAN JEWISON.

Em junho de 1966, Rubin “Hurricane” Carter (Denzel Washington) era um forte candidato ao título mundial de boxe. Entretanto, os sonhos de Carter vão por água abaixo quando três pessoas são assassinadas num bar em Nova Jersey. Indo para casa em seu carro e passando perto do local do crime, Carter é erroneamente preso como um dos assassinos e condenado à prisão perpétua. Anos mais tarde, Carter publica um memorial, chamado “The 16th round”, em que conta todo o caso. O livro inspira um adolescente do Brooklyn e três ativistas canadenses a juntarem forças com Carter para lutar por sua inocência.

HISTÓRIAS CRUZADAS, 2010. 2H26MIN. DIREÇÃO TATE TAYLOR.

Jackson, pequena cidade no estado do Mississippi, anos 1960. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark (Viola Davis), a empregada da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagrade a sociedade como um todo. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.

O GRANDE DESAFIO, 2007. 2H06MIN. DIREÇÃO DENZEL WASHINGTON.

Roteiro de Robert Eisele, foi baseado na história real de Melvin B. Tolson (Denzel Washington), professor de uma pequena universidade voltada para negros no Texas no ano de 1935. O personagem de Denzel Washington é um professor que vive no Texas na década de 1930 e monta um grupo de debate com seus alunos universitários. Tolson conseguiu formar um time de debate, e, com muito esforço e enfrentando o racismo, os alunos foram capazes de superar os garotos da renomada Harvard em uma competição nacional.

ENCONTROS 4 E 5

Exibição de vídeo relacionado aos conteúdos propostos. Entrevista individual. O questionário contém perguntas sobre identificação: nome, idade, data do aniversário, onde mora, com quem mora, como se identifica racialmente, se frequentava escola quando foi apreendido, se não frequentava a escola, quando a deixou, até qual série cursou.

ENCONTRO 6

Atividade em roda. Identificar interpretações sobre o filme.
Discussão sobre gênero

JUDITH BUTLER é referência nos estudos de gênero e uma das mais importantes filósofas contemporâneas. É uma das pensadoras da Teoria Queer, que defende que ninguém nasce “homem” ou “mulher”, mas aprende a desempenhar esses papéis, ou seja, a teoria sustenta que os gêneros são socialmente construídos. Seu livro Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade fundou a teoria Queer.

LÉLIA GONZALEZ foi revolucionária e feminista negra. Antropóloga, filósofa e intelectual, colocou-se a serviço da luta das mulheres no Brasil. Por meio da psicanálise, do Candomblé e do contato com a cultura brasileira, Lélia assumiu sua condição de mulher negra. Em sua militância, trouxe reflexões sobre a realidade das mulheres, principalmente negras e indígenas. Participou do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN-RJ), do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras. Sua produção intelectual é vasta. Com base em seus estudos, deu origem ao conceito de amefricanidade, enfocando a questão do negro da diáspora. É considerada um dos grandes nomes do movimento negro contemporâneo.

ENCONTRO 7

Contribuir para a discussão sobre gênero e violência contra a mulher, problematizar, estranhar, ampliar a visão de mundo e se reconhecer como sujeito histórico. Roda de conversa.

SUGESTÃO

Leitura da reportagem **“MENINAS ABANDONAM ESTUDOS E TENTAM SUICÍDIO APÓS ENTRAR PARA A LISTA DAS MAIS VADIAS”**

(disponível em: <noticias.r7.com/sao-paulo/meninas-abandonam-estudos-e-tentam-suicidio-apos-entrar-para-lista-das-mais-vadias-27052015>. Acesso em: 26 mar. 2019).

ENCONTRO 8

Ficha de leitura sobre a reportagem lida no encontro anterior. Perguntas orientadoras para a leitura coletiva: “O quê?”, “Quando?”, “Quem?”, “Como?”, “Onde?”, “Por quê?”.

ENCONTRO 9

Problematização do tema “Situação das mulheres na sociedade”. Produção escrita – texto com ponto de vista sobre a situação da mulher na sociedade.

ENCONTRO 10

Problematização do tema “Tratamento dado às mulheres no Brasil”. Ficha de leitura sobre a reportagem.

SUGESTÃO

Leitura da reportagem: **“DESCUBRA COMO É A VIDA DAS MULHERES NAS PENITENCIÁRIAS BRASILEIRAS”** (disponível em: <revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/07/descubra-como-e-vida-das-mulheres-nas-penitenciarias-brasileiras.html>. Acesso em: 26 mar. 2019)

ou **“UM HOMEM EXEMPLAR: DONO DE CASA FALA SOBRE IGUALDADE ENTRE GÊNEROS”** (disponível em: <www.revistaforum.com.br/digital/157/um-homem-exemplar-dono-de-casa-fala-sobre-igualdade-entre-os-generos/>. Acesso em: 26 mar. 2019).

ENCONTRO 11

Roda de conversa sobre reportagem apresentada no encontro anterior.

ENCONTROS 12 E 13

Produção de texto sobre os temas discutidos. Devolutiva da escrita durante a produção dos textos.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO

ENCONTRO 14

Roda de conversa. Contribuir para discussão de gênero e violência contra a mulher, problematizar, estranhar e ampliar a visão de mundo; reconhecer-se como sujeito histórico.



Apresentar os tipos de violência de gênero (física e psicológica).

ENCONTRO 15

Roda de conversa. Apresentar os tipos de violência de gênero (patrimonial/ econômica, simbólica e sexual). O(A) arte-educador(a) pode preparar previamente textos de apoio e problematizar, por exemplo, frases machistas comumente ditas às mulheres.

ENCONTRO 16

Produção de texto sobre temas discutidos. Devolutiva da produção escrita durante a produção dos textos.

ENCONTRO 17

Apresentação do videoclipe da MC Lívia Cruz “Não foi em vão”

(disponível em: <www.youtube.com/watch?v=RyXebEOvELc>. Acesso em: 26 mar. 2019).

Leitura dos poemas “Em legítima defesa” e “Madrugada” de Elizandra Souza (livro Águas da cabaça, ed. Mjiba).

ELIZANDRA SOUZA, nascida em 1983 na periferia de São Paulo, cresceu em Nova Soure, pequena cidade da Bahia, terra natal de seus pais. Em 1996, retornou à capital paulista, momento em que conhece a cultura hip-hop e inicia seu diálogo com ela. Criadora do Mjiba, fanzine de poesia, que circulou entre 2001 e 2005, a autora começou a frequentar o Sarau da Cooperifa em 2004. Posteriormente, participou do jornal experimental Becos e Velas com o objetivo de dar voz e visibilidade à cultura periférica. No ano de 2006, ingressou no curso de Jornalismo e, a partir desse momento, recebeu convite da organização Ação Educativa para escrever a Agenda Cultural da Periferia.

ENCONTRO 18

Exibição de documentário sobre gênero.

Roda de conversa sobre documentários exibidos.

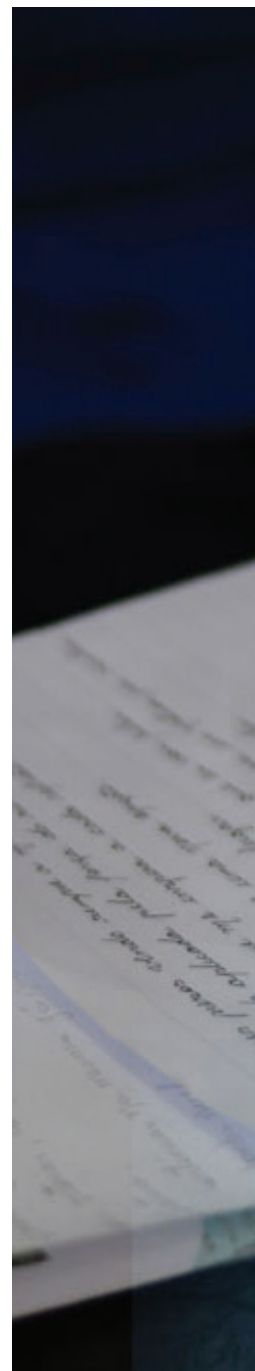
SUGESTÕES

VESTIDO NOVO, 2007. 13MIN. DIREÇÃO SERGI PÉREZ.

Disponível em: <www.sergiperezgomez.com/fiction/vestido-nuevo/>. Acesso em: 26 mar. 2019. Este é um emocionante curta-metragem espanhol que conta a história do menino Mario, que no dia de carnaval decide pôr um vestido de menina, para surpresa dos colegas e professores.

BICHAS, O DOCUMENTÁRIO, 2016. 39MIN. DIREÇÃO MARLON PARENTE.

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU>. Acesso em 26 mar. 2019. Esse filme trata, antes de tudo, de amor. Para ser mais exato: de amor próprio. A palavra “bicha” vem sendo usada de forma errada, como xingamento. Quando na verdade, deveríamos tomar como elogio.







FATHER X DAUGHTER BEATBOXING, 2015. 4MIN11S, 2015.

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=pg1qLJ_6-LE>. Acesso em: 26 mar. 2019.

Batalha de beatbox entre pai e filha.

BATALHA DE MC'S NEGRA RÊ X EMICIDA, 9MIN43S. LIGA DOS MC'S, 2006.

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=AWPzHi4kxZY>. Acesso em: 26 mar. 2019.

ENCONTRO 19

Elaborar frases que homenageiam alguma mulher do próprio convívio. Criar marcadores de páginas com as frases elaboradas.

TERRITÓRIO

ENCONTRO 20

Leitura e audição de “Um homem na Estrada”, Racionais MC's

(disponível em: <www.youtube.com/watch?v=HS9wswXVF6c>. Acesso em: 26 mar. 2019).

Levantar com os(as) jovens versos da letra em que se descreve o local cenário da narrativa.

ENCONTRO 21

Produção escrita sobre o local onde mora. Crônica. Produção final

A **CRÔNICA** é um tipo de texto que tem a idade delimitada por se tratar de um assunto contemporâneo, como uma crítica ou um comentário sobre algo que está sendo debatido no momento de sua produção. Geralmente, são textos mais curtos, bastante objetivos e que expressam a ideia de forma objetiva e sem muitos rodeios. Não costuma apresentar personagens nem ser muito detalhista sobre eles.

ENCONTRO 22

Criar figuras, arte final e ilustrações para a produção. Roda de conversa.

ENCONTRO 23

Reunir textos lidos e escritos no formato de caderno, criar capa. Organizar e acompanhar as ações com os(as) adolescentes.

ENCONTRO 24

Para essa atividade, a aula será organizada com os(as) adolescentes e deverá incluir, além da aplicação de uma avaliação, a mostra das produções e um diálogo sobre as oficinas do ciclo.

LIVROS

- BUZO, Alessandro. Suburbano convicto: O cotidiano do Itaim Paulista. São Paulo: Edicom, 2004.
- GOG. A rima denuncia. São Paulo: Global, 2010.
- SILVA, Cidinha. Cada Tridente em seu Lugar. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- SHABBAZ, Dughetto. Notícias Jugulares. São Paulo: Edições Toró, 2006.
- SOUZA, Elizandra. Águas da cabaça. São Paulo: Edições Mjiba, 2012.
- TEREZA, Maria. Negrices em flor. São Paulo: Edições Toró, 2007.
- VAZ, Sérgio. Colecionador de pedras. São Paulo: Editora Global, 2007.

TEXTOS DE PERIÓDICOS

- <revistacult.uol.com.br/home/category/edicoes/192/>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- <rollingstone.uol.com.br/edicao/39/mano-brown-eminencia-parda#imagem0>. Acesso em: 23 abr. 2019.

VÍDEO

VAGUEI NOS LIVROS E ME SUJEI NA MERDA TODA. Dir.: Allan da Rosa, 2007.

O vídeo aborda a presença apodrecida e patética, ou a ausência estratégica de personagens e autores negros, na literatura que a gente apreende e se lambuza nas escolas, que pode carimbar no nosso peito eternamente o desgosto pela leitura. Mas toca também na história das páginas negras do Brasil e do planeta, nos conhecimentos e paisagens acesas da história da África e de sua literatura, no hip-hop como tição emparceirado dos livros pretos e na literatura das ladeiras de hoje, das quebradas e rodas paulistanas, da literatura de escadão.



A close-up, slightly blurred photograph of a person's hands writing on a lined notepad with a pen. The image has a purple and black color scheme. The text 'OFICINA DE RAP' is overlaid on the image. 'OFICINA DE' is in a solid purple font, while 'RAP' is in a large, white, distressed font with black speckles.

OFICINA DE RAP



INTRODUÇÃO

A cultura hip-hop surgiu em meados da década de 1970 nos bairros de conjuntos residenciais da cidade de Nova York. No final dos anos 1960, o DJ Kool Herc levou da Jamaica para o Bronx a técnica dos famosos sound systems de Kingston. Na Jamaica de Kool Herc, os DJs costumavam recitar versos improvisados sobre versões dub (espécie de remixagem artesanal) de seus reggaes prediletos.

Revivendo os griots africanos, os DJs jamaicanos mandavam mensagens políticas e espirituais enquanto tocavam as músicas prediletas do seu público. Só que em Nova York, naquele tempo, o que fazia sucesso eram o funk, o soul e outros ritmos afro-americanos. Assim, Kool Herc teve de adaptar seu estilo: nas festas de rua que promovia com o equipamento jamaicano, passou a cantar seus versos sobre partes instrumentais das músicas mais populares no Bronx – de modo semelhante ao dos Watts Prophets, Gill Scott Heron e os próprios jamaicanos.

Como os trechos usados como base (em inglês chamados breaks) com a batida apropriada eram curtos, ele teve a brilhante ideia de usar um mixer e dois discos idênticos para repetir indefinidamente um mesmo pedaço de música.

A junção dos quatro principais elementos foi proposta por Afrika Bambaataa, apontado por muitos fãs e pesquisadores como o principal idealizador, que pregava a união entre os adeptos das diversas manifestações do movimento. Fundador da primeira organização social a trabalhar com esse tipo de cultura, a Universal Zulu Nation, ele também é considerado o responsável por criar o termo hip-hop.

“A poesia é a união de duas palavras que ninguém poderia supor que se juntariam, e que formam algo como um mistério”.

FEDERICO GARCÍA LORCA

OBJETIVO

A proposta da oficina de rap é resgatar valores culturais por meio de rima, música, poesia e arte, de forma afetiva, permitindo sua assimilação aos(às) adolescentes, e despertando seu interesse e senso crítico em questionar, desconstruir e criar possibilidades de olhar o mundo.

Conteúdos abordados

- História do movimento hip-hop
- Poesia
- Rap nacional
- Introdução à poesia
- Técnicas de escrita
- Teoria musical
- Contos
- Ritmos
- Rimas

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Folha de almaço, lápis, borracha, apontador, caderno, lousa, giz, apagador, baqueta, marca texto, dicionário, letras de música impressas. Equipamentos de som e vídeo e suporte para arquivos.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Apresentação da oficina (Linguagem) de rap, seguida de roda de conversa com depoimentos sobre o contato com a escrita, leitura, música e arte. Expor o conteúdo que será trabalhado/discutido e como vai acontecer o processo criativo no decorrer das aulas. Falar sobre o trabalho de arte-educação e compartilhar experiências e vivências no rap. Fazer um círculo para discutir com os(as) adolescentes sobre o que pensam a respeito do rap.

SUGESTÃO

Leitura do texto “**NOVOS DIAS**” do Poeta Sérgio Vaz.

ENCONTRO 2

Escrever em papel uma frase ou breve texto sobre o que deseja aprender e o que espera da oficina.

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO HIP-HOP

ENCONTRO 3

Contar a história do movimento hip-hop. Apresentar os seus elementos por meio de audição de músicas, com acompanhamento da leitura da letra, previamente selecionadas, destacando trechos pertinentes. Promover uma roda de conversa sobre as partes grifadas da letra.

ENCONTRO 4

O encontro terá como base apresentar a gênese do hip-hop e imagens de elementos relacionados aos anos 1980 (EUA) e ao contexto social da época que ajudem na visualização e caracterização das mudanças temporais que acompanham o hip-hop.

ENCONTRO 5

Reflexão sobre os diferentes modos de versar e as diferentes vertentes da arte de cantar de maneira improvisada. Falar sobre as formas de se expressar através da arte. Realizar uma roda de conversa sobre o documentário.

SUGESTÃO

NOS TEMPOS DA SÃO BENTO, 2010. 90MIN. DIREÇÃO GUILHERME BOTELHO.

Rodado entre os anos de 2007 a 2010, Nos tempos da São Bento é um documentário que busca a memória coletiva do hip-hop no Brasil. Um dos intuitos é resgatar a memória daqueles que fizeram a história do movimento, ocupando por vários anos o espaço do Metrô São Bento, no centro da cidade de São Paulo. Minuciosa, a estrutura discursiva nos leva ao conflito com o esquecimento; o ato social de se apagar fatos, pessoas e grupos da história. É justamente esse conflito, apresentado através do exercício da narrativa, que se transforma em ação dramática, da qual a personagem principal é a memória coletiva.

ENCONTRO 6

Exibição de um episódio da série História do rap nacional apresentado pelo repórter Ronald Rios, com entrevistas com os pioneiros do rap nacional e videocliques dos mesmos para promover as discussões, inquietações e argumentações sobre a história do hip-hop.

SUGESTÃO

HISTÓRIAS DO RAP NACIONAL.

A NOVA CARA DO RAP, EPISÓDIO 1. TV GAZETA.

Disponível em <www.youtube.com/watch?v=BJYAK0kyX-4>.

Acesso em 1º abr. 2019.

TÉCNICAS DE ESCRITA

ENCONTRO 7

Apresentação das técnicas de escritas como verso, estrofe e formatos de rimas. Promover entre os(as) adolescentes a escolha de um tema inicial para praticar a escrita em forma de rimas, conforme as regras poéticas de combinações apresentadas na aula.

RAP NACIONAL 1

ENCONTRO 8

Apresentação do filme Profissão MC.

SUGESTÃO

PROFISSÃO MC, 2009. 52MIN. DIREÇÃO ALESSANDRO BUZO E TONI NOGUEIRA.

Mostra a história de um rapper na periferia que, num momento delicado de sua vida, desempregado e com a namorada grávida, recebe duas propostas: uma para entrar no tráfico de drogas e outra para seguir apostando no rap. É um filme sobre oportunidades, ou a falta delas. Este filme não captou um único real para ser produzido e foi exibido em várias comunidades pelo Brasil.

ENCONTRO 9

Apresentação e contextualização do rap para a análise dos conteúdos. Apresentação da música “Saudades mil”, do grupo 509-E, para o desenvolvimento da escrita dos(as) adolescentes em forma de carta. Audição do rap e leitura do material impresso (letra).

Atribuímos o nome **CARTA** a um tipo de mensagem que assume a forma manuscrita e gera comunicação entre pessoas. A carta foi criada como meio de construir um contato entre pessoas que se encontravam espacialmente distantes e que, em épocas passadas, sem recursos tecnológicos atuais, assim tentavam se comunicar.

SUGESTÃO**SAUDADES MIL - A CARTA. 509-E.**

Disponível em <www.youtube.com/watch?v=P128gkql_Xo>. Acesso em 1º abr. 2019.

ENCONTRO 10

Aula prática onde o(a) adolescente escreverá uma carta para uma pessoa imaginária, sendo orientado pelo(a) arte-educador(a).

O QUE É POESIA?**ENCONTRO 11**

Continuidade na produção das cartas. Leitura e revisão das criações de texto dos(as) adolescentes. Reflexão sobre as cartas.

ENCONTRO 12

Leitura de poesias de diversos autores e variadas formas e linguagens. Bate-papo sobre as semelhanças e diferenças entre cada texto. Escolha de palavras – retiradas das poesias que foram lidas pelos(as) adolescentes – para trabalhar em sala.

SUGESTÃO

Fábio Boca, GOG, Miró da Muribeca.

ENCONTRO 13

Atividade de iniciação em técnicas de composição, teoria musical, escrita de currículo, release e portfólio (escrita criativa). Referência a Carlos Drummond de Andrade.

ENCONTRO 14

Escrita criativa (versos livres) Atividade de elaboração textual e poética, dinâmica de elaboração e criação de texto e poesia em dois formatos; ditado no primeiro momento e criação autônoma no segundo.

TEORIA MUSICAL

ENCONTRO 15

Atividade de iniciação em escrita e leitura musical, abordando aspectos como tempo, ritmo, compasso musical, figuras e valores musicais, ditado rítmico, leis e fundamentos. Referência a Ettore Pozzoli.

ETTORE POZZOLI nasceu em 1873, na Itália. Compositor de música clássica, Pozzoli iniciou a carreira logo após recebeu o diploma de música do Conservatório de Milão, em 1895. Ao escrever músicas para piano e orquestra, Pozzoli começou a ensinar o instrumento no Conservatório de Milão. Seus trabalhos sobre a teoria e solfejo ainda hoje são considerados a base dos estudos de qualquer pianista e conhecidos pela dificuldade progressiva, de harmonia e contraponto.

ENCONTRO 16

Audição. Roda de conversa com audição de músicas de gêneros variados para identificação dos respectivos gêneros e ritmos musicais, entre eles o rap, o funk anos 70, miami beat (funk pancadão), o reggae e o dub, com o objetivo de destacar as raízes musicais do rap.

ENCONTRO 17 E 18

Exibição de vídeo sobre a história do hip-hop e do rap.

SUGESTÃO

CADILAC RECORDS, 2008. 1H49MIN. DIREÇÃO DARNELL MARTIN.

No início dos anos 1950, uma pequena gravadora de Chicago ajudou a construir as bases para o rock and roll a partir do blues. A Chess Records tornou-se rapidamente um negócio bem-sucedido, alavancado por diversas músicas que “estouraram” nas rádios do país.

ENCONTRO 19

Análise sobre o filme e início da audição de instrumentais para a criação de músicas (escrita criativa e análise sintática).



O QUE É CONTO?

ENCONTRO 20 E 21

Apresentação e discussão sobre o que é um conto, uma história. Audição, leitura e criações textuais. Roda de conversa para escolha do tema orientador e escolha de palavras-tema, para elaboração de uma história pelos(as) adolescentes, criada com base nas discussões realizadas em sala.

O **CONTO** é uma obra de ficção, um texto ficcional. Cria um universo acontecimentos a partir de seres e situações imaginárias. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo.

SUGESTÃO

DIÁRIO DE UM DETENTO - RACIONAIS MC'S.

Disponível em <www.youtube.com/watch?v=8V5poSSpQm0>. Acesso em 1º abr. 2019.

JESUS CHOROU - RACIONAIS MC'S.

Disponível em <www.youtube.com/watch?v=ryP3ZvRPJhY>. Acesso em 1º abr. 2019.

MARCAS DA ADOLESCÊNCIA - DINA DI.

Disponível em <www.youtube.com/watch?v=AJpnHR_JeaA>. Acesso em 1º abr. 2019.

PRODUÇÃO POÉTICA 1

ENCONTRO 22

Conversa sobre os temas escolhidos e escolha da forma poética utilizada para a criação. Procura, no dicionário, do significado das palavras escolhidas em aula anterior, e para a escolha de uma delas como tema da poesia que será criada pelos(as) adolescentes em sala. Roda de conversa sobre o documentário exibido.

MIRÓ: PRETO, POBRE, POETA E PERIFÉRICO, 2008. 22MIN. DIREÇÃO WILSON FREIRE.

Disponível em <www.youtube.com/watch?v=fcltIJucE90&feature=youtu.be>. Acesso em 17 abr. 2019.

O filme de curta metragem mostra depoimentos de artistas plásticos, escritores, pesquisadores, entre outros, e o forte conteúdo social da obra de Miró da Muribeca como forma de documentar o hoje da cidade do Recife e sua geografia, suas pessoas e seu cotidiano. Isso por meio de intervenções poéticas com o "Alegrista", em diversos pontos da cidade, desde o centro histórico até as mais novas favelas onde foram captadas as imagens do dia a dia relacionadas aos poemas do poeta.

ENCONTRO 23

Produção de poesia pelos(as) adolescentes, leitura de poesias de diferentes temáticas, estilos e métricas, tendo em vista a importância das poesias se relacionarem diretamente com o universo artístico e sociopolítico dos(as) adolescentes. Discussão acerca dos temas e estilos de escrita de cada autor, a cada temática.

VERSOS, RIMAS E ESTROFES

ENCONTRO 24

Atividade de escrita criativa em continuidade aos temas iniciados anteriormente, para o aprofundamento nos estudos sobre criação e tipos de versos, rimas e estrofes existentes.

ENCONTRO 25

Atividade de técnicas vocais e de respiração com foco nos conceitos e fundamentos sobre cuidados específicos com a voz e exercícios para educar e desenvolver técnicas de respiração de alto e baixo ventre (diafragma).

ENCONTRO 26

Atividade de verso e métrica com escrita criativa. Aprofundaremos o aprendizado em criação de versos e a forma de medi-los, técnica mais conhecida como métrica, usada para medir as unidades rítmicas de um poema ou uma composição poética.

ENCONTRO 27 E 28

Audição das poesias e textos criados. Atividade de escrita criativa e de análise das produções já desenvolvidas ao longo das formações do ciclo. O objetivo é desinibir e propiciar a interatividade entre os(as) participantes por meio da leitura e do exercício da fala e da escuta.

ENCONTRO 29

Escrita criativa. Análise das criações e reunião de todas em uma única canção (poderá ser uma obra individual ou coletiva dependendo da disposição e participação da turma), seguida de uma nova análise sintática da composição.

ENCONTRO 30 E 31

Exibição de documentário e roda de conversa.

SUGESTÃO

FAVELA NO AR, 2002. 52MIN. DIREÇÃO 13 PRODUÇÕES, ROSFORTH E STOCKTOWN.

Documentário que retrata o despertar do jovem pobre paulistano para a consciência social na identificação da vida que imita a arte com a arte que imita a vida. É o capítulo paulistano da história cultural do respeitado rap nacional na voz de seus principais expoentes.



ENCONTRO 32

Continuação do tema (versos, rimas e estrofes). Prevista para a conclusão da atividade voltada à escrita e reconhecimento de cada tipo de verso, estrofe e sua infinita forma de composição, associando-os à teoria musical e às técnicas de composição. Revisão das atividades anteriores com referência e metodologia com base em Ettore Pozzoli e Carlos Drummond de Andrade.

RITMO, PRODUÇÃO DO RAP NO BRASIL, DIFERENÇA DE ESTILOS

ENCONTRO 33

Audição das músicas. Acompanhamento das letras e grifo de alguns trechos, seguidos de discussão sobre a temática dos diferentes artistas. Roda de conversa sobre produção e os diferentes grupos de rap, tendo por referências Criolo, Ba Kimbuta, Rael, Lauren, Tabata Alves, Racionais MC's, Denna Hill, Luana Rodrigues.

POESIA PERIFÉRICA/MARGINAL

ENCONTRO 34

Apresentação da cultura literária periférica e de como os sujeitos históricos produzem suas poesias e crônicas, que dialogam diretamente com as suas realidades e vivências. Roda de conversa sobre o conteúdo.

SARAU DA COOPERIFA: POVO LINDO, POVO INTELIGENTE!, 2007. 50MIN.

Documentário sobre o Sarau da Cooperifa gravado em 2007, prêmio de Júri Popular para curta/média metragem no Festival CineEsquemaNovo de Porto Alegre.

BATALHA DE RIMAS

ENCONTRO 35

O encontro consiste em apresentar o freestyle (improviso) e propiciar uma dinâmica que envolva a criatividade sobre os temas já propostos e a criação de rimas livres. Dinâmica com os(as) jovens para produção de uma roda de rima.

Na cultura hip-hop e na música rap existe o **FREESTYLE** – rima feita no improviso (como o repente nordestino) – e disputas para descobrir quem é o melhor rimador no improviso. Esses desafios são conhecidos como “batalhas de freestyle”. No Brasil, temos muitos adeptos dessa manifestação artística, como Emicida, Criolo, Marechal, Max B.O. e Projota, entre outros.

ELABORANDO RIMAS 1

ENCONTRO 36

Consiste na elaboração de temas em conjunto para a produção do rap pelos(as) jovens. Escrita e aprimoramento de técnicas vocais.

PROTAGONISMO FEMININO

ENCONTRO 37

Roda de conversa sobre protagonismo feminino. Sugestões de nomes a serem abordados: Yzalu, Tassia Reis, Dina Di, Negra Li, Cris SNJ, Flora Mattos, Rubia RPW, Odisseia das Flores, Preta Rara, Nega Gizza (Fiel bailarino. Na humildade. Disponível em <www.youtube.com/watch?v=jnA98LZYTxE>, acesso em 18 abr. 2019.)

MARIA CAROLINA DE JESUS (1914 – 1977) é considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do Brasil. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, cresceu em uma família com mais sete irmãos, em Minas Gerais. Com sete anos iniciou seus estudos na escola (cursando somente dois anos do ensino fundamental) e logo desenvolveu o gosto pela leitura e pela escrita. Já adulta, morando em uma favela em São Paulo, foi descoberta por um jornalista que publicou seu primeiro livro Quarto de despejo – diário de uma favelada, derivado de um diário mantido por Maria Carolina. A obra foi traduzida para 16 idiomas e vendida em mais de 40 países.

ENCONTRO 38

Apresentar videoclipes de mulheres MC's de diversas vertentes para ampliar o conhecimento sobre o protagonismo feminino no rap. Discussão sobre machismo e cultura.

SUGESTÃO

GUERREIRAS DO RAP, 2002. 5MIN32S. DIREÇÃO TIAGO BAMBINE, PEDRO CALDAS E IVAN VALE FERREIRA (13 PRODUÇÕES). DOCUMENTÁRIO.

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=tecQ1V7QZl>. Acesso em 18 abr. 2019. O curta Guerreiras do rap – Dina Di, Negra Li & Rúbia – retrata o cenário do rap feminino no Brasil em 2002, com a participação de mulheres pioneiras em um movimento que até hoje é problematizado por ser machista, e assim promover a discussão entre os jovens sobre esse tema na atualidade.

ENCONTRO 39

Contribuições femininas para o rap. Analisar com os(as) jovens a música do gru-



po Visão de Rua – Dina Di, “Marcas da adolescência” (disponível em <www.youtube.com/watch?v=zpMQUIBqZwM>, acesso em 26 abr. 2019) para fomentar a discussão.

PRODUÇÃO POÉTICA 2 – COMPOSIÇÃO

ENCONTRO 40

Início do processo criativo das composições. Leitura dos textos e discussão.

ENCONTRO 41

Continuidade na construção poética – composição (processo criativo das músicas). Elaboração das músicas. Sugestão: apresentação do documentário O que é rap?, de Helião RZO, para o portal “Vaidapé”.

ELABORANDO RIMAS 2

ENCONTRO 42

Escrita e aprimoramento de técnicas vocais. O encontro consiste na continuação da elaboração de temas em conjunto para a produção do rap pelos(as) jovens.

RAP NACIONAL 2

ENCONTROS 43 E 44

Apresentação de documentário. Roda de conversa com discussão sobre os aspectos da vida do rapper Sabotage, evidenciados no documentário.

SUGESTÃO

SABOTAGE: MAESTRO DO CANÃO. 2010. 1H50MIN. DIREÇÃO IVAN 13P.

Mauro Mateus dos Santos ficou conhecido no Brasil através de outro nome: Sabotage. Crescendo em meio à pobreza de São Paulo, o homem, com singularidade musical, encontrou no rap espaço para se expressar. Neste documentário inédito, com depoimentos de artistas e cenas de arquivo da vida do rapper, ele fala, de forma aberta e espontânea, sobre a infância, a desigualdade, o descaso, a solidariedade, o passado e o futuro. O retrato de um músico que se tornou lenda após sua morte, e ainda é um dos nomes mais importantes do rap nacional.

ELABORANDO RIMAS 3

ENCONTRO 45

Escrita e aprimoramento de técnicas vocais. O encontro consiste na continuação da elaboração de temas em conjunto para a produção de rap pelos(as) jovens.

ENCONTRO 46

Encontro com o(a) autor(a). A intenção é diminuir a distância entre o(a) leitor(a) e o(a) autor(a), servir como incentivo ao(à) adolescente, mostrando ser possível outra forma de se expressar e semelhanças entre ele(a) e o(a) autor(a) em sua vida e origem. Visita de um(a) escritor(a) e/ou compositor(a) de algum livro ou música que esteja sendo usado nas oficinas ou que represente esse gênero autoral. Bate-papo em que os(as) adolescentes poderão conhecer um pouco mais sobre o(a) autor(a) e/ou compositor(a) do livro ou música com que tiveram contato.

PRODUÇÃO POÉTICA 3 – COMPOSIÇÃO

ENCONTRO 47

Continuidade no processo criativo das músicas produzidas pelos(as) adolescentes. Audição de algumas obras instrumentais e experimentação das músicas nas bases.

VOZ POÉTICA – PERFORMANCE

ENCONTRO 48

Exercício de voz e linguagem do corpo. Ensaio e leitura dos textos, poemas e das músicas criadas em sala. Debate sobre a importância da atitude performática, e exercício para desenvolvê-la, na apresentação de textos literários. O(A) arte-educador(a) orientará os(as) participantes na leitura dos textos observando pausas, pontuações e possibilidades cênicas.

ENCONTRO 49

Videoclipes e performances. Assistir vídeos e apresentações de artistas, como exemplo de performances. Roda de conversa, discussão sobre os vídeos assistidos.

RAP NACIONAL 3

ENCONTRO 50

Apresentação da música “Aquele mina é firmeza”, do Ndee Naldinho. Discussão sobre o tema da letra. Apresentação e contextualização de grupos e MC’s de rap.

ELABORANDO RIMAS 4

ENCONTRO 51

Escrita e aprimoramento de técnicas vocais. O encontro consiste na continuação da elaboração de temas em conjunto para a produção do rap pelos(as) jovens.

RAP E POLÍTICA

ENCONTRO 52

Roda de conversa sobre a força do discurso do rap nas periferias. Exibição da entrevista do rapper Mano Brown para a TV Cult, em que ele analisa sua carreira e as transformações sociais do Brasil nos últimos trinta anos.

Pedro Paulo Soares Pereira, nascido em 22 de abril de 1970, mais conhecido como **MANO BROWN**, é um cantor e compositor brasileiro. Ele é um dos integrantes dos Racionais MC's, grupo de rap formado na capital paulista em 1988 e integrado por Ice Blue, Edi Rock e KL Jay.

SUGESTÃO

Leitura da reportagem: **“MANO BROWN: EU QUESTIONO PORQUE NÃO BASTA SER”**
(disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mano-brown-entrevista/>).
Acesso em 26 mar.2019

RAP NACIONAL 4

ENCONTRO 53

Por meio das letras de rap, debater aspectos político-sociais presentes nas rimas. Apresentação e contextualização de letras de grupos e MC's de rap, entre elas, “É o Terror”, de GOG.

ELABORANDO RIMAS 5

ENCONTRO 54

Ensaio dos raps produzidos pelos(as) jovens. Finalização do trabalho da produção de um rap pelos(as) jovens e ensaio da apresentação.

ENCONTRO 55

Sequência de trabalhos para a finalização da produção de um rap pelos(as) jovens e ensaio da apresentação.

GRAVAÇÃO DE VOZES

ENCONTROS 56 E 57

Gravação de vozes (gravador portátil). Captação de vozes para criação de arranjos e produções fonográficas.

AVALIAÇÃO

ENCONTRO 58

Atividade “Escolhas e Oportunidades”. Nesse encontro cada adolescente receberá uma folha em branco, onde colocará seu pé/mão direito(a) em cima e, contornando-o, fará o mesmo com o membro esquerdo em outra folha. Dentro do contorno do pé/mão direito(a), o(a) adolescente irá escrever seus objetivos, e no lado esquerdo, o que está fazendo para conquistá-los. Refletir sobre seu futuro, o que busca para sua vida e qual a contribuição que seus passos agora estão dando para a realização de seus objetivos.

ENCONTRO 59

Reflexão e autoavaliação. Realização de roda de conversa em que os(as) adolescentes poderão se expressar livremente sobre o conhecimento assimilado e dificuldades encontradas, e sobre o que pretendem construir para o próximo período, podendo propor poesias e músicas que gostariam de ouvir. Finalizar/corrigir o exercício “Escolhas e Oportunidades”.

ENCONTRO 60

Avaliação Final. Neste ensaio, os(as) adolescentes deverão selecionar as bases para cantar suas músicas.

ENCONTRO 61

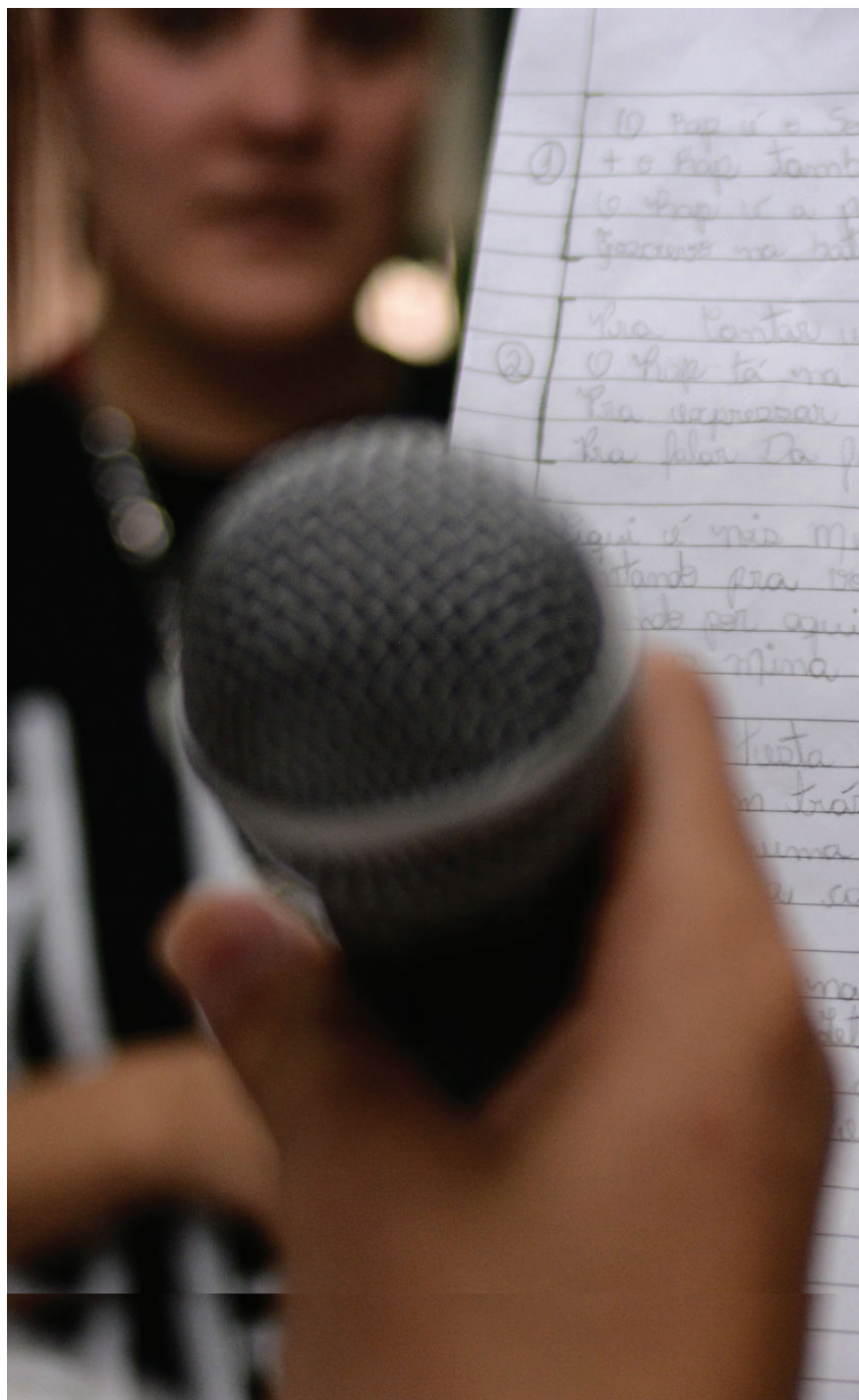
Avaliação Final. Neste ensaio, os(as) adolescentes vão rimar as suas letras nas bases selecionadas.

ENCONTRO 62

Entrega de certificados e apresentação das músicas.

ENCONTRO 63

Apresentação das atividades construídas durante o ciclo (a combinar com os(as) adolescentes).

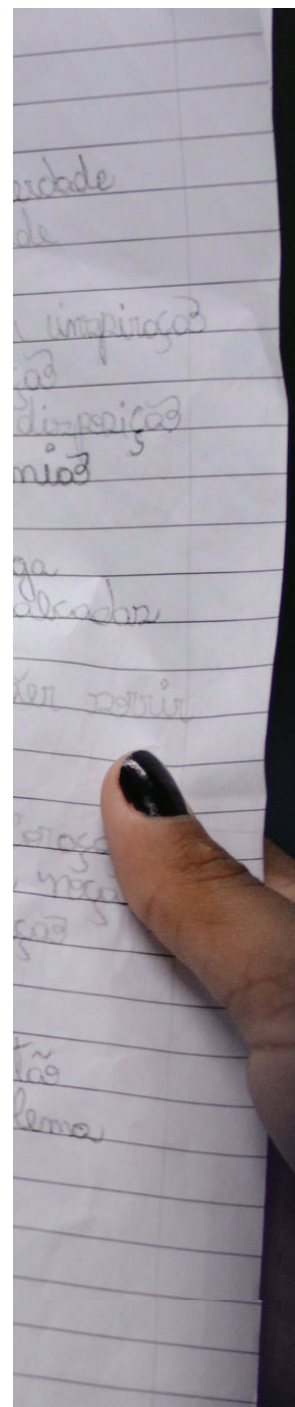


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POZZOLI
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
RACIONAIS
MV BILL
GOG
MARROM
ERICK 12
GEDSOM DIAS
NEGRA L
SHIRLEY CASA VERDE
RUBIA RPW
SABOTAGE
DINA DI
TWISTA,
DR. DRE
TUPAC
ZULU NATION BRASIL
KONQUIX
PORTAL RAP NACIONAL
DJ RM
MANOS E MINAS
105 FM
CHICO BUARQUE
DA BRAT
JAMES BROWN
STEFANI MC
ODISSEIA DAS FLORES
A'S TRINCA

VÍDEOS

CADILLAC RECORDS
50 ANOS JAMES BROWN
FAVELA NO AR
MAESTRO DO CANÃO
QUANTO VALHE OU É POR QUILO
RAÍZES
DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO
ESTÔMAGO
AMISTAD



CRISTIANE MOSCOU

Possui mais de 15 anos de experiência em condução e elaboração de projetos sociais e de educação com a comunidade e projetos para terceiro setor, bem como programas de inclusão de grupos, destacando trabalhos como a "Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop", "Projeto de Intercâmbio entre Hip Hop Brasileiro e Cubano", "Grupo de estudos de questões raciais na cultura brasileira" e "Presença do negro na cidade de São Paulo" tendo sido educadora em equipamentos na cidade de São Paulo: Programa Aprendiz Comgás, Museu AfroBrasil e Instituto Paulo Freire. Atuou na formação de professores, no desenvolvimento de atividades pedagógicas visando estimular o protagonismo juvenil, desenvolvimento de atividades pedagógicas ao ar livre, coleta e organização de informações para sistematização de atividades pedagógicas, desenvolvimento de atividades ligadas à história da África e cultura afro-brasileira nas áreas de arte, história e literatura. Desde 2014 realiza oficinas de literatura junto a jovens cumprindo medida socioeducativa de internação com fins de aproximação à leitura e escrita tendo como eixos transversais gênero e raça. Elaborou junto a eles saraus e livretos.

RUBIA RPW

(Rubia Paula Fraga) MC e militante da cultura Hip Hop desde 1989, formou com DJ Paul e W-Yo o grupo RPW, grupo histórico e reconhecido como o precursor do estilo "bate cabeça". Integrante do Conselho Participativo do Plano Juventude Viva do Governo Federal. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo. Atuante no coletivo Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop (FNMH2) em São Paulo em prol de promoção da equidade de gênero dentro da cultura. Arte educadora de rap no Projeto Arte na Casa da Ação Educativa, desenvolvendo com os jovens da Fundação CASA o pensamento crítico através da arte das palavras.

TATI BOTELHO

(Tatiana Botelho Forte Guedes de Andrade) "Tati Botelho a Zica da Catarina" é formada em Comunicação social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade Anhembi Morumbi e Design Gráfico pela Escola Panamericana. É arte educadora e rapper. Nascida e criada na Vila Santa Catarina, bairro da Zona Sul de São Paulo, se destacou em saraus e chegou no rap com seus versos pesados e sua maneira contundente de cantar.

MC TOROKÁ

(Carlos Eduardo Fagundes Maia) Produtor de conteúdo para mídias e aplicativos móveis e da internet para os projetos (TRK Produções, Radio Konquix e Radio Com Com) - 2009-2019. Produtor do duelo de mc's (Batalha de São Mateus), evento que tem como natureza potencializar artistas que fazem improviso por meio do rap. Arte educador no projeto arte na casa durante o ano de 2018, rapper atuante desde o ano de 1997, artisticamente mais conhecido como MC Toroká. Possui formação em criação de rádio, tv, jornal, cinema e gestão de empreendimentos sociais e privados.





ARTES

DO

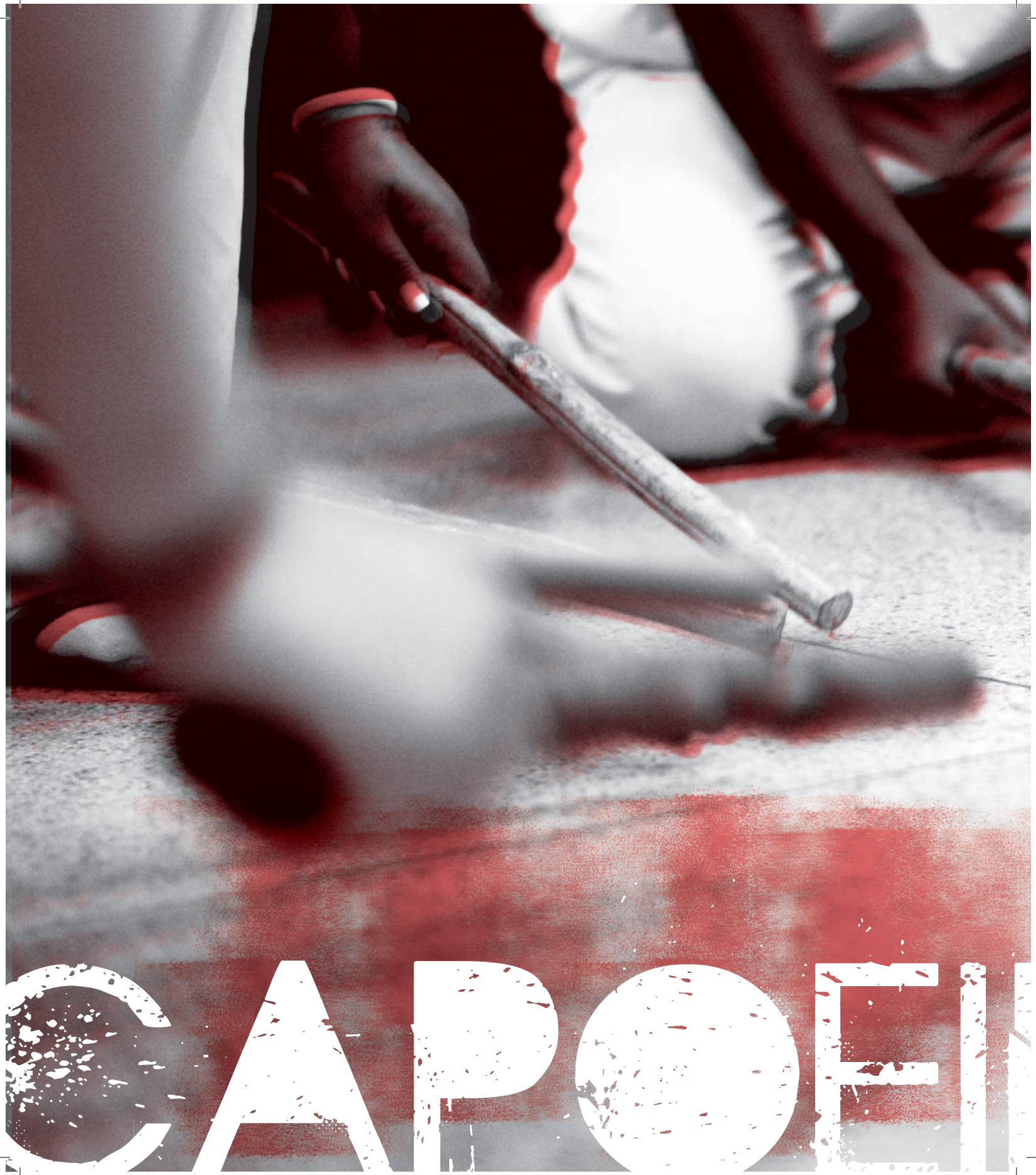
C

O

R

P

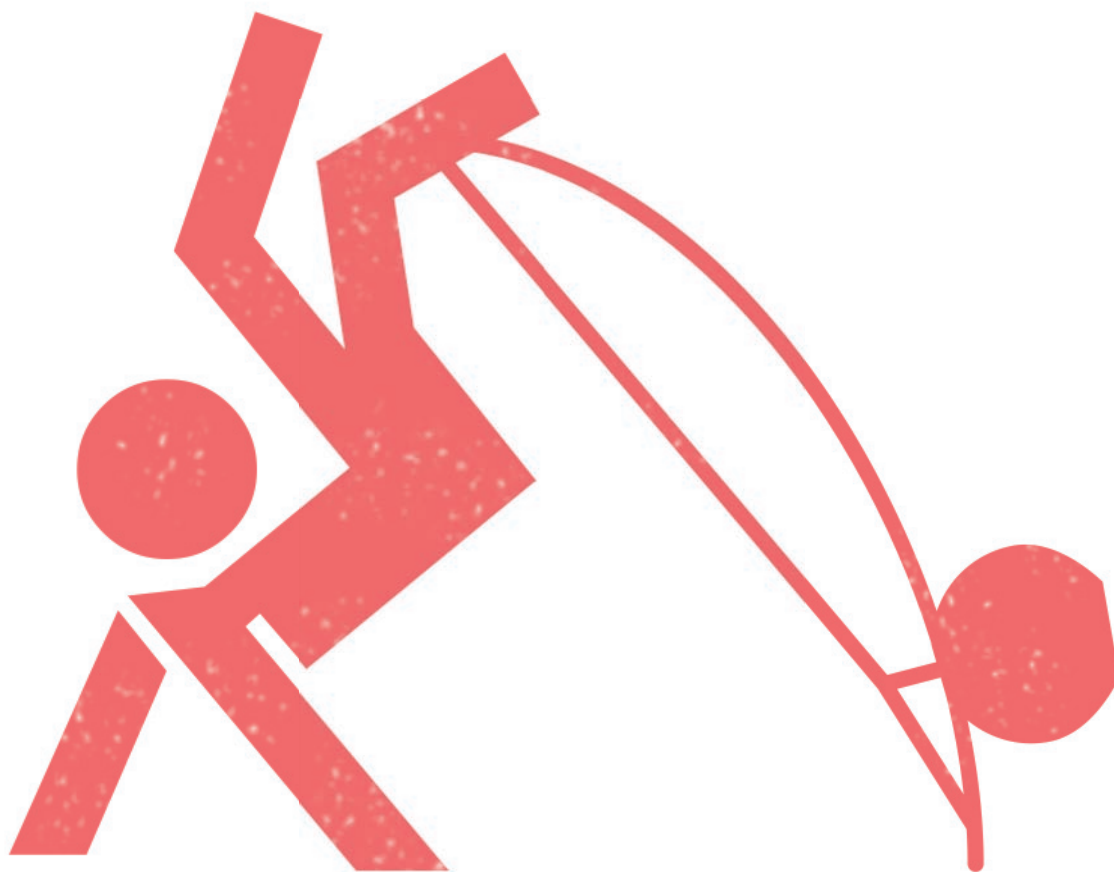
O



CAPPEL



CA PO EI OFICINA DE RA RA



INTRODUÇÃO

A oficina enfatiza a capoeira social, abrigando gênero e comunidade. As atividades são pensadas para colaborar com o desenvolvimento físico e sociocognitivo dos(as) adolescentes.

Incentiva a autoanálise e o aprendizado, valorizando o(a) adolescente em sua individualidade, de modo que a prática da capoeira seja um jogo de prazer e nunca de violência.

Visa criar oportunidade por meio da promoção cultural, levando conhecimentos sobre a história afro-brasileira no contexto da musicalidade, tais como: cantigas, ladainhas, corridos, chulas, quadras e instrumentos (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô e reco-reco).

São usadas estratégias como aquecimento lúdico e recreativo, alongamento estacionário, balístico e relaxamento. Deslocamentos diagonais, jogos de lógica e raciocínio. Jogos dinâmicos cooperativos e brincadeiras de rua com embasamento teórico na metodologia de Jean Piaget, Vygotsky e Kishimoto. Diagonais com deslocamentos, planos, velocidade e direções, criação, registro e repetição de sequências de movimentos.

OBJETIVO

Mostrar a capoeira como a arte de brincar com o corpo, através de jogos cooperativos e dinâmicas em grupo. Ensinar que capoeira é uma demonstração dos conhecimentos ancestrais e populares, que são difundidos por meio de suas cantigas, mitos e fundamentos e que traz como tema de seus versos ou de seus contos rimados, personagens como Mestre Pastinha, Mestre Bimba, Besouro Preto e Zumbi dos Palmares, dentre outros. Mostrar que capoeira é uma manifestação artístico-cultural que abrange o universo da dança, da música, da literatura e da arte marcial.

Abordar temas como: racismo, gênero e classe social, pois os mesmos dialogam com a arte. Estimular a disciplina de uma forma prazerosa pra ajuda-los a alcançar seus objetivos. Aumentar a coordenação motora, percepção, raciocínio lógico e concentração através da roda de capoeira. Despertar o lúdico por meio de brincadeiras folclóricas. Prepará-los como cidadãos desenvolvendo sua autoestima e o trabalho em equipe realizando-o com desinibição, potencial artístico e criador.

CONTEÚDOS ABORDADOS

- História do período de escravização e o surgimento da capoeira.
- História dos primeiros e dos principais mestres.
- História da capoeira angola, regional e contemporânea.
- História, expressão corporal e desenvolvimento da ginga em seus respectivos ritmos.
- Histórias das manifestações culturais (jongo, maculelê, samba de roda, coco de roda, frevo, puxada de rede) e seus períodos de proibições, inclusive de jogar capoeira.
- Luta, influência e permanência das mulheres na arte capoeirística.
- Musicalidade (instrumentos, melodias, ritmos, cantos e letras de músicas).
- Golpes frontais e giratórios.
- Acrobacias de chão e aéreas.
- Movimentações e sequências que interligam ginga, golpe e floreios.
- Capacidades coordenativas e motoras.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Papel sulfite, lápis, apontador, borracha, tatames ou colchonetes, fotos dos mestres antigos e imagens do período da escravidão, fitas de pano preto, corda, músicas de cantigas de roda e de capoeira, músicas diversas, berimbaus completos (baqueta, dobrão, caxixi, cabaça e arame), gunga médio, viola, atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco. Equipamentos de som e de vídeo e suporte para arquivos.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

“Um dos elementos essenciais da capoeira é a sua diversidade. Afinal, capoeira é arte, luta, dança, brincadeira ou jogo? Não é nenhuma dessas coisas isoladamente, e sim um pouco de cada, mescladas dentro de uma dinâmica e sinergia impares. É dentro desta dinâmica que a capoeira ganha forma, faz e refaz a si mesma a cada jogo, a cada roda.”
(Mestre Gladson. 2008)

ENCONTRO 1

Apresentação da Arte Educadora, da oficina e dos/as adolescentes.

Principal: Será aplicado um questionário (Quem sou eu?) e construção dos combinados.
Segundo momento: Apresentação do Berimbau, com toques, cantigas e sua história.

ENCONTRO 2

Aula teórica: Roda de conversa para conhecer melhor a turma (nomes, idades e se já fizeram ou não capoeira e por quanto tempo). A história da capoeira angola e regional e quem são: Manoel dos Reis Machado (Mestre bimba) e Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha). Apresentação da oficina como arte e cultura dentro do espaço com privação de liberdade, combinados e um breve relato sobre minhas vivências. Dinâmica de quebra de gelo: pres-pres (presidente), vice-vice (vice presidente) e mini-mini (ministro) cada participante fica com um desses cargos e o restante variam do número 1 ao 12 ou quantos tiverem na turma. O presidente inicia o jogo falando o seu nome duas vezes (PRES-PRES) e chamando um outro aleatório (também duas vezes -> ex: um-um) se o número um não responder corretamente (um-um e chamar o próximo -> ex: mini-mini), estará fora por uma rodada. O objetivo da dinâmica é deixar os participantes atentos e testa a agilidade dos mesmos, ajuda com a criatividade e diversão.

ENCONTRO 3

Contextualização histórica do período da escravidão e o surgimento da capoeira. Importância da capoeira como forte ferramenta de respeito, união, companheirismo e patrimônio imaterial da humanidade. Apresentação dos mestres importantes para a estruturação da arte.

O nome **CAPOEIRA ANGOLA** surgiu do fato de os senhores de engenho, ao flagrar os negros jogando, fazerem o seguinte comentário: “Os negros estão brincando de Angola” – movimentos muito raros nas fazendas. Com as fugas em massa das fazendas, a capoeira se afirmava como arma de defesa em meio às grandes matas, onde se situavam os Quilombos.

A **CAPOEIRA REGIONAL** é caracterizada pela agilidade de seus movimentos, mais variados do que os da capoeira angola, em que Manoel dos Reis Machado se baseou para criá-la.

MESTRE PASTINHA

Vicente Ferreira Pastinha foi quem ficou responsável por organizar a capoeira primitiva, que mais tarde foi denominada angola. Ele foi o grande nome e defensor dessa modalidade.

MESTRE BIMBA

Manuel dos Reis Machado, criador da capoeira na Bahia, mais tarde chamada de capoeira regional, que consiste na junção da capoeira primitiva (angola) com a luta batuque (luta/dança parecida com a capoeira jogada ao som de músicas ritmadas por pandeiro, na qual os jogadores usavam as pernas para desequilibrar o adversário). Criou uma sequência que consiste em oito partes, predeterminadas em ataques e defesas em duplas.

ENCONTRO 4

Aquecimento lúdico para o resgate do brincar. Iniciação à ginga e aos golpes frontais.

Conhecendo a ginga:

Em duplas (segurando as mãos), Um de frente para o outro. Em duplas (um ao lado do outro)

O primeiro contato com as movimentações da capoeira regional.

Em duplas: sequência (1)

Jogador 1: (meia lua de frente (perna direita), Meia lua de frente (perna esquerda), armada (perna direita) e au.

Jogador 2: cocorinha (mão direita no chão), cocorinha (mão esquerda no chão) negativa e aú)

Final: Roda de conversa (dificuldades e facilidades) e relaxamento (música, de capoeira, cultura popular e/ou mpb)

***A sequência de Mestre Bimba traz para o adolescente a importância do trabalho em equipe e respeito as diferenças.**

DESCRIÇÃO DOS MOVIMENTOS DA SEQUÊNCIA 1:

MEIA LUA DE FRENTE: estando com as pernas lado a lado, lança-se uma das mesmas estica varrendo a horizontal em um movimento de rotação de fora para dentro, fazendo a trajetória de uma meia-lua. Aplicando com a parte interna no pé.

ARMADA: é o chute com o lado externo do pé, em que o corpo dá um giro de 360 graus por trás.

COCORINHA: é o movimento de esquiva em que o praticante se abaixa até ficar rente ao solo, com as duas pernas flexionadas para desviar do movimento de ataque.

NEGATIVA: é o movimento de esquiva em que o praticante se abaixa até ficar rente ao solo, com uma perna estendida e a outra flexionada para desviar do movimento.

AÚ: é o movimento de deslocamento também conhecido como “estrela”. Serve como esquiva contragolpes de rasteira.

ENCONTRO 5

Início: aquecimento lúdico (com movimentações da capoeira (resgatando as movimentações da sequência 1), mestre Bimba, explorando a criatividade dos adolescentes)

Alongamento dinâmico: em duplas cada adolescente irá auxiliar seu parceiro para explorar a amplitude das movimentações muscular e articular, tanto para membros superiores (tronco, braços e pescoço), como para membros inferiores (Pernas).

***O alongamento previne lesões, levando oxigênio para os músculos e fortalecendo as articulações.**

Principal: sequência 2

Jogador 1 (queixada (perna direita), queixada (perna esquerda), cocorinha/benção (perna direita) e au

Jogador 2 (cocorinha, cocorinha/armada (perna direita), negativa (perna direita), cabeçada)

DESCRIÇÃO DOS MOVIMENTOS DA SEQUÊNCIA 2:

QUEIXADA: movimento circular com a parte externa do pé

BENÇÃO: é o movimento frontal no qual se aplica ao parceiro com a sola do pé.

CABEÇADA: ato de empurrar o parceiro com a cabeça.

ENCONTRO 6

Revisão da aula 3 – aquecimento (correr, polichinelo, abdominais, flexão, deslocamentos laterais e ponte). Golpes frontais: ponteira, bênção, martelo, chapa, meia-lua de frente; cocorinha, esquiva lateral e resistência; queixada de dentro e queixada normal; aú, rolê, aú com rolê, aú pulando para trás, aú pulando de rasteira. Fortalecimento e roda de treino (apenas com os exercícios feitos na aula).

PREPARAÇÃO DO CORPO E DA MENTE

A **GINGA** consiste no movimento ritmado de todo o corpo, acompanhando o toque do berimbau, com a finalidade principal de manter o corpo relaxado e o centro de gravidade do corpo em permanente deslocamento, pronto para esquiva, ataque, contra-ataque ou fuga. Durante o gingado, o praticante deve manter-se em movimento permanente, simulando tentativas de ataque e contra-ataque, sempre atento às intenções do parceiro, em contínua postura mental de esquiva e proteção dos alvos potenciais de ataques.

ENCONTRO 6

Dinâmica de confiança (“leva para Palmares”), com o objetivo de trabalhar a confiança entre os(as) adolescentes e experimentar sensações e emoções inusitadas. Ter confiança é essencial para desenvolver a capoeira e suas potencialidades.

Processo da dinâmica: em duplas, um(a) adolescente será o(a) condutor(a) e o(a) outro(a) será conduzido(a). O(A) conduzido(a) estará de olhos vendados. Dispostos(as) em uma quadra ou sala, eles(as) serão guiados(as) por seus(uas) condutores(as), seguindo os desafios propostos pelo(a) arte-educador(a). Após concluir os desafios, os(as) adolescentes deverão trocar de papéis.

Atividade: processo pedagógico da bananeira (parada de mãos). Em duplas, trabalho de fortalecimento de braços com flexões (simples), 20 repetições, flexão com as pernas suspensas (o(a) parceiro(a) segura as pernas), bananeira tendo como apoio a parede (o(a) parceiro(a) auxilia no apoio dos pés), e sem o apoio da parede (para estimular o(a) parceiro(a) a suspender as pernas e confiar na segurança do(a) outro(a)).

ENCONTRO 7

Aula com vídeo. As aulas de vídeos, são dirigidas, os filmes escolhidos servem para complementar temas abordados em sala de aula. Dentro de cada ciclo procuro passar três filmes ou documentários, e explorar em *círculos de cultura os temas abordados.

SUGESTÕES

BESOURO (Besouro era o sobrenome do reconhecido capoeirista Manuel Henrique Pereira. O filme conta a história deste órfão que se transformou num dos grandes mestres da capoeira, disciplina criada por escravos africanos que eram proibidos de utilizar armas.)

ESPORTE SANGRENTO (O ex-boina verde Beret Louis retorna para sua velha escola de artes marciais em Miami e recebe sua mais difícil missão: mostrar para um grupo de 12 adolescentes (temidos da região) que existem outros caminhos na vida diferentes daqueles que os levaram para a desistência da escola e vida do crime. Esta ajuda vem com a capoeira que ele aprendeu no Brasil na época que cumpria serviço militar.)

Capitães de areia (Pedro Bala, Professor, Gato, Sem Pernas e Boa Vida são adolescentes abandonados por suas famílias, que crescem nas ruas de Salvador e vivem em comunidade no Trapiche. Eles praticam uma série de assaltos e são constantemente perseguidos pela polícia.)

MESTRE BIMBA, A CAPOEIRA ILUMINADA (Mestre Bimba, a Capoeira Iluminada é um filme documentário de longa-metragem que conta a história de Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, um grande nome da capoeira e o fundador e criador da Capoeira Regional.

A GANGUE ESTÁ EM CAMPO (ex-jogador que trabalha como oficial de justiça no centro de detenção juvenil, incomodado com a falta de disciplina, autoestima, união, e perspectiva de vida desses jovens prisioneiros, Sean sugere criar um time de futebol americano para incentivar os rapazes a darem a volta por cima e consertarem os erros do passado).

HOMENS DE HONRA (Carl Brashear, um jovem negro, entra para a Marinha americana nos 50, época em que o racismo prevalecia no país. O jovem enfrenta o preconceito de seus colegas brancos e de seu instrutor, mas sua coragem e determinação conquistam o respeito de todos)

ENCONTRO 8

Neste momento falo para os adolescentes expressar na folha o que mais chamou atenção deles no filme, com desenhos ou escrita. Recolho o material e faço algumas perguntas:

Existe algum momento do filme que parece com a realidade de vocês?

Qual foi o tema principal do filme?

O filme passou em qual época? Alguma coisa mudou para os dias atuais?

O que você vai levar do filme, como aprendizagem?

ENCONTRO 9

Aquecimento lúdico com corda: a corda deve ser estendida de uma extremidade a outra da sala, segurada por um(a) adolescente em cada ponta. O nível da corda vai subindo na medida em que se torna fácil de pular, levando os(as) adolescentes a de-

safiar a si mesmos(as). Pular corda de um lado para o outro com pés unidos. Pular fazendo o aú. Gingar passando por baixo da corda.

ENCONTRO 10

Aquecimento (para frente e para trás ombros, braços, pernas, pulsos, calcanhar, tornozelos, coluna e panturrilha). Ginga: todo mundo com todo mundo (montam-se duplas e seus(uas) integrantes trocam de parceiro(a) quando a música acaba; assim que começa uma nova música, a ginga recomeça com outra pessoa); ginga com pulo para trás; ginga para os 4 lados; ginga com giro para a frente e para trás direto. Revisão dos golpes frontais (martelo, benção e chapa) em dupla no aparador de chute. Meia-lua de frente e esquivas laterais. Queixada e cocorinha. Chapa e resistência. Introdução aos golpes giratórios: finta da armada (10 para cada lado), soltar a armada (10 para cada lado). Finta da meia-lua de compasso (10 para cada lado), soltar a meia-lua de compasso (10 para cada lado). Ponte e parada de mão na parede.

ENCONTRO 11

Retomada do sexto encontro com intuito de aquecer o corpo por meio da ludicidade dos exercícios realizados com corda e resgatar cantigas e brincadeiras da infância. Em fila indiana, um(a) a um(a) entra na corda para pular. No início pulam de 5 a 10 vezes, podem começar com a corda parada ou em movimento (aumenta-se o grau de dificuldade).

ALGUMAS VARIAÇÕES DE MOVIMENTO E DAS MÚSICAS CANTADAS:

FOGUINHO: *Salada saladinha, bem temperadinha, com sal, pimenta, fogo, foguinho!*
Nessa brincadeira a corda vai acelerando a rotação e quando chega ao “foguinho” deve estar em alta velocidade.

HOMEM BATEU EM MINHA PORTA: *O Homem bateu em minha porta e eu abri. Senhoras e senhores, ponham a mão no chão. Senhoras e senhores, pulem de um pé só. Senhoras e senhores, deem uma rodadinha e vão para o olho da rua! Ra, re, ri, ro, rua!*
Pode-se fazer variações com movimentos da capoeira, por exemplo: senhoras e senhores, façam cocorinha, senhoras e senhores, façam a negativa, senhoras e senhores, vão para o olho da rua! De parafuso!

RELOGINHO: todos em pé, adolescentes formam um círculo. Arte-educador(a) fica no centro da roda e gira a corda próximo ao chão. O objetivo é que todos pulem a corda sem parar. Quando um(a) adolescente pisa na corda, é ele(a) quem vai para o centro girar e subir um pouco o nível da corda, e assim sucessivamente cada vez que um(a) triscar nela.



Revisão do encontro anterior: ginga com pulo para trás, ginga para os 4 lados, ginga para frente e para trás direto. Meia-lua de frente e esquiv lateral. Queixada com rasteira em pé. Chapa com resistência. Golpes giratórios: finta da armada (10 para cada lado), soltar a armada (10 para cada lado). Finta da meia-lua de compasso (10 para cada lado), soltar a meia-lua de compasso (10 para cada lado). Aú, aú com rolê, aú com pulo para trás, aú com pulo saindo de rasteira. Aú agulha, aú chibata, aú amazonas. Bico de papagaio em dupla. Alongamento dirigido (o(a) arte-educador(a) força – no limite do(a) adolescente – as aberturas laterais e frontais) e borboleta.

INSTRUMENTOS

ENCONTRO 12

Apresentação dos instrumentos que compõem a roda de capoeira. Berimbaus: gunga (médio e viola), atabaque/conga, pandeiro, agogô, reco-reco. História dos instrumentos e os principais toques utilizados na roda (São Bento Grande de Angola, São Bento Pequeno, Angola e São Bento Bimba).

Círculo de cultura: abrir para perguntas dos(as) adolescentes. Construção da roda de capoeira, local e ordem que ocupam os instrumentos na roda. Por onde entrar para jogar e como sair da roda. Quando pode cortar o jogo.

MUSICALIDADE

ENCONTRO 13

Apresentação da função, divisões e estudo das letras das músicas – cada adolescente terá uma cópia das músicas para que estudem as estrofes e façam levantamentos. Roda de musicalidade (trabalhando as cantigas estudadas) e roda de capoeira.

QUAL A FUNÇÃO DA MÚSICA?

É educar, apontando como deve ser o comportamento do capoeirista, o discurso moral e a filosofia da própria capoeira. Sousa (1998) diz:

“O aprendizado depende, em primeiro lugar, do aprendiz. Uma forma importante de adquirir conhecimentos sobre Capoeira é através das letras das cantigas, nas chulas, nos corridos ou nas ladainhas [...] são os mestres e contramestres que transmitem os fundamentos da capoeira, muitas vezes através das cantigas. Geralmente é através da improvisação do texto num contexto específico que o Mestre explica, mostrando e cantando, o fundamento da Capoeira, para que o aprendiz que está jogando ou observando (p.135)”.

LADAINHA: momento em que o capoeirista mais velho (Mestra/Mestre) ou quem está no berimbau gunga canta. As ladainhas trazem um contexto de história da capoeira, de mestres e mestras, do cotidiano e de ensinamentos vividos pela cantadora/cantador etc. (não inclui palmas e na ladainha somente os berimbaus tocam).

EXEMPLO DE LADAINHA:

Dona Isabel, que história é essa	De se acabar com essa maldade
De ter feito a abolição	De se ensinar aos nossos filhos
De ser princesa boazinha	O quanto custa a liberdade
Que libertou a escravidão	Viva Zumbi, nosso guerreiro
Tô cansado de conversa	Que fez-se herói lá em Palmares
Tô cansado de ilusão	Viva a cultura desse povo
Abolição se fez com sangue	A liberdade verdadeira
Que inundava esse país	Que já corria nos quilombos
Que o negro transformou em luta	E já jogava Capoeira
Cansado de ser infeliz	Iê, viva Zumbi
Abolição se fez bem antes	Iê, viva Zumbi, camará
E ainda há por se fazer agora	Iê, viva Palmares
Com a verdade da favela	Iê, viva Palmares, camará
Não com a mentira da escola	Iê, a Capoeira
Dona Isabel, chegou a hora	Iê, a Capoeira, camará

CORRIDO: momento em que o jogo é acelerado, a cantiga é rápida de acordo com o toque sugerido (normalmente no toque de são bento grande de Angola e de são bento bimba). O cantador/cantadora faz versos curtos e simples, com a resposta rápida do coro (inclui palmas e todos os instrumentos tocam juntos).

EXEMPLO DE CORRIDO:

Paraná ê, Paraná ê, Paraná	
Vou dizer pra minha mulher, Paraná	Isso não acontecer, Paraná
Capoeira me venceu, Paraná	Paraná ê, Paraná ê, Paraná
Paraná ê, Paraná ê, Paraná	É de vera que o morro, Paraná
Ela que bateu o pé firme, Paraná	Se mudou para a cidade, Paraná

QUADRA: uma estrofe curta, de apenas quatro versos, podendo variar de acordo com a criatividade do cantador ou cantadora (inclui palmas e todos os instrumentos tocam juntos).

EXEMPLO DE QUADRA:

"Ninho de minhoca"	eu sei que não me engana
Ninho de minhoca	mas engana muita gente,
se achando serpente	camará

CHULA: versos criados na hora, o cantador ou cantadora faz improviso com os acontecimentos da roda (jogo) ou sobre algum participante.

ENCONTRO 14

Brincadeiras populares para aquecer o corpo e estimular o trabalho em equipe. Carrinho de mão. Corrida com os pés amarrados. Pega-pegas ajuda. Balões (acrobacia realizada com a ajuda de um(a) colega na qual um(a) arremessa o(a) outro(a)): em dupla, costas com costas, puxando pelos braços e fazendo com que o(a) outro(a) vire uma cambalhota por cima de sua cabeça; balão do jiu; balão da cambalhota para trás rolando pelas costas; balão um(a) na frente e o(a) outro(a) atrás (pegar pelo pescoço e arremessar para frente); balão da bananeira (um(a) faz a bananeira, outro(a) pega o(a) que está na bananeira pelos ombros e o(a) impulsiona para frente). Roda de capoeira com jogo livre tentando inserir os balões da aula. Alongamento com música variada.

ENCONTRO 15

Aquecimento. Retomada dos balões: em dupla, costas com costas, puxando pelos braços e fazendo com que o(a) outro(a) vire uma cambalhota por cima de sua cabeça; balão da bananeira (um(a) faz a bananeira, outro(a) pega o(a) que está na bananeira pelos ombros e o(a) impulsiona para frente). Mortal jogado e cintura desprezada. Início do parafuso (em dupla dão as mãos em x e um(a) ajuda o(a) outro(a) a virar; ainda em dupla, um(a) faz uma mesa com as costas e outro(a) vira por cima). Roda de capoeira com jogo livre, tentando inserir os balões da aula e o parafuso. Alongamento com música variada.

ENCONTRO 16

Principal: sequência (3)

Jogador 1 godeme (mão direita), godeme (mão esquerda), arrastão e au.

Jogador 2 bloqueio (mão esquerda), bloqueio (mão direita) galopante (mão direita) negativa (perna direita) e cabeçada

DESCRIÇÃO DOS MOVIMENTOS DA SEQUÊNCIA 3:

GODEME: Este golpe é aplicado com as costas da mão fechada, pode ser feito também com um giro corporal.

ARRASTÃO: puxam-se as duas pernas do parceiro com as mãos,

BLOQUEIO: bloquear os movimentos com a parte interna das mãos

ENCONTRO 17

Exibição de filme relacionado aos conteúdos propostos.

SUGESTÃO

RAÇA, 2016. 2H14M. DIREÇÃO STEPHEN JAMES.

Jesse Owens, ao ingressar na carreira de atleta, carrega o fardo das expectativas da família,

tensões na Universidade do Estado de Ohio, onde estuda, e seus próprios altos padrões para competição. Com o apoio do treinador Larry Snyder, torna-se o maior atleta da história ao participar dos Jogos Olímpicos de 1936. No entanto, os desafios só aumentam ao se deparar com Adolf Hitler e sua visão de supremacia ariana na Alemanha, sede do evento.

ENCONTRO 18

Término do filme com roda de conversa. Discussão sobre filme, baseado em uma história real, ocorrida no período da ditadura militar alemã, com o intuito de compreender um pouco esse período sombrio da história onde líderes políticos se achavam donos das vidas, no direito de pregar o ódio entre as pessoas separando-as pelo tom de pele, origem geográfica e religião. Um filme que relata fatos da História ocorridos em 1936, mas que, infelizmente, ressurgem pelo mundo quase 100 anos depois.

Dinâmica em grupo sobre somar força e acreditar em seus iguais: em uma roda com cadeiras em número equivalente à quantidade de participantes, os(as) adolescentes deverão se sentar na lateral direita, deitando-se de costas no colo do(a) outro(a), e as cadeiras deverão ser removidas, para que se apoiem apenas um(a) no(a) outro(a), buscando o equilíbrio e a confiança.

CONHECENDO E CONSTRUINDO O BERIMBAU.

ENCONTROS 19, 20, 21 E 22

Apresentar a história do berimbau e sua importância para a capoeira. Iniciar a construção de berimbaus a partir das técnicas de descascar as vergas, lixá-las e colocar couro no topo da verga. A construção será realizada em quatro encontros onde o primeiro se descasca e lixa a verga e coloca-se o couro no topo da verga. No segundo se inclui o arame e escolhe as cabaças depois de lixá-las. No terceiro monta-se o berimbau e inclui os acessórios (dobrão, baqueta e caxixi)

No último encontro realizamos vivências com os toques do Berimbau (São Bento Grande de Angola e São Bento Pequeno e Angola)

Ao final falar sobre a experiência de construir o Berimbau, de tocar o instrumento que você construiu.

O **BERIMBAU** é um instrumento de percussão característico do Brasil, figura indispensável em todas as rodas de capoeira, apesar de estar presente em outros contextos, como por exemplo as celebrações do candomblé-de-caboclo (segmento do candomblé que inclui em seu meio o culto a outras entidades de origem indígena e mestiça). Nos tempos de escravidão, os africanos utilizavam-se do berimbau para comunicar-se de modo sigiloso. Na Capoeira ele comanda, começa e termina a roda, ditando a velocidade do jogo e do estilo.

Existem três tipos de berimbaus, que diferem pelo tamanho da cabaça e pelo passo de som que produzem:

GUNGA é o maior tipo de Berimbau, ele produz um tom baixo do som, e começa a tocar primeiro.

Após o Gunga vem o **MÉDIO**.

O menor Berimbau é chamado **VIOLA**. Ele produz o campo sonoro mais elevado entre os três.

ENCONTRO 23

Floreios (movimentos que têm um alto grau de complexidade, levando os(as) adolescentes a ter um melhor conhecimento de si e de suas habilidades motoras, fazendo-os(as) superar desafios).

Aquecimento: Ponte (usando a parede como apoio) ou em duplas, ponte do chão, ponte em pé e macaquinho. Roda de capoeira.

ENCONTRO 24

Aquecimento funcional e preparação física: agachamento, flexões, prancha, prancha com movimentação de braço, banquinho na parede, bananeira andando na parede (lado direito e esquerdo), posição de corrida – alternar as pernas sem sair do lugar, jogando as duas pernas para trás – com as duas mãos no chão. Movimentação: em duplas (parada de mãos, retomada das pontes, parada de cabeça, aú de chão). Roda de conversa sobre as complexidades das movimentações.

ENCONTRO 25

Aquecimento. Aú com a cabeça no chão, parada de cabeça, parada de mão descendo para a cabeça e subindo novamente para a mão. Início de pião de cabeça. Aú reversão por cima, aú de coluna, pulo do palhaço, pulo do palhaço sem as mãos e cama de gato. Quedas: tesoura de frente, tesoura de costa, vingativa e banda na meia-lua de compasso. Aú e passa pé. Parada de mão na parede quebrando a cintura para a lateral e com os pés para a frente. Relaxamento dirigido.

ENCONTRO 26

Oficina “Meu mestre mandou”: cada adolescente escolhe um movimento com que mais se identifica (seja golpe, movimento ou floreio) e todos(as) fazem juntos(as) dez repetições e, assim, sucessivamente, e até que todos(as) tenham participado, com o objetivo de desenvolver o espírito de liderança, o trabalho em equipe e potencializar a memória.

FLEXIBILIDADE

A **FLEXIBILIDADE** é muito importante para o ser humano, independente da sua condição física e idade.

Pessoas que treinam e melhoram a sua flexibilidade conseguem possuir inúmeras vantagens em relação àquelas que não a treinam.

Uma boa flexibilidade promove inúmeros benefícios, como podemos notar:

- Melhor rendimento nas tarefas diárias;
- Maior coordenação na realização dos movimentos;
- Maior capacidade de prevenção no caso de lesões musculares e articulares;
- Melhor ajuste da postura corporal;
- Menor incidência de quedas, por encurtamentos musculares e articulares, principalmente no caso dos idosos;
- Mais disposição do indivíduo em seu dia a dia.

ENCONTRO 27

Em duplas, afastamento de pernas (um(a) adolescente permanece em pé e outro(a) sentado(a) com as pernas afastadas). O(A) que está em pé, estimulando um afastamento maior, mantém o(a) outro(a) na posição por aproximadamente 1 minuto. Depois disso os papéis se invertem.

Pernas unidas sem flexionar joelhos (sem dobrar). O(A) adolescente que está em pé auxilia o(a) que está sentado(a), estimulando-o(a) a encostar a cabeça nos joelhos empurrando suas costas. Após 1 minuto, inverter os papéis.

Ponte: um(a) adolescente deita de barriga para cima, apoiando as mãos no chão ao lado da cabeça e com as pernas flexionadas e os pés inteiramente no chão; outro(a) fica em pé, dando auxílio nas costas e lombar e puxando-as para cima. Após 1 minuto invertem as posições.

Floreios: beija-flor, ponte com reversão, macaquinho, queda de rins e aú com a cabeça no chão.

ENCONTRO 28

Retomada dos exercícios de flexibilidade: em duplas, afastamento de pernas (um(a) adolescente em pé e outro(a) sentado com as pernas afastadas). O(A) que está em pé, estimulando um afastamento maior, deve manter o(a) outro(a) na posição por aproximadamente 1 minuto. Depois disso os papéis se invertem.

Borboleta: o(a) adolescente que está sentado une as solas do pé e puxa as pernas para perto de si. O(A) que está em pé ajuda empurrando os joelhos do(a) colega para que fiquem o mais próximo possível do chão.

Pernas unidas sem flexionar joelhos (sem dobrar). O(A) adolescente que está em pé auxilia o(a) que está sentado a encostar a cabeça nos próprios joelhos empurrando suas costas. Após 1 minuto, se invertem os papéis.

Ponte: um(a) adolescente deita de barriga para cima, apoiando as mãos no chão ao lado da cabeça e com as pernas flexionadas e os pés inteiro no chão, o(a) outro(a) fica em pé dando auxílio nas costas e lombar e puxando-as para cima. Após 1 minuto se invertem as posições.

Floreios: beija-flor, ponte com reversão, macaquinho, queda de rins, aú com a cabeça no chão, macaco em pé e pulo do palhaço.

TÉCNICAS DE SALTOS

ENCONTRO 29

Aquecimento. Fortalecimento dos membros inferiores (saltos a distância, salto sobre a corda). Trabalho de capacidades físicas (explosão muscular).

PRINCIPAL: TÉCNICA DE SALTOS.

FLICK (FLÍPER): rotação de corpo completa ao redor de um eixo horizontal.

MORTAL (DE BASE): volta completa do corpo no ar, sem tocar as mãos no chão, usando como apoio as mãos do parceiro de treino, para impulsioná-lo para o alto.

MORTAL (SEM AS MÃOS): volta completa do corpo no ar, sem tocar as mãos no chão.

MORTAL (CHUTADO): volta completa do corpo no ar, sem tocar as mãos no chão, com ênfase na força de uma das pernas, sendo que uma tocará o solo primeiro que a outra.

AÚ (SEM AS MÃOS): movimento de deslocamento, também conhecido como "estrela", porém sem que as mãos toquem o chão. Serve como esquiva de rasteira.

ENCONTRO 30

Aquecimento. Fortalecimento dos membros inferiores (saltos a distância, salto sobre a corda). Trabalho de capacidades físicas (explosão muscular). Principal: técnica de saltos, entre eles, salto movimento brusco, com expansão muscular, pelo qual um corpo se eleva do solo para ultrapassar certo espaço ou recair no mesmo lugar.

Flick (flíper), mortal de base, mortal sem as mãos, mortal chutado, aú sem as mãos.

ENCONTRO 31

Fazer 5 golpes frontais para cada lado, sem colocar o pé no chão para aquecer. Revisão

dos golpes giratórios: queixada, armada (na corda), meia-lua de compasso (na cadeira), chapa giratória. Em dupla, queixada na mão e martelo no ombro. Armada no chinelo. Roda de treino (apenas o que foi feito na aula).

ENCONTRO 32

Aquecimento funcional: fazer 5 golpes frontais para cada lado, sem colocar o pé no chão para aquecer (meia-lua de frente e martelo), segurar na chapa e na bênção por 5 segundos. Revisão dos golpes giratórios: queixada, armada (na corda), meia-lua de compasso (na cadeira), chapa giratória. Em dupla, queixada na mão e martelo no ombro. Armada no chinelo. Em duplas aú (todo mundo faz com todo mundo). Ainda em dupla, aú reversão por cima. Em dupla, armada e meia-lua de compasso. Duas filas, bananeira andando. Alongamento com ponte, em dupla (borboleta e abertura lateral).

CULTURA POPULAR

“É o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social” (Unesco 1989)

ENCONTRO 33

A capoeira, traz em sua ampla bagagem de cultura algumas manifestações culturais Brasileiras para abrilhantar seus eventos e festas pelo mundo a fora. Iremos trabalhar as seguintes manifestações culturais: Maculêlê, Samba de roda, Jongo, Puxada de Rede, coco de roda e frevo.

Com variados vídeos mostrar para os(as) adolescentes a rica cultura que nossa ancestralidade afro-brasileira tem e quando essas culturas podem levá-los a descobertas inimagináveis.

SUGESTÕES

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE MACULELÊ (Documentário realizado em Santo Amaro da Purificação Bahia, sobre a história do Maculelê. Direção e Roteiro: Almir Nascimento Diretor de Produção: Pedro Urizzi)

O SAMBA DE RODA: NA PALMA DA MÃO: JORGE PÁSCOA A UNESCO, em novembro de 2005, consagrou o Samba de Roda do Recôncavo Baiano como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Este documentário, muito antes de emitir conceitos para explicar um fenômeno, pretende prestar uma modesta homenagem a todas as pessoas que, no pleno exercício da sua brasilidade, são os verdadeiros responsáveis por essa conquista.

JONGO: LEVANTA POVO

FREVO - PATRIMÔNIO IMATERIAL DA HUMANIDADE A Prefeitura do Recife, considerando a representatividade da manifestação do frevo na cultura pernambucana e brasileira, apresenta ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o presente documento com o objetivo de obter o seu Registro no Livro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural Imperial do Brasil, conforme previsto no Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. **Coco de Roda: Novo Quilombo** Vídeo realizado em 2016 com Ana do grupo de Coco de **RODA NOVO QUILOMBO** no Quilombo do Ipiranga, município de Conde na Paraíba **PUXADA DE REDE: HISTÓRIA DA PESCA DE XARÉU**

MACULELÊ: “Sua origem é desconhecida. Uns dizem que é africana, outros afirmam que ela tenha vindo dos índios brasileiros e há até quem diga que é uma mistura dos dois. O próprio Mestre Popó do Maculelê, considerado o pai do maculelê, deixa clara a sua opinião de que o maculelê é uma invenção dos escravos no Brasil, assim como a capoeira.”

Como acontece muitas vezes com as danças folclóricas, o Maculelê também é cercado de lendas:

“A lenda da qual teria surgido o maculelê possui também várias versões. Em uma delas conta-se que Maculelê era um negro fugido que tinha doença de pele. Ele foi acolhido por uma tribo indígena e cuidado por eles, mas ainda assim não podia realizar todas as atividades com o grupo, por não ser um índio. Certa vez Maculelê foi deixado sozinho na aldeia, quando toda a tribo saiu para caçar. Eis que uma tribo rival aparece para dominar o local. Maculelê, usando dois bastões, lutou sozinho contra o grupo rival e, heroicamente, venceu a disputa. Desde então passou a ser considerado um herói na tribo.”

EXEMPLO DE MACULELÊ

Principal toque (Congo de ouro),

Instrumento utilizado: Atabaque

Certo dia na cabana um guerreiro
Certo dia na cabana um guerreiro
Foi atacado por uma tribo pra valê
Pegou dois paus, saiu de salto mortal
E gritou pula menino, que eu sou maculelê
Ê pula lá que eu pulo cá
Que eu sou maculelê
Ê pula lá que eu quero vê
Que eu sou maculelê

Ê pula eu pula você
Que eu sou maculelê
Ê pula lá que eu quero vê
Que eu sou maculelê (bis)
Minha mãe é brasileira
O meu pai é brasileiro
E o que é que eu sou
Eu sou é brasileiro (2x)

JONGO: O jongo, ou caxambu é um ritmo que teve suas origens na região africana do Congo-Angola. Chegou ao Brasil com os negros bantu trazidos como escravo.

EXEMPLO DE JONGO

Principal toque: Jongo

Instrumento utilizado: Tambores (Tambú e Candongueiro)

"Ô Mãe África Vem lembrar teu cativo (2x)
Ai como chora meu tambu,
ai meu tambu Como chora candongueiro,
ai candongueiro De tanto soluçar, soluçar, soluçar
Vai molhar o meu terreiro. "
"Eu vou abrir meu congo ê
Eu vou abrir meu congo á (2x)
Primeiro eu peço a licença
Pra rainha lá do mar
Pra saudar a povaria
Eu vou abrir meu congo ê."

SAMBA DE RODA: O Samba de Roda é um acontecimento popular festivo que combina música, dança e poesia. Surgiu no século XVII, na região do Recôncavo no Estado da Bahia, e vem das danças e tradições culturais dos escravos africanos da região. Além disso, contém elementos da cultura portuguesa, como a língua, a poesia e alguns instrumentos musicais. No princípio, era o principal componente da cultura regional popular entre os brasileiros de origem africana, mas logo o Samba de Roda foi adotado pelos migrantes procedentes do Rio de Janeiro e influenciou a evolução do samba urbano, que se converteu em símbolo da identidade nacional brasileira no século XX.

Uma das características desse samba é que os participantes se reúnem em um círculo chamado roda. Geralmente, apenas as mulheres dançam. Uma por uma, elas vão se colocando no centro do círculo formado pelos outros dançarinos, que cantam e batem palmas ao seu redor. Essa coreografia frequentemente improvisada se baseia nos movimentos dos pés, das pernas e dos quadris.

Um dos movimentos mais característicos é a famosa umbigada (movimento de umbigo), de origem banto, pelo qual a dançarina convida quem vai sucedê-la no centro do círculo. Existem outros detalhes específicos, como canções típicas, o passo de dança chamado miudinho, a utilização de instrumentos raspados e a viola machete, um tipo de viola pequena, originária de Portugal, e canções.

EXEMPLOS DE SAMBA DE RODA

Principal toque: Samba

Instrumento utilizado: Tambores (Rum, Rumpi e Lé) e Pandeiros de couro

Na praia da amaralina tem dois
 Camarão sentado
 Falando da vida alheia
 Eh Camarão malvado
 Vovó não quer
 Casca de coco no terreiro, ó Maria
 Me faz lembrar
 Do tempo de cativoiro
 Vovó não quer
 Casca de coco no terreiro, ó Maria
 Me faz lembrar
 Do tempo de cativoiro
 Vovó não quer
 Casca de coco no terreiro, ó Maria
 Me faz lembrar
 Do tempo de cativoiro
 Vovó não quer
 Casca de coco no terreiro, ó Maria

Me faz lembrar
 Do tempo de cativoiro
 Seu guarda civil não quer
 A roupa no quarador
 Seu guarda civil não quer
 A roupa no quarador
 Meu Deus onde eu vou quarar
 Quarar minha roupa
 Meu Deus onde eu vou quarar
 Quarar minha roupa
 Seu guarda civil não quer
 A roupa no quarador
 Seu guarda civil não quer
 A roupa no quarador
 Meu Deus onde eu vou quarar
 Quarar minha roupa
 Meu Deus onde eu vou quarar
 Quarar minha roupa

EXEMPLO DE PUXADA DE REDE:

Toque: puxada de rede

Instrumento utilizado: Atabaque (Rumpi)

VAGABUNDO CONFESSO

Dazaranha
 Sou vagabundo eu confesso,
 Da turma de 71
 Já rodei o mundo
 E nunca pude encontrar
 Lugar melhor para um vagabundo,
 Que um rio à beira mar
 Odoiá odofiaba salve minha mãe lemanjá
 Que foi que me deram pra levar
 Pra dona Janáina que é sereia do mar
 Pente de osso, laços e fitas
 Pra dona Janáina que é moça bonita
 Que é moça bonita
 Café na cama eu gosto
 Com um suco de laranja mamão
 lêêê e um fino em cima da mesa

Amanhã quando você,
 Quando você for trabalhar
 Tome cuidado
 Que é pra não me acordar
 Eu durmo tarde,
 A noite é minha companheira
 Salve o amor salve a amizade,
 a malandragem, a capoeira
 É a capoeira
 Sou vagabundo eu confesso,
 Da turma de 71
 Já rodei o mundo
 E nunca pude encontrar
 Lugar melhor para um vagabundo,
 Que um rio à beira mar
 Odoiá odofiaba...

EXEMPLO DE COCO DE RODA:

Toque: Samba de tiradeiras e coco

Instrumento utilizado: ganzá, surdo, pandeiro e triângulo

AREIA - SELMA DO CÔCO

Lá no mar tem areia

(areia)

Areia no mar

(areia)

Que Areia boa

(areia)

Pra gente peneirar

Quando eu pensava que era um
(era um babado só)

Quando eu pensava que era dois
(era um babado só)

Quando eu pensava que era três
(era um babado só)

Quando eu pensava que era quatro
(era um babado só)

Quando eu pensava que era um
(era um babado só)

Quando eu pensava que era dois
(era um babado só)

Quando eu pensava que era três
(era um babado só)

Quando eu pensava que era quatro
(era um babado só)

EXEMPLO DE FREVO:

Toque: músicas tradicionais do frevo

Instrumento utilizado: trombone, o trompete, o saxofone e a tuba.

MADEIRA QUE CUPIM NÃO RÓI - CAPIBA

Madeira do rosarinho

Vem a cidade sua fama mostrar

E traz com seu pessoal

Seu estandarte tão original

Não vem pra fazer barulho

Vem só dizer... e com satisfação

Queiram ou não queiram os juízes

O nosso bloco é de fato campeão

E se aqui estamos, cantando esta canção

Vimos defender a nossa tradição

E dizer bem alto que a injustiça dói

Nós somos madeira de lei que cupim não rói

ENCONTRO 34

Aquecimento lúdico (movimentos dos passos do maculelê). Toques, passos e cantigas de cada cultura apresentada

REVISÃO

ENCONTRO 33

Aquecimento: um(a) de frente para o(a) outro(a), polichinelo, cocorinha, abdominais todos juntos, cadeirinha na parede. Revisão de todos os golpes e acrobacias feitas nas aulas anteriores. Ponte por dentro e, em dupla, aú reversão e aú de coluna. Roda de capoeira. Roda de conversa sobre facilidades e dificuldades durante a oficina.

ENCONTRO 34

Toques: angola, São Bento pequeno e São Bento grande. Músicas: ladainhas, quadra e corridos.

ENCONTRO 35

Ensaio da orquestra de berimbau. Toques: angola, São Bento pequeno e São Bento grande. Músicas: ladainhas, quadra e corridos.

ENCONTRO 36

Apresentação da Orquestra de Berimbaus. Roda de encerramento. Avaliação de ciclo e entrega de certificado.

- ALENCAR, José de. Iracema: lenda do Ceará. 3. ed. Rio de Janeiro. B.Z.L. Carmier, 1978. p. 212.
- ALMEIDA, Raimundo César Alves de. Bimba, perfil do Mestre. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA., 1982. p. 30-7.
- BARBANTI, Valdir José. Teoria e prática do treinamento desportivo. São Paulo, Edgar Blucher, 1979. p. 213.
- _____. Treinamento físico: bases científicas. São Paulo, C. L. R. Balieiros Editores, 1986.
- BURGUÊS, Mestre. Cantigas de capoeira. Curitiba. Edição do autor, 1987
- CAMPOS, Hélio J. B. C. de. História da educação física no Brasil e a influência dos métodos estrangeiros. Salvador, UFBA, 1988. Monografia apresentada à disciplina "Análise Histórica da Educação Brasileira", Mestrado em Educação, FAGED/UFBA.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. Folclore do Brasil: pesquisas e notas. Brasil/Portugal, Fundo da Cultura, 1967.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HORN, M. G. S. Sabores, cores, aromas, sons: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LIMA, Bruna Alessandra Silva. O brincar na educação infantil: o lúdico como estratégia educativa. 2013. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
- MELLO, S. A.; FARIAS, M. A. S. A escola como lugar da cultura elaborada. Educação (UFES), v. 35, p. 53-68, 2010.
- MOURA, Jair. Capoeira: a luta regional. Cadernos de Cultura, n. 1, Salvador, Prefeitura Municipal, 1979.
- PARANÁ. Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná. Curitiba, Imprensa Oficial, 1992.
- _____. Secretaria de Estado da Educação. Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná. Vários Autores. Imprensa Oficial do Estado do Paraná. Curitiba, 1990. 216 p.
- PASQUALINI, J. C. O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vigotsky, Leontiev e Elkonin. In: Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias (online). São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 191 p.
- _____. Brinquedo e brincadeira: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (org.). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 2, p. 23-40.
- _____. Bruner e a brincadeira. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p. 139-151.
- PIAGET, Jean. A Linguagem e o pensamento da criança: desenvolvimento cognitivo infantil. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.
- VIGOTSKI, L.S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução: Zóia Prestes. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. ISSN: 1808-6535, publicada em junho de 2008. p. 23-36.

_____. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RÊGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Salvador, Itapoã, 1968. p. 9, 10, 15 e 16.

SEGURO, Visconde do Porto. História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal. 2 ed. Rio de Janeiro: E. & Laemmert. s/d. vol. 1. p. 8.

SHAFFER, Kay. Berimbau de Barriga e seus Toques. Rio de Janeiro. MEC/FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1977.

TREINAMENTO desportivo I. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Educação Física e Desportos. Brasília, 1978. p. 42.



DANÇA S
BRA



OFICINA DE

DANÇA

ET

7

0

E

ASILEIRAS



INTRODUÇÃO

A oficina de dança afro e danças brasileiras visa proporcionar aos(as) participantes contato com a cultura afro-brasileira por meio das suas principais manifestações: danças de blocos afros e afoxés, danças afro-brasileiras (samba, frevo, jongo, capoeira, coco, maculelê etc.), dança negra contemporânea, toques e cantos sagrados. Para isso, tem como proposta relacionar ritmos e musicalidade ao contexto étnico, histórico e cultural, e com sua prática exercitar resistência, coordenação, força, sensibilidade, imaginação, criação, respiração e concentração.

OBJETIVOS

Estimular e desenvolver a percepção fornecendo elementos para exploração do movimento consciente. Estimular a consciência corporal buscando a relação corpo/ espaço/tempo. Investigar novas possibilidades e qualidade de movimentos baseados em jogos e exercícios técnicos. Propiciar diferentes vivências rítmicas, dentro do universo das danças afro-brasileiras. Promover o estudo prático dos princípios básicos das danças de matrizes africanas. Ampliar a exploração do repertório corporal, contribuindo para o processo de composição/criação coreográfica. Desenvolver autoconhecimento por meio dos contextos socioculturais, com base na dança afro. Ampliar possibilidades de interação com o(a) outro(a) e o mundo. Desenvolver a autoestima.

ESTRATÉGIAS

Aquecimento, alongamento e relaxamento. Jogos teatrais e experimentações corporais com as metodologias de Laban, Martha Graham, Ivaldo Bertazzo e Rosângela Silvestre. Diagonais com deslocamentos, planos, velocidade e direções. Improvisação, registro e repetição de sequência de movimentos. Percussão corporal. Dança circular. Experimentação e pesquisa da linguagem. Apreciação de vídeos e filmes temáticos. Textos informativos, livros, revistas. Roda de conversa. Avaliações.

CONTEÚDOS ABORDADOS

- História da dança afro no Brasil e dançarinos(as) negros(as) que construíram e contribuem para a dança afro no Brasil.
- Capacidades coordenativas (ritmo, equilíbrio, orientação, variação, associação e direção do movimento).
- História da dança e seu papel social – dançarinos(as) que construíram a história da dança no Brasil.
- Capacidades motoras (força, resistência, acoplamento e reação).
- Anatomia e flexibilidade.
- Diagonal com movimentos da dança moderna.
- Dança afro-brasileira (contextualização), dança negra contemporânea, danças brasileiras, coreografia (criação, interpretação e improvisação).

As **DANÇAS AFRO** possuem influência afro-brasileira, inspirada na tradição dos terreiros de candomblé, assim como na dança dos blocos afros e linhagens contemporâneas da dança negra, agregando também movimentos de outras etnias procedentes de vários países da África, principalmente os concentrados na região oeste. É uma manifestação de matriz africana que contribuiu, e contribui, para a formação da cultura brasileira, experimentada pela linguagem corporal de nossa origem africana.

As **DANÇAS BRASILEIRAS** são diversas em cada região do país, sendo as mais conhecidas as seguintes: samba de roda, coco, jongo, carimbó, samba rock, dança dos arcos e frevo, maculelê, afoxé e axé, forró e suas variações, samba, dança afro. Dessas se originaram muitas outras, que receberam influências, principalmente, africanas, árabes, europeias e indígenas.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Papel sulfite, lápis, borracha, músicas percussivas afro, tatames ou colchonetes, garrafas pet com areia, madeiras de maculelê, bolas de basquete, escova de bebê ou escova de sapato, bolinhas de tênis, peneiras, tecidos ou saias, bambolês, sombrinhas, TNT colorido. Equipamentos de som e de vídeo e suporte para arquivos.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Roda de conversa com apresentação do(a) arte-educador(a) e da oficina. Apresentação da turma e suas expectativas com a oficina (será realizada em forma de dinâmica, apresentação invertida). Levantamento de conhecimento prévio sobre a dança afro e danças brasileiras, por meio de questões como: “Sabe o que é?”, “Já fez aula de dança afro, ou danças brasileiras, alguma vez?”, “O que espera aprender com a linguagem?”, “Gosta de dançar?”, comentários e sugestões.

Conhecimento prévio e diagnóstico

ENCONTRO 2

Aquecimento/alongamento: diagnosticar dificuldades e habilidades da turma, de maneira geral e individual, para auxiliar na elaboração de conteúdos e na aprendizagem no decorrer da oficina.

AQUECIMENTO: a importância do aquecimento no início da aula deve sempre ser salientada, pelos benefícios que proporciona à execução dos movimentos, tais como:

- aumenta a temperatura do corpo.
- melhora a capacidade cardíaca e respiratória.
- prepara os músculos e o sistema nervoso para o exercício.
- alonga os músculos para aumentar o intervalo de movimentos do(a) bailarino(a).
- ajuda na organização de alinhamento e posição do corpo corretos.
- ajuda na compreensão de tempo e ritmo da música.
- permite exercícios envolvendo um agrupamento maior de músculos.

ALONGAMENTO: os alongamentos devem ser feitos sob medida, conforme a estrutura muscular, a flexibilidade, e de acordo com os diversos níveis de tensão. O ponto-chave é a regularidade com o relaxamento. A redução da tensão muscular promove movimentos mais soltos, e não um esforço concentrado para conseguir total flexibilidade, que frequentemente conduz a superestiramentos e a lesões. Fazer alongamento não provoca lesões, é algo pacífico, suas sensações sutis e

revigorantes permitem a sintonia com os músculos.

HISTÓRIA DA DANÇA AFRO NO BRASIL E DANÇARINOS NEGROS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A EVOLUÇÃO DA DANÇA AFRO NO BRASIL

ENCONTRO 3

Roda de conversa sobre a dança afro, um pouco de sua história e evolução, preconceito, estereótipos, mitos e gênero. Vídeos informativos ou documentários com diferentes vertentes da dança afro.

SUGESTÃO

- **O CORPO NEGRO EM MOVIMENTO - MARLENE SILVA;**
- **BALÉ PÉ NO CHÃO - MERCEDES BAPTISTA;**
- **SÉRIE CULTNE** (Acervo digital da Cultura Negra Dança Afro – Carmem Luz – Cia. Étnica de Dança);
- **CLYD MORGAN - A CONTRIBUIÇÃO AFRICANA PARA A DANÇA BRASILEIRA**, B alé Folclórico da Bahia.

MESTRE KING Pioneiro da dança afro na Bahia e no Brasil, Raimundo Bispo dos Santos, coreógrafo e professor, fez história ao ser o primeiro homem a ingressar, em 1976, no curso de licenciatura em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Responsável por formar os principais nomes da dança afro na Bahia, Mestre King revolucionou a prática e o ensino da dança contemporânea.

DIAGNÓSTICO (CAPACIDADES COORDENATIVAS)

ENCONTRO 4

Aquecimento/alongamento e diagonal com movimentos diversos e em deslocamento dando continuidade ao diagnóstico, porém observando o desempenho individual e coletivo dos(as) integrantes da turma quanto a ritmo, espaço e tempo. Relaxamento direcionado (exercícios de respiração).

DIAGONAL: acontece em qualquer dança. Pode-se trabalhar o espaço de forma concreta e específica, em diagonal por exemplo, ou utilizar todo o espaço disponível. Deve-se ter noção do uso que o nosso corpo faz do espaço ao avançar, ao realizar um movimento. O deslocamento é realizado em colunas, de preferência de duas a quatro, saindo em grupo de quatro.

CAPACIDADES COORDENATIVAS (RITMO, EQUILÍBRIO, ORIENTAÇÃO, VARIAÇÃO, ASSOCIAÇÃO E DIREÇÃO DO MOVIMENTO)

ENCONTRO 5

Roda de conversa sobre os conteúdos e dúvidas trazidas pela turma. Aquecimento/alongamento e diagonal com diferentes movimentos associados ao ritmo afro tocado, explorando as capacidades coordenativas. Ritmos afros: ijexá e congo de ouro. Relaxamento direcionado (automassagem).

O **IJEXÁ** é um ritmo de origem africana tocado nos terreiros de candomblé. A palavra Ijexá tem origem no vocábulo ijèsá, nome de uma subdivisão da etnia iorubá e, também, o nome da cidade nigeriana que é considerada o berço do grupo. Nessa cidade, cultuam-se sobretudo Oxum e Logunedé – e o Ijexá designa o ritmo das danças principais desses orixás. O ritmo é suave e cadenciado, emoldurando a dança de Oxum e Logun. Ogã (agogô) acompanha sempre os atabaques, marcando o compasso. Acabou também chegando ao carnaval, a partir da criação dos afoxés baianos (cortejos carnavalescos de adeptos do candomblé), no final do século XIX. Algumas pessoas, e até mesmo alguns livros, fazem certa confusão ao citar o afoxé como um ritmo. O afoxé é o cortejo – o ritmo que emoldura o cortejo é o Ijexá.

CONGO DE OURO é um ritmo executado no candomblé de Angola. É basicamente uma versão mais rápida do congo, ritmo também tocado por Angola.

ENCONTRO 6

Aquecimento/alongamento e diagonal com sequência rítmica de samba, explorando as capacidades coordenativas. A sequência deve ser realizada variando-se o ritmo (lento, moderado e acelerado). Relaxamento direcionado (massagem em duplas).

ENCONTRO 7

Aquecimento/alongamento afro. Diagonal e sequência rítmica de dança afro (procurar, dentro da movimentação do afro, diversificar os ritmos), desenvolvendo as capacidades coordenativas. Relaxamento livre (os(as) adolescentes ficarão ouvindo música, da maneira que acharem mais confortável, deitados ou sentados).

ENCONTRO 8

Aquecimento/alongamento básico com exercícios que realizaram no encontro anterior.

Sequências coreográficas por grupos com ritmos abordados anteriormente, desenvolvendo as capacidades coordenativas. Relaxamento livre. Roda de conversa para avaliar o percurso individual e da turma.

HISTÓRIA DA DANÇA E SEU PAPEL SOCIAL – DANÇARINOS QUE CONSTRUÍRAM A HISTÓRIA DA DANÇA NO BRASIL

ENCONTRO 9

Vídeo informativo e roda de conversa sobre o conteúdo do vídeo.

SUGESTÃO

Dança: **NATURALMENTE – TEORIA E JOGO DE UMA DANÇA BRASILEIRA**. Série curta.

Danças regionais. **BRINCANTE, DE ANTÔNIO NOBREGA, NADIR NOBREGA** – Por uma dança afro-brasileira.

CAPACIDADES MOTORAS (FORÇA, RESISTÊNCIA, ACOPLAMENTO E REAÇÃO)

ENCONTRO 10

Roda de conversa sobre os conteúdos do dia, abordagem do conteúdo da aula anterior que dará norte a aula do dia. Aquecimento/alongamento: método Bertazzo (força, resistência e estrutura corporal) com utilização de material usado pelo método. Ritmos afro: ijexá e congo de ouro. Diagonal com diferentes movimentos associados ao ritmo afro tocado, explorando as capacidades motoras e coordenativas. Relaxamento livre.

O **MÉTODO BERTAZZO REEDUCAÇÃO DO MOVIMENTO** foi criado por Ivaldo Bertazzo e leva o seu nome por trabalhar na essência o que o artista defende: ampliar a consciência, a autonomia e a estrutura do movimento. Com esse objetivo, encontrou uma forma mais eficaz de trabalhar o corpo e toda a sua movimentação. Com criatividade, o método Bertazzo transforma, continuamente, material simples do nosso dia a dia em instrumentos terapêuticos. Garrafas pet viram pesos; elásticos graduam a força muscular; tubos de PVC e bastões são utilizados para o posicionamento do corpo e a exploração do espaço; caixas d'água procuram resgatar a progressão e as etapas do desenvolvimento motor, entre outras práticas. Essa abordagem lúdica, associada ao uso do ritmo, amplia o repertório motor do aluno e o conhecimento do próprio corpo.

ANATOMIA E FLEXIBILIDADE

ENCONTRO 11

Roda de conversa sobre os conteúdos do dia. Desenvolvimento do conteúdo de anatomia com foco no quadril e tronco. Aquecimento/Alongamento com exercícios que estimulam as regiões abordadas (aplicação do método Bertazzo, percussão e escovação corporal). Diagonal com diferentes movimentos associados ao ritmo afro tocado. Variação no ritmo percussivo lento, moderado e acelerado. Relaxamento orientado. Automassagem. Diagonais com pequenas sequências coreográficas (uso de adereços)

ENCONTRO 12

Roda de conversa sobre o conteúdo e a representação da dança com adereços. Aquecimento e alongamento. Diagonal com variação de movimentos, ritmos e sequências coreográficas, com uso dos adereços. Os(As) adolescentes ficam espalhados(as) pelo espaço, fazendo a sequência algumas vezes. Roda de avaliação sobre o que sentiram dançando com os adereços.

DIAGONAL COM MOVIMENTOS DA DANÇA MODERNA

ENCONTRO 13

Aquecimento/alongamento com ênfase na flexibilidade. Diagonal com diferentes movimentos associados ao ritmo tocado (movimentos leves, plásticos e alongados – aplicação do método Marta Graham). Relaxamento orientado. Exercícios de respiração.

O **MÉTODO MARTA GRAHAM** cria uma profunda relação entre a respiração e o movimento, e dá ênfase ao contato com o chão. Outro foco essencial do método é o centro do corpo (core ou power house) como principal fonte de trabalho, o qual Martha acreditava ser a origem da vida, e que as emoções, os sentimentos e os movimentos são percebidos primeiro nessa região central de equilíbrio. Por isso, a contração é o principal fundamento da técnica Graham: ela começa a partir da pelve e vai subindo toda a espinha dorsal até atingir o pescoço e a cabeça.

EXPRESSÃO CORPORAL

ENCONTRO 14

Roda de conversa sobre a expressão corporal, o que é, onde e de que forma é usada, para quê. Jogos teatrais e experimentações corporais de Laban (formas, esculturas, uso

de objetos cênicos, estímulos externos e internos), realizados em grupos grandes, médios, trios, duplas e individuais. Contato, improvisação e olhar periférico (sensibilidade).

LABAN utiliza as figuras geométricas para dar suporte à movimentação do ator-dançarino. Ele propõe a escala dimensional, respeitando a relação entre altura, largura e comprimento das figuras geométricas como o cubo, o tetraedro, o octaedro, o icosaedro e o dodecaedro; tais representações geométricas viabilizavam movimentos pl (vertical), (horizontal), (sagital) e nos níveis alto, médio e baixo. Dessa forma, ações dramáticas podem ser realizadas nas posições dos vértices dessas figuras, bem como em suas diagonais, de forma que o ator atua ampliando a sua kinesfera, buscando uma limpeza gestual e organicidade. Assim, ele também amplia seu espaço cênico.

ENCONTRO 15

Roda de conversa para explicação do conteúdo. Divisão dos grupos (trios de preferência), com cada grupo desenvolvendo uma sequência expressiva sobre os temas ancestralidade, negritude e homem/mulher que dança. Os grupos terão um tempo para elaborar e depois se apresentarão. Roda de avaliação sobre a atividade proposta (sentimentos, dificuldades, facilidades, desafios).

DANÇA AFRO-BRASILEIRA (CONTEXTUALIZAÇÃO)

ENCONTRO 16

Vídeo com espetáculo de dança afro: Balé Folclórico da Bahia e Lekan Dance. Roda de avaliação sobre o contexto do vídeo.

SAMBA E SAMBA DE RODA

ENCONTRO 17

Roda de conversa sobre o conteúdo. Explorar o que conhecem do samba, samba de roda. Apresentar diferenças no ritmo, nos instrumentos utilizados e na dança desse tipo de samba. Aquecimento leve e em círculo. Aplicação do samba, samba de roda: modo de dançar, deslocamentos, contatos e interação com os(as) participantes e cantigas. Relaxamento livre.

MACULELÊ COM GARRAFA PET 1

ENCONTRO 18

Roda de conversa sobre o conteúdo e leitura de texto explicativo. Apresentação das

regras para obter sucesso na atividade e os cuidados que se devem ter com o manuseio das garrafas. Aquecimento: articulação do punho, cotovelo e ombro. Manuseio e empunhadura. Aplicação da dança e de seus elementos, ritmo, dança e canto. Relaxamento.

DANÇAS DOS ARCOS E FREVO

ENCONTRO 19

Roda de conversa sobre o conteúdo que será desenvolvido. Aquecimento/alongamento: intensificação dos trabalhos de articulações e flexibilidade com a respiração. Aplicação de exercícios de manuseio de cada adereço das danças citadas (bambolês e sombrinhas), desenvolvendo movimentos com pequenas sequências e promovendo sua ligação e fluidez. Cada dança será aplicada separadamente, com um pequeno intervalo entre elas. Relaxamento orientado: respiração.

DANÇA NEGRA CONTEMPORÂNEA

ENCONTRO 20

Roda de conversa sobre o conteúdo que será desenvolvido. Vídeo com dança negra contemporânea; uma mostra brasileira e uma mostra americana, propondo a observação de diferentes influências nas danças de matrizes africanas. Vivência de contemporâneo com elementos da dança afro: utilização de percussão Guem. Relaxamento livre.

GUEM, de Abdelmadjid Guemguem, é um percussionista e dançarino argelino negro, cujos antepassados eram originários do Níger. Nasceu em 1947 em Batna, na Argélia, e no início dos anos 1970 emigrou para França, onde ainda reside, com a intenção de se tornar futebolista profissional. O destino, porém, fê-lo profissional, mas da música, como percussionista de extraordinário valor. Nessa qualidade, tem atuado em sessões de jazz e outras, a solo ou como acompanhante. Tem muitos discos gravados, todos só com instrumentos de percussão.

ENCONTRO 21

Roda de conversa sobre os conteúdos propostos nas duas últimas aulas. Aquecimento/alongamento: com elementos básicos da técnica do contemporâneo. Execução de movimentos da dança afro com influência da dança contemporânea e de sequências básicas de chão, além de saltos e giros. Relaxamento orientado.

ENCONTROS 22 E 23

Linguagens e técnicas de dança – filme.

SUGESTÃO

SE ELA DANÇA EU DANÇO 4, 2012. 1H46MIN. DIREÇÃO SCOTT SPEER.

Emily (Kathryn Mc Cormick) é a filha de uma ocupada empresária que chega a Miami com o sonho de se tornar dançarina profissional. Logo ela se apaixona por Sean (Ryan Guzman), o responsável por criar elaboradas danças para a realização de flash mobs, aglomerações instantâneas de pessoas em um lugar público para realizar uma ação previamente combinada. Líder de um grupo chamado MOB, Sean resolve participar de uma disputa que pode render uma oportunidade de patrocínio.

VEM DANÇAR, 2006. 1H58MIN. DIREÇÃO LIZ FRIEDLANDER.

Pierre Dulaine (Antonio Banderas) é um dançarino de salão profissional, que se torna voluntário para dar aulas de dança a alunos de castigo de uma escola pública de Nova York. Dulaine tenta apresentar seus métodos clássicos, mas enfrenta a resistência dos alunos, mais interessados em hip-hop. Para levar a ideia adiante, ele precisa adaptar a sua metodologia. Ao lado dos alunos, Dulaine cria um novo estilo de dança, mesclando o clássico e o hip-hop. Quando, enfim, consegue a confiança da turma, ele a motiva a aprimorar suas habilidades para uma competição de dança de salão de muito prestígio da cidade.

EXPRESSÃO CORPORAL

ENCONTRO 24

Jogos teatrais e experimentações corporais de Laban (formas, esculturas, uso de objetos cênicos, estímulos externos e internos). Aplicação em grupos grandes, médios, trios, duplas e individuais.

Contato, improvisação e olhar periférico (sensibilidade).

ENCONTRO 25

DANÇA TEATRO: estimular uma sequência coreográfica com uso da música “Zumbi” na voz de Ellen Oléria (disponível em: <www.youtube.com/watch?v=HbBy00O5Stk>. Acesso em: 8 abr. 2019). Roda de conversa sobre o que sentiram com a sequência.

DANÇAS BRASILEIRAS

ENCONTRO 26

SAMBA DE RODA, COCO E JONGO. Execução de passos básicos do samba de roda, variações com o coco e o jongo e sequência básica, explorando ritmo lento e moderado e cantigas. Relaxamento livre.

ENCONTRO 27

CARIMBÓ. Apresentação das diferenças no ritmo, no uso dos instrumentos e na dança; maneira de dançar, deslocamentos, contatos e interação com os(as) participantes. Relaxamento direcionado.

ENCONTRO 28

SAMBA ROCK. Aplicação de passos básicos do samba rock sequência básica em duplas, evoluções e deslocamentos. Relaxamento livre.

ENCONTRO 29

DANÇA DOS ARCOS E FREVO. Aquecimento/alongamento: intensificar trabalhos de articulações e flexibilidade com a respiração. Aplicação de exercícios de manuseio de cada adereço das danças citadas (bambolês e sombrinhas). Desenvolvimento de pequenas sequências de movimentos, promovendo sua ligação e fluidez. Relaxamento orientado (respiração).

ENCONTRO 30

MACULELÊ II. Aplicação de exercícios de manuseio de cada adereço de maculelê (será utilizado material adaptado para a prática; garrafas pets). Execução de movimentos desenvolvendo pequenas sequências e promovendo sua ligação e fluidez. Relaxamento orientado.

ENCONTRO 31

AFOXÉ E AXÉ. Apresentação das diferenças no ritmo, no uso dos instrumentos e maneira de dançar, nos deslocamentos, contatos e na interação dos(as) participantes. Relaxamento livre.

ENCONTRO 32

FORRÓ E SUAS VARIAÇÕES. Aquecimento/alongamento básico. Execução de passos básicos em duplas e individualmente, e de sequência coreográfica básica. Relaxamento livre.

ENCONTRO 33

SAMBA. Execução de passos básicos do samba e suas variações, desenvolvendo uma sequência básica e explorando ritmo lento, moderado e rápido. Relaxamento livre.

ENCONTRO 34

DANÇA AFRO. Aquecimento/alongamento com as particularidades do afro (condiciona-

mento físico). Desenvolver sequência rítmica com exploração de saltos, rolamentos e deslocamentos, utilizando diferentes ritmos afros (dos mais lentos aos mais rápidos). Relaxamento livre.

FUNK (CONCEITO, MOVIMENTOS E INFLUÊNCIAS)

ENCONTRO 35

FUNK. Aquecimento/alongamento básico. Roda de conversa com um breve histórico da linguagem e sua evolução no Brasil. Execução de passos do funk, com roda de improvisação em minibatalha (repertório dos(as) próprios(as) adolescentes). Relaxamento livre.

SUGESTÕES

Filme **FUNK OSTENTAÇÃO** <www.youtube.com/watch?v=Totomlgo1ml>

Documentário **FUNK DA NOSSA GENTE** <www.youtube.com/watch?v=2iov_HWcSbM>

Documentário **FUNK CARIOCA:** das comunidades para o mundo <www.youtube.com/watch?v=4G1uSyGKZXc&t=1s> Acessos em: 8 abr. 2019.

COREOGRAFIA

ENCONTRO 36

Roda sobre o conteúdo do dia. Aquecimento com dança circular (com o objetivo de desenvolver a sintonia, olhar, cumplicidade e trabalho em grupo). Início de sequência coreográfica, montagem de desenhos coreográficos, linguagens abordadas: dança afro, danças brasileiras e contemporânea. Roda sobre o que acharam da atividade desenvolvida.

ENCONTRO 37

Roda sobre o conteúdo do dia e resolução de dúvidas sobre a aula anterior. Aquecimento/alongamento básico. Continuidade da sequência coreográfica, lembrando passos anteriores e adicionando mais alguns na sequência, e ajuste dos desenhos coreográficos. Relaxamento direcionado.

ENCONTRO 38

Roda sobre o conteúdo do dia. Aquecimento/alongamento básico. Sequência coreográfica (continuidade no processo de criação, estimulando a interpretação nos gestos e facial). Relaxamento livre.

ENCONTRO 39

Roda de conversa sobre a coreografia, dificuldades e facilidades na sequência. Falar sobre apresentação e encerramento da oficina. Sequência coreográfica (continuidade no processo de criação estimulando a interpretação e sugerindo a improvisação, sem focar em erros e sim na diversão e criatividade). Buscar a finalização da coreografia nesse dia. Relaxamento orientado.

ENCONTRO 40

Roda de conversa: dúvidas e devolutivas sobre apresentação e coreografia. Aquecimento e alongamento básico. Sequência coreográfica e limpeza – estímulo de interpretação e improvisação.

AValiação E ENCERRAMENTO

ENCONTRO 41

Roda de conversa e avaliação da oficina (sobre conteúdos dados e educador) e autoavaliação de participação e envolvimento na oficina. Sequência coreográfica (ensaio) – entrada, saída, posicionamentos e desenhos coreográficos.

ENCONTRO 42

Encerramento da oficina: entrega de certificados e, se possível, apresentação para a unidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

- ALEXANDER, Gerda. Eutonia: um caminho para a percepção corporal. Trad. de Elvira de Rocha Pinto. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. 5ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2002.
- BERTAZZO, Ivaldo. Gesto orientado: reeducação do movimento. São Paulo: Edições Sesc, 2014.
- CALAIS-GERMAIN, Blandine. Anatomia para o Movimento. Introdução à análise das técnicas corporais. Vol. 1. São Paulo: Manole Ltda., 1992.
- LABAN, Rudolf (1990). Dança Educativa Moderna. São Paulo: Ícone.
- MARQUES, Isabel. A dança no contexto. São Paulo: Ícone, 1999.
- OSSONA, Paulina. A Educação Pela Dança. São Paulo: Simmus, 1988.
- STRAZZACAPPA, Maria. As técnicas corporais e a cena. In: Etnologia: textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1998.
- Dança de expressão negra: um novo olhar sobre o tambor. Edileusa Santos. Revista Repertório, Salvador, nº 24, p. 47-55, 2015.1.

SITES

- A importância do aquecimento na dança <arttecnet.com.br/word2/?p=360>
Acessos em 19 abr. 2019

EATRO





OFICINA DE TEATRO



INTRODUÇÃO

O termo teatro deriva do grego *théatron*, que significa “lugar para contemplar”. O teatro é um dos ramos da arte cênica (ou performativa) relacionados com a atuação/interpretação, pelo qual são representadas histórias na presença de um público (a plateia). Essa forma de arte combina discurso, gestos, sons, música e cenografia.

A oficina visa, por meio do teatro, proporcionar uma experiência artística onde o(a) participante aprimore, desenvolva ou amplie suas habilidades individuais e no trabalho em grupo, e promova reflexão e entendimento acerca de temas como sociedade, estado, racismo, gênero, educação, buscando construir um pensamento lógico e claro. Pretende ainda ampliar o desenvolvimento da capacidade motora, expressão vocal e socialização, além de estimular o gosto pela leitura, aguçar o pensamento crítico e promover a autonomia da expressão.

OBJETIVOS

Apresentar a origem do teatro, a história do teatro ocidental e a história do teatro negro no Brasil e seu papel na sociedade; abordar elementos e técnicas relevantes ao tema, como: personagens negras influentes no teatro, na literatura, dramaturgia e arte em geral; performance e performatividade, teatro dramático e pós-dramático, teatro do absurdo, teatro do oprimido, expressão corporal, anatomia, capacidade motora e coordenativa, voz e expressão verbal; e contribuir para o fortalecimento do equilíbrio emocional, do pensamento crítico, do corpo e da mente por meio de jogos teatrais, cooperativos e de desinibição, tendo resultado final apresentações públicas de peças teatrais criadas coletivamente com temas que colaborem para o desenvolvimento artístico e intelectual dos(as) participantes.

ESTRATÉGIAS

Aquecimento. Jogos teatrais que explorem corpo, voz, improvisação e interpretação. Jogos cooperativos e de desinibição. Criação e apresentação de cenas e esquetes teatrais. Roda de conversa e exercícios de imaginação. Escrita criativa. Criação de textos, músicas e exploração de sonoridades não convencionais. Dança pessoal. Memorização de textos, músicas, deslocamentos, tipos corporais, e repetição de sequência de acontecimentos. Desaquecimento e descanso.

CONTEÚDOS ABORDADOS

- Introdução ao estudo do corpo e da voz
- Introdução à interpretação na cena
- Improvisação.
- Experimentação de personagens
- Composição de personagens
- Trilha sonora

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Músicas instrumentais com dinâmicas sonoras que facilitem a movimentação corporal. Exemplo: músicas de filmes do Charles Chaplin, músicas instrumentais eruditas, clássica, choro ou jazz; papel sulfite, lápis, borracha, apontador e imagens variadas; lousa, giz; cadeira giratória de escritório quando houver; adereços; equipamentos de som e de vídeo e suporte para arquivos.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

APRESENTAÇÃO

ENCONTRO 1

Apresentação do(a) arte-educador(a) e da oficina. Conversa livre sobre o fazer teatral com seguintes propósitos: saber se algum(a) adolescente já teve contato com teatro, apresentar a oficina e o que pretende trabalhar durante o ciclo de atividades; estabelecer coletivamente acordos de conduta e ações que auxiliarão os estudos; ouvir e responder os questionamentos levantados pelos(as) participantes e sobre as expectativas quanto à oficina. Esse é um momento que, em geral, pode causar algum temor aos(as) adolescentes iniciantes nessa arte, pois ainda entendem que trabalhar teatro é se expor ou “pagar mico” para os(as) colegas. Falar sobre a origem do teatro e sua função pública e política na sociedade.

Trabalhar atenção, considerando que cada um(a) é cada um(a), aspectos como concentração, entrosamento e respeito. Conhecer previamente habilidades, expectativas, nome, idade, forma que gostaria de ser chamado(a) e sonhos de cada participante.

Os(As) integrantes devem formar uma roda, todos em pé ou sentados(as). Um(a) deles(as) inicia sua apresentação pessoal ao grupo e simultaneamente faz um movimento qualquer que escolhe na hora. O(A) adolescente ao seu lado, no sentido pré-determinado, repete o nome e o movimento do(a) colega anterior e, em seguida, fala o seu próprio e cria um movimento diferente, e assim sucessivamente até o(a) último(a) participante, que deverá dizer nomes, idade, sonhos (...) e reproduzir os movimentos de todos(as) da roda. Variante: em vez do movimento pode-se emitir sons ou fazer gestos.

Finalização do encontro com conversa livre sobre percepções dos exercícios e da aula. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

ENCONTRO 2

Jogos teatrais – exercício de imaginação: “Que jogo é esse?”. O exercício tem como objetivo trabalhar criatividade e imaginação dos(as) adolescentes. Nesse jogo, separa-se a turma em duplas e pede-se que brinquem de pingue-pongue com raquetes imaginárias, produzindo o som da bolinha com a língua. Na sequência, os(as) adolescentes seguem jogando peteca em duplas ou em grupos de 4 pessoas, mudando a seguir para o vôlei, com a sala dividida em dois grupos; o(a) arte-educador(a) fica como árbitro.

Pode-se mudar o jogo para basquete ou futebol, a critério do(a) arte-educador(a). Tudo deve ser lúdico e dinâmico para despertar curiosidade e energia do grupo.

O exercício a seguir tem como objetivo trabalhar a desinibição: o onde, o quê e o quem da cena. Como fazer: com a classe dividida em grupos de seis adolescentes, deve-se propor a encenação de uma cena cotidiana, como fila de ônibus, feira livre, sala de espera de dentista etc., e deixar os grupos decidirem o enfoque a ser dado à situação proposta. Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da aula. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO CORPO E DA VOZ

ENCONTRO 3

Música no teatro. Bate-papo sobre som, silêncio e produção sonora com os seguintes enfoques: apreciação musical de variados estilos musicais; levantamento das percepções acerca de música e como ela pode auxiliar ao contar uma história, expressar um sentimento ou servir de entretenimento; diferentes formas de pensar e escolher uma trilha sonora para uma peça de teatro.

Jogo teatral: jogar com os(as) colegas sem recorrer à fala, e escutar a música para a realização de um movimento, interagir a estímulos com o corpo todo, dar ênfase às expressões e ter consciência da musicalidade do corpo. Passos a seguir:

- exercício 1 (10 min): desafiar o grupo a contar uma história utilizando uma das músicas como trilha sonora.
- exercício 3 (10 min): desafiar o grupo a contar uma história utilizando somente uma das músicas como trilha sonora.
- exercício 5 (20 min): improvisação com um tema sem fala e improvisação de uma história contada.

Ao final, abre-se uma conversa livre sobre percepções dos exercícios e da aula e escolhe-se coletivamente uma palavra que sintetize esse encontro.

ENCONTRO 4

Em busca de um corpo expressivo. Reúne-se os(as) adolescentes em roda para os exercícios de aquecimento, enquanto o(a) arte-educador(a) dá o direcionamento do encontro. O grupo é convidado a criar personagens com base nos corpos que surgirem no seguinte exercício:

- cabo de guerra sem corda - deve-se dividir a turma em grupos de cerca de cinco integrantes em cada uma. Faz-se a dinâmica de cabo de guerra de dois em dois

grupos, sem corda, simulando a brincadeira. Esse exercício ajuda a trabalhar a atenção, pois quando um grupo está puxando a corda invisível, o outro deve estar atento às dificuldades impostas, como se estivesse perdendo; se houver uma reviravolta, o grupo que ganhava passa a perder, e assim por diante. Não há vencedores só a interpretação do jogo em si.

Posteriormente a essa dinâmica, os(as) adolescentes devem criar uma encenação coletiva com começo, meio e fim, tendo como foco de pesquisa a expressão corporal do personagem. Ao final do encontro, propõem-se uma conversa livre sobre percepções dos exercícios e da aula e o grupo escolhe uma palavra que sintetize esse encontro. Pode-se trabalhar com o repertório musical apreciado no encontro anterior.

INTRODUÇÃO À INTERPRETAÇÃO NA CENA

ENCONTRO 5

Introdução à esquete teatral. Explica-se o que é um esquete teatral, enfatizando dois aspectos importantes da peça: o caráter cômico e o dramático. Os(As) participantes receberão adaptações de contos e devem optar pela comicidade ou pelo drama em suas representações. Feita essa análise, promove-se uma “mesa redonda” em sala de aula, para a verificação da leitura de contos. Assim, todos(as) conhecerão as histórias escolhidas pelos grupos que se formarão conforme sua identificação com os contos, além de cada grupo apresentar a escolha feita de como farão a adaptação, quer seja pelo lado cômico, quer seja pelo lado dramático. Esses contos podem ser esquetes existentes ou contos transformados em esquetes teatrais pelo(a) arte-educador(a) ou pelo(a) próprio(a) adolescente.

Grupos de trabalho: cada grupo combinará e ensaiará a apresentação de um esquete para apresentação em sala de aula. O(A) arte-educador(a) é provocador(a) e colaborador(a) de ideias em todos os grupos. A trilha sonora também é responsabilidade de escolha dos grupos.

Finalização do encontro: conversa livre sobre percepções dos exercícios e da aula. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

ENCONTRO 6

Debate sobre formas de atuação e apresentação dos esquetes criados: breve aquecimento corporal. Apresentação dos esquetes.

Avaliação coletiva da atuação de cada um(a), dando atenção tanto à performance teatral desempenhada, como, especialmente, aos recursos para a encenação das histórias empre-

gadas por cada grupo. É importante lembrar que todos(as) os(as) adolescentes devem, de alguma forma, estar envolvidos(as) nas propostas, mesmo ocupando papéis secundários ou atuando como contrarregras, sonoplastas, de forma a serem avaliados(as) por igual. Finalização do encontro: conversa livre sobre percepções dos exercícios e da aula. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

CRIAÇÃO COLETIVA DO TEXTO PARA MONTAGEM FINAL

ENCONTRO 7

Bate papo: conversar sobre os diferentes gêneros textuais e as características de cada um desses gêneros como ferramenta facilitadora para a produção escrita. O plano propõe aos(as) adolescentes a criação de dramaturgias coletivas, com autonomia para produzir e encenar textos de autoria própria.

Produção de textos: cada grupo escolherá até dez palavras disparadoras para nortear a escrita do texto. A escolhas das palavras será feita através de reflexões do próprio grupo acerca de temas como sociedade, estado, racismo, gênero, educação. Para alimentar o grupo, deve-se escolher imagens que construam a história de um povo e que expressem valores de uma época e/ou de um grupo social.

Finalização do encontro: conversa livre sobre percepções da aula. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

ENCONTRO 8

Escrita do texto para encenação: cada grupo fará a leitura e finalização da história criada. Apresentação oral da história criada por cada grupo. É importante que as motivações e pontos de vista sobre os assuntos abordados sejam compartilhados por cada grupo e, se houver necessidade, promove-se um debate sobre os temas que dividem opiniões.

Conversa aberta e construção do imaginário sobre a história a ser encenada para apresentação pública, com base nos textos elaborados anteriormente para a construção de uma dramaturgia final, que contemple os anseios e desejos do grupo.

Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize esse encontro.

ENCONTRO 9

Introdução à dramaturgia: em duplas, trios ou grupos, conforme a necessidade da história criada coletivamente, cada adolescente será responsável por criar o diálogo que seu personagem terá na peça. Caso ele(a) esteja sendo alfabetizado(a), essa atividade deve

ser realizada coletivamente, com o auxílio da lousa e a participação ativa de todos(as) os(as) outros(as) integrantes, de forma que a dramaturgia seja criada coletivamente, respeitando início, meio e fim da história. As curvas dramáticas serão construídas também nesse momento.

Finalização do encontro: conversa livre sobre percepções dos exercícios e da aula. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize esse encontro.

Improvisação - Experimentação de personagens

A **IMPROVISAZÃO** é um dos recursos mais utilizados no fazer teatral. Com esse recurso o educando passa a ser um jogador e entende o teatro também como uma manifestação de espontaneidade. A ação física é uma resposta espontânea do corpo a partir de um impulso gerado pela própria cena ou pelas circunstâncias propostas. A ação física é geradora de novas ações na construção da cena teatral.

ENCONTRO 10

Improvisação livre da dramaturgia criada. É importante reconhecer que o processo de escrita da cena permanece; portanto, alterações, inclusão ou remoção de cenas e ou falas podem acontecer conforme o desejo do grupo e a necessidade de manter o início, meio e fim do espetáculo.

ENCONTRO 11

Definição de personagem. A escolha de personagem será feita conforme a identificação do(a) adolescente com o personagem, e sua importância no desenvolvimento da história. Poderá um(a) mesmo(a) integrante do grupo fazer mais de um personagem, sendo que o processo de alfabetização não é impeditivo para a atuação cênica nesse contexto. É importante que todos(as) estejam satisfeitos(as) e motivados(as) com suas escolhas. Cada adolescente escolherá, conforme a história em produção, um nome final para o personagem escolhido. Coletivamente, também é escolhido o nome do espetáculo. **Finalização do encontro:** conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize esse encontro.

COMPOSIÇÃO DE PERSONAGENS

ENCONTRO 12

Entrevista. Como fazer: todos(as) os(as) participantes se sentarão em um círculo feito de

cadeiras. No centro haverá uma cadeira especial. Se for possível, o ideal é que seja uma cadeira giratória de escritório. Esse mesmo jogo pode ser aplicado com uma cadeira comum. Cada participante adentrará a sala com seu personagem e todos(as) serão “entrevistados”. Pode-se usar perguntas aleatórias. O(A) adolescente deve responder trazendo à vida seu personagem, suas motivações para a resposta e seu repertório corporal e vocal para a cena. Quando finalizada a entrevista, o(a) adolescente passa a ser também um(a) dos(as) entrevistadores(as), mas agora quem entrevista é o seu personagem. Cada personagem deve escolher sua música preferida e explicar o porquê da escolha.

Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Dar devolutiva do desempenho de cada um. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

TRILHA SONORA

ENCONTRO 13

Definir a trilha sonora da peça. Como fazer: apreciação sonora das músicas preferidas dos personagens, conversa livre sobre a possibilidade e funcionalidade da música como parte integrante da trilha sonora. Caso não encontre a música ou a música escolhida não for adequada ao contexto, ofereça outras opções sonoras que possam ser construídas coletivamente. Defina a trilha sonora com o grupo e esteja atento(a) à diversidade de estilos musicais.

MONTAGEM DA PEÇA

ENCONTRO 14

Levantamento de recursos cenográficos, figurinos e adereços. Para realizar o levantamento de recursos cenográficos necessários à montagem da peça, deve-se dividir o texto em 4 partes e realizar uma leitura coletiva, observando a cenografia necessária em cada trecho da dramaturgia.

Como fazer: solicita-se que cada adolescente desenhe em uma folha de papel a vestimenta e os adereços necessários para sua atuação. Uma listagem dos itens deverá ser feita do lado do desenho. Em roda, cada um(a) apresentará como concebe o seu personagem, e coletivamente devem conversar sobre o que é possível ou impossível de ter nas apresentações. Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

ENCONTRO 15

Construção de cenografia e adereços. Cada dupla ou trio de participantes ficará responsável pela construção de um item. Pode-se realizar a escolha do item por afinidade.

É importante que uma imagem (impressão, revista) simples do item esteja à disposição para a cópia, ampliação, ou que haja material necessário para a sua criação. Música ambiente tende a agilizar todo o processo, facilitando a concentração.

Cada dupla ou trio finalizará seu item, realizando a pintura, colagem, costura ou o que for necessário para a realização dessa etapa.

Todos(as) devem ajudar a juntar o material usado, conversar sobre a dinâmica do dia, e escolher coletivamente a palavra que sintetize esse encontro.

ENCONTRO 16

Montagem da peça – Ensaio I: separar o texto em 4 partes. Ensaiar a 1º parte do texto realizando leituras e jogos de improviso com o texto, descobrindo possibilidades de representação; repetir a cena de três a quatro vezes para memorização; definir o limite de palco e plateia. É importante que todos(as), inclusive aqueles(as) que entrarão em cena posteriormente, estejam ativos(as) no ensaio fazendo parte da plateia ou como operador(a) de som, e/ou contribuindo com suas percepções da cena.

Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize esse encontro.

ENCONTRO 17

Montagem da peça – Ensaio II: ensaiar a 2º parte do texto realizando leituras e jogos de improviso com as falas, descobrindo possibilidades de representação; repetir a cena de três a quatro vezes para memorização, definir o limite de palco e plateia; realizar a representação da 1º e 2º cena. É importante que todos(as), inclusive aqueles(as) que entrarão em cena posteriormente estejam ativos(as) no ensaio fazendo parte da plateia, ou como operador(a) de som, e/ou contribuindo com suas percepções da cena.

Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

ENCONTRO 18

Montagem da peça – Ensaio III: ensaiar a 3º parte do texto realizando leituras e jogos de improviso com as falas e descobrindo possibilidades de representação; repetir a cena de três a quatro vezes para memorização; definir o limite de palco e plateia; realizar a representação da 2º e 3º cena. É importante que todos(as), inclusive aqueles(as) que entrarão em cena posteriormente estejam ativos no ensaio fazendo parte da plateia, ou como operador(a) de som e/ou contribuindo com suas percepções da cena.

Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Escolha coletiva de uma

palavra que sintetize esse encontro.

ENCONTRO 19

Montagem da peça – Ensaio IV: ensaiar a 4ª parte do texto realizando leituras e jogos de improviso com as falas e descobrindo possibilidades de representação; repetir a cena de três a quatro vezes para memorização. Definir o limite de palco e plateia. Realizar a representação da 3ª e 4ª cena. É importante que todos(as), inclusive aqueles(as) que entrarão em cena posteriormente, estejam ativos(as) no ensaio, fazendo parte da plateia ou como operador(a) de som e/ou contribuindo com suas percepções da cena.

Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize aquele encontro.

ENCONTRO 20

Deve-se constituir os seguintes passos: conversar sobre a dinâmica do dia da apresentação; realizar um ensaio corrido, com todos os figurinos, adereços e trilha sonora que farão parte da apresentação; sanar qualquer tipo de dúvida e estar atento(a) para o tempo de entrada e saída de personagens nas cenas.

Conversa livre sobre percepções dos exercícios e da atividade. Escolha coletiva de uma palavra que sintetize esse encontro.

APRESENTAÇÃO FINAL

ENCONTRO 21

Apresentação final em locais externos ou nas unidades. Como fazer: estabelecer o espaço de apresentação com divisão de palco e plateia; repassar com os(as) adolescentes a sequência ensaiada para a apresentação; dar importância às “entradas e saídas”, à “parceria” e à “ajuda” necessária às trocas de figurino durante a apresentação; ser afirmativo e positivo, amenizando assim o nervosismo e a tensão normalmente encontrada nesse dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Geraldo Salvador de. O Teatro na Educação: o espaço de construção da consciência político-estética. Doutorado, ECA/USP, 1999.
- BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CARVALHO, Andréa Egydio. O jogo do gesto: o aprendizado do teatro através da percepção corporal. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2002.
- CHACRA, Sandra. Natureza e sentido da improvisação teatral. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- COURTNEY, Richard. Jogo, teatro e pensamento. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FARIA, Alessandra Ancona. Contar Histórias com o jogo teatral. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2002.
- FREIRE, Antônio. O Teatro Grego. Publicações da Faculdade de Filosofia. Braga: 1985.
- GAMA, Joaquim César Moreira. Processo e produto em teatro-educação. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2000.
- GASSNER, John. Mestres do Teatro I. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- JAPIASSU, Ricardo. Ensino do Teatro nas séries iniciais da educação básica – a formação de conceitos sociais no jogo teatral. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2000.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. Brecht na Pós-Modernidade. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1978.
- LINHARES, Ângela Maria B. O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre arte e educação. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1999.
- MORENO, Jacob Levi. O Teatro da Espontaneidade. São Paulo: Summus, 1984.
- NOVELLY, Maria. Jogos teatrais para grupos e sala de aula. Campinas: Papirus, 1994.
- PAVIS, Patrice. Dicionário do Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. Trad. Tatiana Bellinky São Paulo: Summus, 1978.
- SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- _____. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. Jogos Teatrais no livro do diretor. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- VAZ, Beatriz Cabral. Ensino do teatro — experiências interculturais. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.





DARÍLIA LILBÉ

(Darília dos Santos Ferreira) Mulher negra, lésbica e candomblecista, Darília Lilbé é artista. Aprendeu tudo o que sabe nos quintais da sua infância em Minas Gerais, porém é atriz formada pela Escola de Arte Dramática da USP, atualmente amplia seus conhecimentos musicais na EMESP Tom Jobim e desenvolve ações culturais atreladas a lei 10.639 para a guarda e salvaguarda da manifestação afro-brasileira congada. Mantém na poética do seu trabalho, o resgate ancestral afro-brasileiro, questões ligadas a gênero e a sexualidade, dirigiu as peças: "Nyame-Nti- Um manifesto Ritual" e "Chico Rei e a Festa da Congada", recebeu o prêmio de atriz revelação pelo monólogo "Um segundo dilatado no ar", foi cantora no Bloco Afropercussivo "Zumbiido" e vocalista da banda "Xamãs Urbanos" atuou no teatro com "Os Crespos" "Grupo Caldeirão" "Coletivo Ayá" "Grupo Abayomi" participou do Intercâmbio da Universidade de São Paulo e a Universidade Autônoma do México como atriz cocriadora da peça "A Paixão na Matéria" estreada no XIX Festival de Teatro Estudantil realizado na Cidade do México. No projeto "Arte na Casa" ministra oficinas de teatro para Adolescentes Privados de liberdade.

NANNY CARVALHO

(Elaine de Carvalho da Silva França) Envolvida e apaixonada pelas danças negra, pela capoeira e por tudo o que ambas representam, busca sempre aprofundamento de estudos sobre as diásporas africanas, seus costumes e culturas. Como dançarina, desenvolve um trabalho junto a Cia Tribo que é dirigida por Solange Ferreira. Como capoeirista, trabalha (há dois anos e meio) com adolescentes que cumprem medidas socio-educativas em privação de liberdade junto ao projeto arte na casa da Ação Educativa, tentando fazer com que jovens entendam o que é a capoeira e como a mesma se fez e faz como símbolo de liberdade, afirmação e identidade. Possui uma academia de capoeira em sociedade com seu pai Marcus Vynicius em Pinheiros, que visa propagar o samba de roda, maculele, dança guerreira, danças afro-brasileiras, puxada de rede, percussão e principalmente a capoeira. Ambos se revezam nas aulas. Estudante de pedagogia e arte educadora de profissão.

"Existe uma certa dificuldade de precisar de quais regiões africanas os negros e negras vieram, logo, não saberia dizer de que lugar os meus ancestrais foram tirados. Então, eu digo que sou da África toda, e esta por sua vez é tão plural quanto seus indivíduos, costumes e culturas, tenho por obrigação fazer com que alcance o maior número de pessoas possível."

EDUCADORAS

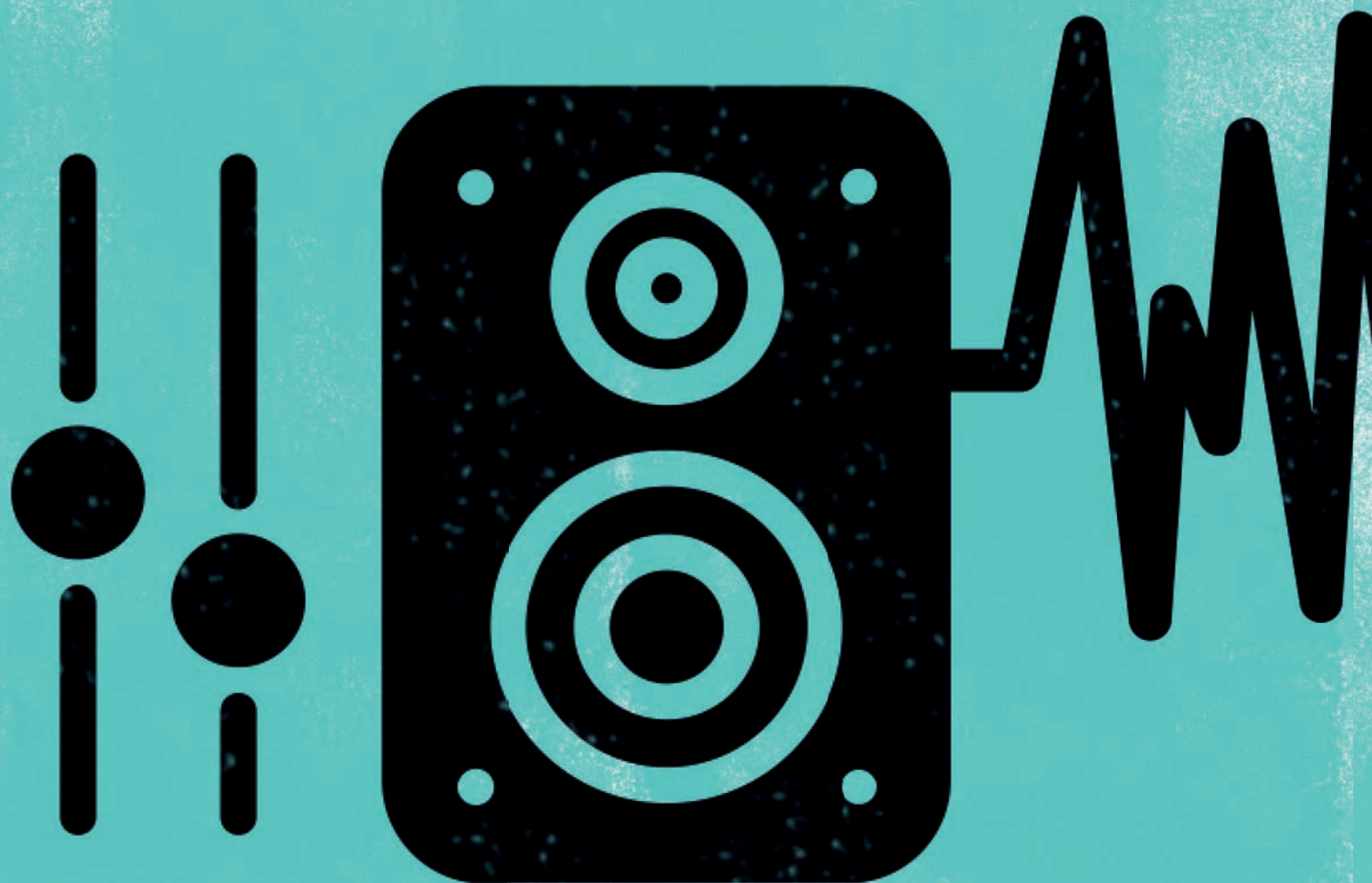
SORAYA MACHADO

É educadora física formada em Educação Física, com licenciatura pela Uninove, extensão universitária em Dança Consciência Corporal pela FMU, dançarina e estudante de Pedagogia. Estudou metodologia Laban no Instituto Caleidos com Isabel Marques. Formada pelo Curso de Formação Técnico Artístico na Escola do Movimento Instituto Ivaldo Bertazzo, curso de formação A Arte do Brincante para Educadores do Instituto Brincante, arte-educadora de dança afro-brasileira e dança negra contemporânea. Atuou como dançarina do espetáculo e projeto Cidadão Dançante – Ensaio para um gesto orientado do Ivaldo Bertazzo. Preparadora corporal do Grupo Trança de Teatro e ministrou formação de jogos e brincadeiras africanas para professores da rede municipal de Sorocaba. Foi dançarina do Grupo Cultural Afro Il, Balé de Arte Negra da Umes, Cia. Batakoto e Cia. Brasil Samba Show, quando realizou turnê pela Europa.

**WIARA NAGÔ**

É formada em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela Universidade Bandeirante de São Paulo (2009) e pós-graduanda em psicopedagogia pela Uninove. Atua como arte-educadora no projeto desde 2017 e atua no campo da arte-educação desde 2008. É responsável pelo coletivo Movidas pela Capoeira, que trabalha o resgate ancestral afro-brasileiro e empoderamento da mulher.





WARTES
DOWN
SOM



MUSICAL

MUSIC

OFICINA DE

LIZACÃO



INTRODUÇÃO

A música é um som que foi organizado no tempo, uma forma de arte e uma atividade cultural. Se alguém golpear panelas ao cozinhar, faz simplesmente um barulho, mas se golpear panelas ou potes de uma forma rítmica, estará fazendo um tipo simples de música.

A oficina visa sensibilizar os(as) adolescentes para a escuta e prática musical; ampliar conhecimentos sobre os diversos gêneros musicais e sobre elementos fundamentais da música, como harmonia, ritmo e melodia; estimular a percepção da música enquanto algo para além da estética, na medida em que pode transmitir valores e dialogar com a realidade; desmistificar a ideia de que apenas os “talentosos” estão aptos a fazer música.

OBJETIVO

Estimular o protagonismo e a autoestima dos(as) participantes.

CONTEÚDOS ABORDADOS

Propriedades do som (altura, duração, timbre, intensidade), gêneros musicais diversos, história da música, leitura rítmica, percussão corporal, introdução à prática de instrumentos de percussão e processos de composição.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Papel sulfite, lápis, borracha, giz e apagador; cópias do método Pozzoli (rítmico); instrumentos de percussão; equipamentos de som e vídeo e suporte para arquivos.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Apresentação da oficina, roda de conversa sobre as perspectivas de cada um(a) para o curso.

ENCONTRO 2

Conversa com participantes sobre seu contato prévio com a música, se já tocaram algum instrumento e quais expectativas têm com essa oficina; convite a sugestões e comentários.

INTRODUÇÃO AO UNIVERSO E AOS GÊNEROS MUSICAIS

ENCONTRO 3

Introdução ao universo musical – conversa sobre música e seu papel em nossas vidas, nossa sociedade; apresentação das propriedades do som (altura, duração, timbre e intensidade) e dos elementos da música (ritmo, harmonia e melodia), por meio de exemplos práticos e jogos coletivos.

ENCONTRO 4

Introdução aos gêneros musicais – roda de conversa sobre diversos gêneros musicais; listagem feita com os(as) adolescentes dos diversos gêneros musicais conhecidos e alguns(mas) respectivos(as) artistas de cada um deles; demonstração prática de alguns dos gêneros com participação dos(as) adolescentes.

ENCONTRO 5

Introdução à história da música e roda de conversa.

INTRODUÇÃO À LEITURA RÍTMICA 1

O **RITMO MUSICAL** é um acontecimento sonoro, tenha ele altura definida ou não, que acontece numa certa regularidade temporal. É a ordenação dos sons de acordo com padrões musicais estabelecidos. É a variação da duração e acentuação de uma série de sons ou eventos.

ENCONTRO 6

Exercícios de leitura rítmica

ENCONTRO 7

Leitura rítmica, exercícios e introdução à percussão corporal (bom para a coordenação motora), como afinar, postura e posição correta e prática em instrumentos de percussão.

ENCONTRO 8

Leitura rítmica, percussão corporal e prática em instrumentos de percussão.

ENCONTRO 9

Apresentação de áudios e vídeos.

SUGESTÃO

Documentário **HISTÓRIA DO SAMBA** <www.youtube.com/watch?v=LsukHVgW3x8>

ENCONTRO 10

Exercícios de percussão corporal e prática em instrumentos de percussão.

INTRODUÇÃO AO FORRÓ**ENCONTRO 11**

Explicação dos diversos tipos de forró (xote, baião, xaxado etc.). Breve contextualização histórico-social desse ritmo: as matrizes africana, indígena e portuguesa, o sertão nordestino, o cangaço, exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado, mediado por comentários do(a) arte-educador(a) e conversa com os(as) adolescentes.

SUGESTÃO**VÍDEOS:**

QUI NEM JILÓ - LUIZ GONZAGA <www.youtube.com/watch?v=NG0piPBjAzk>

Sebastiana - Jackson do Pandeiro <www.youtube.com/watch?v=qjyYJ6BniS0>

FESTEJO DE CANGACEIRO É NO XAXADO - Cena do filme "A morte comanda o cangaço" <www.youtube.com/watch?v=XeGuxfvavel>

Acessos em 27 maio 2019.

ÁUDIOS:

XOTE DAS MENINAS - LUIZ GONZAGA.

RICO E POBRE - CAJU E CASTANHA.

MOVIMENTO DA CIDADE - CILA DO CÔCO

ENCONTRO 12

Forró – Roda de conversa sobre o conteúdo trabalhado na aula anterior (exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado), mediada por comentários do(a) arte-educador(a) e conversa com os(as) adolescentes a partir dos seguintes questionamentos: “Como veem a evolução do forró no Brasil?”, “O que mudou?”, “Por que mudou?”.

ENCONTRO 13

Forró – Audição e leitura da música “Xote das meninas” de Luiz Gonzaga – Interpretação e conversa sobre a letra – problematização do conteúdo diante da questão de gênero, a partir dos seguintes pontos: como Luiz Gonzaga tratou o tema da afetividade e sexualidade feminina nessa canção e como ele é tratado hoje, e, ainda, como as músicas atuais vêm tratando esse tema.

ENCONTRO 14

Forró, aula prática: xote, baião, toada, coco, embolada, xaxado. Demonstração dos toques e breve explicação, prática coletiva com instrumentos.

Estudiosos de ritmos musicais e até mesmo da cultura brasileira dizem que não é tarefa simples definir o **“ESTILO MUSICAL DO FORRÓ”**. Normalmente, é feita uma associação do nome forró a outros ritmos, como xaxado, quadrilha e baião, e que teria influência da população holandesa e, da parte de Portugal, do xote.

LEITURA RÍTMICA 2

A **LEITURA DE PARTITURA** se divide em duas leituras simultâneas: a leitura rítmica e a leitura melódica. A leitura rítmica refere-se ao tempo de duração de uma nota, ou seja, quanto tempo ela deve ficar soando ou em silêncio. A **LEITURA MELÓDICA** informa a nota que é para ser tocada. Deve-se memorizar a posição da nota na pauta e encontrá-la no instrumento.

ENCONTROS 15 E 16

Exercícios de percussão corporal (estalar de dedos, palma, tórax e pés) e prática em instrumentos de percussão (surdo, pandeiro, caixa, tamborim, reco reco, ganzá, agogô, timbal).

ENCONTRO 17

Apresentação de áudios, vídeos e prática de instrumentos.

ENCONTROS 18 E 19

Leitura rítmica, exercícios (baseados no livro POZZOLI. Guia teórico e prático 1 e 2 - noções gerais/ditado. Editora Ricordi do Brasil, 2014), prática em instrumentos de percussão.

INTRODUÇÃO À MÚSICA SERTANEJA

A **MÚSICA SERTANEJA** surgiu ainda na década de 1910. O pioneiro desse gênero foi o jornalista e escritor Cornélio Pires, que costumava trazer para os grandes centros os costumes dos caipiras, desde encenações teatrais a cantores de estilos como o catira. Em 1912, Cornélio lançou um livro chamado Musa caipira, que trazia versos típicos. No início da década de 20, uma instituição liderada por Mario de Andrade promoveu uma semana para divulgação da arte brasileira, em pela primeira vez foi montado um grupo intitulado de sertanejo, com instrumentos simples como a viola caipira, misturando alguns ritmos como o catira, moda de viola, lundu, cururu etc.

ENCONTRO 20

Conversa sobre origem do ritmo da música sertaneja e da música caipira, com exibição de reportagem sobre a história da música sertaneja e outros vídeos. Sugestão: História da música caipira e sertaneja – Globo Rural <www.youtube.com/watch?v=xUwxxfYEA10>, acesso em: 18 abr. 2019. Deve ser mediada pelo(a) arte-educador(a) e aberta à participação dos(as) adolescentes.

ENCONTRO 21

Roda de conversa sobre a aula anterior, com exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado.

SUGESTÃO**PENA BRANCA E XAVANTINHO - PROGRAMA ENSAIO**

<www.youtube.com/watch?v=8pSsSIKz9B4>

MARVADA PINGA - INEZITA CARDOSO

<www.youtube.com/watch?v=HeMEMkgnbng>

MEMÓRIA ESQUECIDA - MILIONÁRIO E JOSÉ RICO

<www.youtube.com/watch?v=AgWW0_dxv0U>

FIO DE CABELO - CHITÃOZINHO E XORORÓ - SINFÔNICA 40 ANOS

<www.youtube.com/watch?v=23BLhq1DIWo> Acessos em 18 abr. 2019.

Deve ser mediada por comentários do(a) arte-educador(a) com enfoque nos seguintes questionamentos: “Como veem a evolução do sertanejo no Brasil?”, “O que mudou nesse gênero?”, “Por que mudou?”.

ENCONTRO 22

Música sertaneja, audição e leitura da música “Caminhada” de Almir Sater. Conversa sobre o conteúdo: “Como anda a nossa caminhada?”, “Como se caminha hoje em São Paulo, devagar ou depressa?”, “O tempo biológico está sendo respeitado?”, “O que se deve fazer para alcançar o próprio tempo, o próprio caminho?”.

INTRODUÇÃO AO SAMBA E À MÚSICA REGIONAL BRASILEIRA

ENCONTRO 23

Roda de conversa com os(as) adolescentes sobre a origem do samba, da cultura popular e negra no Brasil, com exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado e mediada por comentários do(a) arte-educador(a).

SUGESTÃO

SEMBA MUXIMA - KIMBONGA KIETU

<www.youtube.com/watch?v=6VejNBA3y5A>

SAMBA CHULA DE SÃO BRAZ

<www.youtube.com/watch?v=Zi73plzaAm8>

DOCUMENTÁRIO: BUMBO DÁ SAMBA

<www.youtube.com/watch?v=dLbJVsakd98>

PARTIDO ALTO - PARTE 1

<www.youtube.com/watch?v=VgyWsFf89EI>

Bateria de Escola de samba

Documentário: **ONDE A CORUJA DORME - BEZERRA DA SILVA**

<www.youtube.com/watch?v=PK9VmNNEB98>

Acessos em 18 abr. 2019.

ENCONTRO 24

Samba. Recapitulação do conteúdo da aula anterior e mais considerações sobre do contexto histórico-social e racial do samba. Audição e leitura da música “Vá cuidar de sua vida”, de Geraldo Filme. Conversa sobre a música e a questão racial, abrangendo os

seguintes questionamentos: “Qual era a situação do negro no Brasil na época a que se refere a canção?” e “Qual a situação hoje?”, “O que é racismo?”, “O que é discriminação?”, “O que é preconceito?”, “Como vivenciamos o preconceito no dia a dia e como lidar com ele?”, “Como superá-lo?”, “Como a música pode contribuir nesse processo?”. Atividade escrita com os(as) adolescentes, com criação de poemas, textos ou músicas.

ENCONTRO 25

Samba – Pagodinho – surdos de primeira, segunda e terceira, audição e leitura da música “Nomes de favela” de Paulo César Pinheiro. Conversa sobre o conteúdo e problematização: “O que é a favela?”, “De onde veio e por que ela existe?”, “Como é o lugar onde mora?”, “Quais os pontos positivos e negativos de se morar nesse lugar?”.

INTRODUÇÃO AO REGGAE

O **REGGAE** é um estilo de música originário da Jamaica. Bob Marley, cantor e compositor, é o ícone desse estilo musical. Em sentido mais amplo, reggae pode referir-se a outros ritmos como ska, rocksteady, dub, dancehall e ragga. Original da década de 60, o ritmo divide-se em dois subgêneros, o roots reggae (o reggae original) e o dancehall reggae, que é originário da década de 1970.

ENCONTRO 26

Conversa sobre a origem do ritmo e suas variações: ska, rocksteady, dub, ragga etc. A importância da música no processo de independência e identidade cultural da Jamaica. Rastafarianismo e sua influência no reggae.

ENCONTRO 27

Roda de conversa com os(as) adolescentes sobre a aula anterior e a evolução do reggae. O reggae no Brasil, a cultura sound system e a origem do rap. Exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado, mediada por comentários do(a) arte-educador(a).

SUGESTÃO

ÁUDIOS NACIONAIS:

NOVO DIA - PONTO DE EQUILÍBRIO

PENSAMENTO - ACÚSTICO CIDADE NEGRA

REGGAE NA ESTRADA - TRIBO DE JAH

CIDADE CINZA - MONKEY JHAYAM

ÁUDIOS INTERNACIONAIS:

NEW NAME - JAH9

SUGESTÃO

DYNAMITE - SKATALITES
SET UP SHOP - DAMIEN MARLEY
RICHNESS & MONEY - BOB MARLEY

VÍDEO:

Documentário **ROCKERS**

Introdução <www.youtube.com/watch?v=HWWfAgInxDg>

Take Over <www.youtube.com/results?search_query=rockers+takeover>

Acessos em 18 abr. 2019.

INTRODUÇÃO AO RAP

ENCONTRO 28

Roda de conversa com os(as) adolescentes sobre o movimento negro nos EUA e a origem do rap e do movimento hip-hop. Exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado, mediada por comentários do(a) arte-educador(a).

SUGESTÃO

A HISTÓRIA DO HIP HOP NOS USA E NO MUNDO

<www.youtube.com/watch?v=znBqftR6jg0>

Filme **RUBLE KINGS**

<www.youtube.com/watch?v=BxYGhrwsle0>

Documentário **PANTERAS NEGRAS**

<www.youtube.com/watch?v=aNJ9qzSr_0g>

Acessos em 18 abr. 2019.

ENCONTRO 29

Roda de conversa com os(as) adolescentes sobre a aula anterior e introdução à história do hip-hop nacional. Exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado, mediada por comentários do(a) arte-educador(a).

SUGESTÃO

Documentário **FAVELA NO AR**

<www.youtube.com/watch?v=D9NZCanKTnc>

acesso 18 abr. 2019.

INTRODUÇÃO AO FUNK

ENCONTRO 30

Roda de conversa com os(as) adolescentes sobre a origem do funk nos EUA e sua transformação no Brasil como desdobramento do movimento hip-hop. Afrika Bambaataa e o

Miami Bass como origem primeira do funk brasileiro. Exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado, mediada por comentários do(a) arte-educador(a).

SUGESTÃO

DO LADO DE CÁ - A ORIGEM DO FUNK CARIOCA

<www.youtube.com/watch?v=0CJw2LmfECE>, acesso 18 abr. 2019.

ENCONTRO 31

Roda de conversa com os(as) adolescentes sobre a aula anterior e sobre o funk na atualidade, a partir dos seguintes questionamentos: “Qual o papel dele nas periferias brasileiras hoje?”, “Que ideias estão sendo propagadas por esse gênero musical e como elas têm repercutido na sociedade brasileira?”. Exibição de áudio, vídeo e imagem sobre o conteúdo citado, mediada por comentários do(a) arte-educador(a).

SUGESTÃO

FURACÃO 2000 - CLAUDINHO E BUCHECHA

RAP DA FELICIDADE - LIPINHO E DOCA

TÁ NA MEMÓRIA - MC CARECA

A VIAGEM - FELIPE BOLADÃO

RAP DAS ARMAS - JUNIOR E LEONARDO

DIRETORIA - MC PRIMO

RESPEITA MINHA HISTÓRIA - NEGUINHO DO CAXETA.

ENCONTRO 32

Funk e rap. Audição e leitura das letras das músicas “Mundo M” de MC Lon e “Brasil com P” de GOG pelos adolescentes, para comparação das letras no que tange à forma poética e conteúdo. Conversa sobre os temas abordados e sobre as diferenças entre o rap e o funk. Escrita sobre o conteúdo trabalhado.

DITADO RÍTMICO

ENCONTRO 33

Ditado rítmico (baseado no livro POZZOLI. Guia teórico e prático 1 e 2 - noções gerais/ditado. Editora Ricordi do Brasil, 2014) e prática em instrumentos de percussão.

ENCONTRO 34

Audiovisual e prática em instrumentos.

ENCONTRO 35

Ditado rítmico (baseado no livro POZZOLI. Guia teórico e prático 1 e 2 - noções gerais/ditado. Editora Ricordi do Brasil, 2014), percussão corporal e prática em percussão.

ENCONTRO 36

Ditado rítmico (baseado no livro POZZOLI. Guia teórico e prático 1 e 2 - noções gerais/ditado. Editora Ricordi do Brasil, 2014), percussão corporal e prática em instrumentos de percussão (ensaio).

PROCESSO DE COMPOSIÇÃO E GRAVAÇÃO**ENCONTRO 37**

Ensaio das músicas e poemas criados até o momento. Musicalização dos poemas e arranjo das músicas e gravação em áudio do material produzido.

ENCONTRO 38

Junção de ritmos, ensaio das músicas e poemas criados até o momento. Musicalização dos poemas e arranjo das músicas, gravação dos áudios e montagem do livreto com as composições dos(as) adolescentes como produto final da oficina.

ENCONTRO 39

Ensaio dos ritmos praticados para apresentação.

ENCONTRO 40

Conteúdo: avaliação e último ensaio para a apresentação de fechamento do ciclo.

AVALIAÇÃO**ENCONTRO 41**

Conversa: avaliação da oficina (conteúdos dados), com autoavaliação da participação e envolvimento dos(as) participantes.

ENCERRAMENTO**ENCONTRO 42**

Apresentação e entrega de certificados.

ENCONTRO 43

Encerramento do curso com roda de conversa, avaliação do curso, entrega dos certificados e visualização do material produzido.



EDUCADORES

BUIA KALUNGA

(Bruno Marques Lins) é nascido e criado no ABC Paulista, músico, cantor, percussionista e arte-educador. Formado em percussão popular pela Casa da Música de Diadema e em Direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (FDSBC). Seu trabalho autoral se baseia nas linguagens do rap e do reggae, que acabam sendo incorporadas também ao seu trabalho como arte-educador. Além disso, traz sua vivência com a cultura popular, em especial o samba e a escola da qual faz parte, o G.R.C.E.S. Vila Palmares, de Santo André. Militante e membro da organização Kilombagem, aborda questões de raça, classe e gênero tanto no seu fazer artístico quanto em sua prática pedagógica.

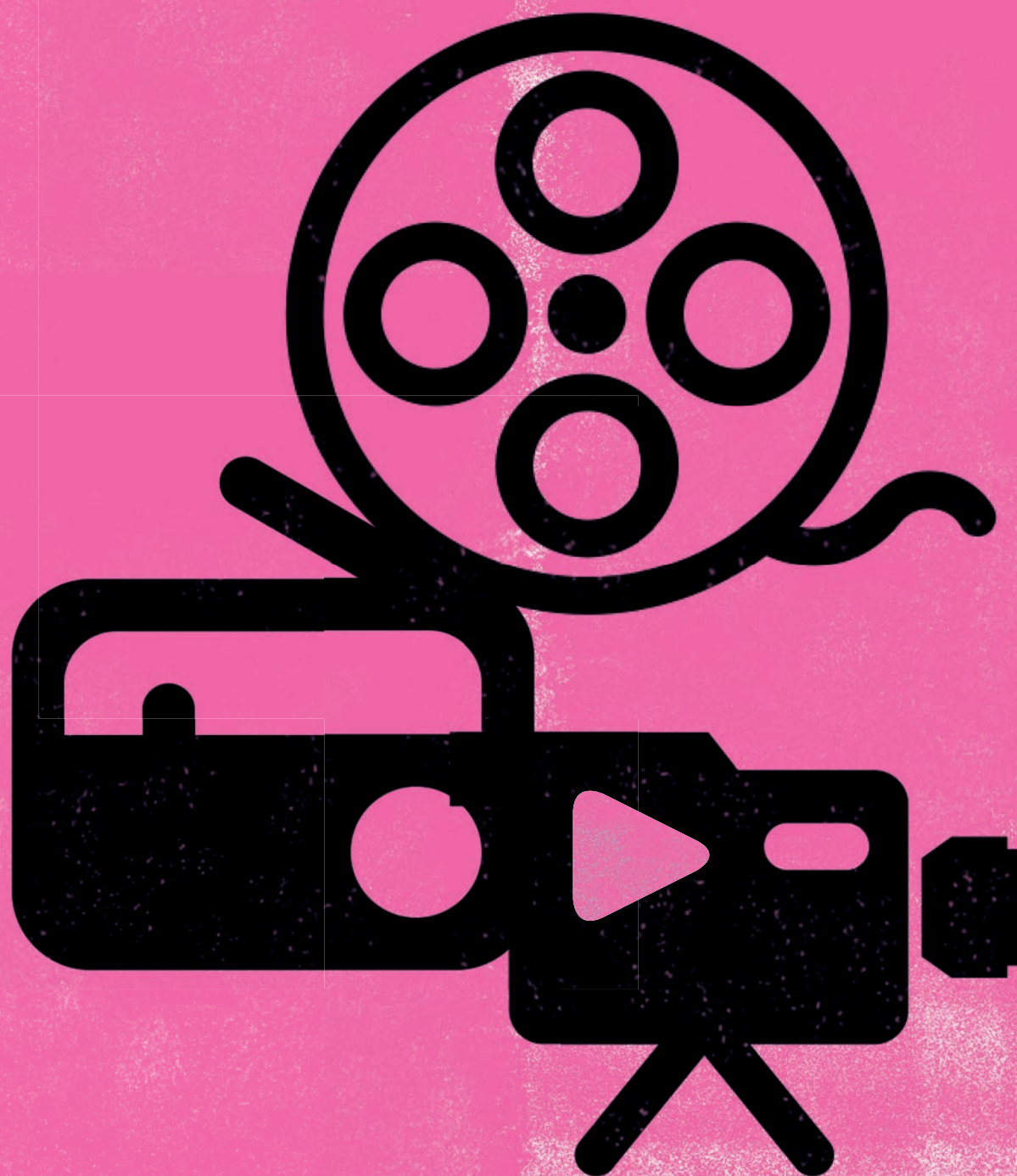
JHONY GUIMA

(João Carlos Paulino) Formado em Licenciatura em música (Unisantana), canto popular e percussão popular. Atua como arte-educador no projeto arte na casa desde 2018 e atua no campo desde 2010. Músico Profissional desde 1989 com viagem ao Japão e Estados Unidos.

RAFAEL PINHO

É formado em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Atua como educador no projeto desde 2016. É também militante étnico-cultural em prol das questões raciais no Brasil. Músico e artista plástico.





ARTES AUDIO VISU AIS



CINEMA

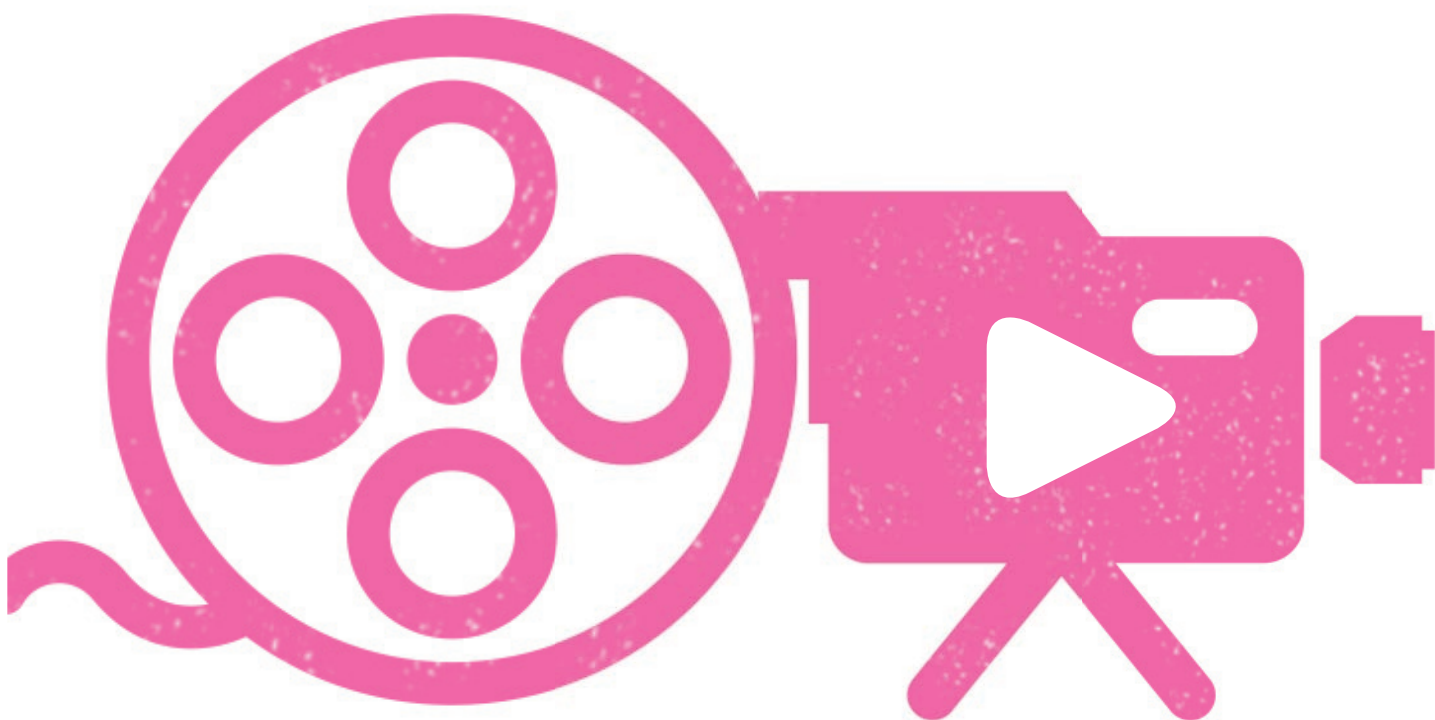
A woman with dark hair, wearing a red hoodie, is shown in profile, drinking from a pink cup. The background is a soft, out-of-focus grey. The text 'CINE MA FEE' is overlaid in a large, white, distressed font on the right side of the image.

CINE
MA
FEE

OFFICINA DE

VIDEO

MA



INTRODUÇÃO

O audiovisual vem sendo utilizado como ferramenta de transformação socioeducacional desde seus primórdios, por possibilitar ser uma representação artística capaz de mobilizar multidões, tornando-se eficaz para a formação de jovens e adultos(as). Para além disso, a linguagem cinematográfica também serve para ampliar e estimular a criatividade, através de exercícios de criação individual ou coletiva. Propondo ao(à) participante a utilização de métodos que tem como propósito o despertar da criatividade, através de filmes e vídeos capazes de estimular o pensar e que enalteçam o senso crítico e gerem debates, despertando a consciência que deixa de ser indivíduo e parte para ser coletivo sem perder sua individualidade e assim veja o mundo a sua volta de forma mais receptiva.

OBJETIVOS

O processo de desenvolvimento de um filme constitui-se em uma prática consideravelmente relevante para a formação crítica, por ser uma forma de expressão artística/plástica que remonta às origens do próprio cinema, quando registradas as experimentações iniciais da técnica durante os primeiros registros do cinema mudo, no final do século XIX. Essa experiência é importante porque dá uma ideia de como é o cotidiano do(a) profissional que trabalha e desenvolve a linguagem audiovisual, capacitando o grupo a roteirizar, produzir, dirigir e sonorizar um vídeo.

Realizar algo que possa ampliar a visão de mundo, trazer novas possibilidades, gerar conhecimento, entreter e ao mesmo tempo elevar o espírito humano e a autoestima do(a) participante utilizando-se da arte. É um privilégio e uma forma de colaborar para que o indivíduo, por meio do conhecimento, seja estimulado a olhar o mundo de um ponto de vista ampliado, e possa assim contribuir de alguma forma para uma sociedade em que se veja inserido(a). A força transformadora do cinema é reconhecida em todo o mundo como ferramenta usada para educar e entreter milhares de pessoas de forma funcional e evolutiva. Tendo isso em conta, essa oficina visa utilizar de sua força para beneficiar jovens que se encontram em situação de reclusão, possibilitando a eles(as) que essa forma de arte seja caminho para a liberdade através da criação.

ESTRATÉGIAS

Desconstruir o ideário da cordialidade nas relações raciais e de gêneros com obras cinematográficas que abordem os respectivos temas, estimulando o(a) adolescente a refletir em sala de aula e a trazer à luz o conhecimento para suas inquietudes. Potencializar as habilidades artísticas compartilhando o conhecimento sobre fazer cinema com oficinas de história do cinema, roteiro, fotografia cinematográfica, cenografia, edição, direção e produção. Para aprimorar a capacidade escrita e leitora, serão trabalhados o argumento e o roteiro que serão confeccionados pelos(as) participantes do projeto, com o intuito de filmá-los. O processo de aprendizagem tem como fundamento a prática, e para finalizar as oficinas deverá ser realizado um curta, que poderá ser na linguagem Animação Stop Motion, Ficção ou Documental, propiciando assim a elevação da autoestima dos(as) participantes. Promover experiências artísticas e culturais ao finalizar o curso, pois todo o material desenvolvido pelos(as) adolescentes terá como proposta ser apresentado em dia e hora a ser definido com a coordenação do módulo, para que o(a) adolescente possa desfrutar do trabalho realizado através do conhecimento compartilhado nas oficinas.

STOP MOTION em inglês ou quadro-a-quadro é uma técnica de animação muito usada, utilizando-se recursos de uma máquina fotográfica ou de um computador.

FICÇÃO é o termo usado para designar uma narrativa imaginária, irreal, ou para redefinir obras criadas com base na imaginação.

DOCUMENTAL – Pode ser também considerada como não-ficção e reivindica ser uma narrativa factual sobre a realidade.

Roda de conversa para discutir temas abordados, criando um vínculo de confiança entre os(as) participantes que podem se ver e ouvir.

Levantamento do conhecimento prévio da turma sobre as modalidades, para que dessa forma se possa melhor desenvolver as oficinas a partir de um ponto preestabelecido mediante ao conhecimento já existente.

CONTEÚDOS ABORDADOS

- História do cinema criando um paralelo entre cinema e história, com filmes e vídeos para ilustrar o que está sendo transmitido.
- Obras cinematográficas e videográfico dos gêneros ficção, animação e documentário que abordem os temas: relações sociais de gênero, relações étnico-raciais, política, sociedade e história das religiões, conflito de classes e homoafetividade na sociedade de hoje.
- Roteiro cinematográfico, apresentação de filmes, conceitos e técnicas de roteiro para o desenvolvimento do mesmo.
- Fotografia de cinema com apresentação de filmes, do conceito a aulas práticas para que o participante adquira vivência e, assim, melhor compreenda a linguagem do cinema.
- Produção e conceito da produção cinematográfica e sua importância.
- Cenografia e sua importância na produção audiovisual como elemento comum.
- Direção de cena e suas características.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Câmera, filmadora para as diárias de gravação, tripé, para filmadora, projetor, para a exibição dos filmes realizados, lápis, para as anotações e desenvolvimento do roteiro, borracha, folha, cartolina, para a criação de cenários, fundo verde, para usar como croma key, TNT nas cores preta e branca, cenografia, EVA, para estúdio de animação nas cores branca, verde e preta, apontador, massa para modelar, para fazer bonecos de animação, arame flexível para fazer bonecos de animação, fita adesiva, para uso diversos, folha de sulfite A4 branca, telão, barbante, para uso diversos, cola branca, para fazer bonecos de animação, roupas, para o figurino, claquete de madeira, gravador de áudio.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Apresentação do projeto – o processo de aprendizagem e o que vamos realizar ao final.

ENCONTRO 2

História do cinema – Filmes do início do cinema e de toda a sua trajetória.

ENCONTROS 3 E 4

Linguagem do cinema e vídeo/Cinema fantástico, preconceito racial, luta de classes.
Exibição de filme

SUGESTÕES

QUANTO VALE OU É POR QUILO?

<www.youtube.com/watch?v=2NEcwzvbNOK>, acesso em 18 abr. 2019.

DJANGO LIVRE, 2012. 2H45MIN. DIREÇÃO QUENTIN TARANTINO.

Django (Jamie Foxx) é um escravo liberto que, sob a tutela de um caçador de recompensas alemão (Christoph Waltz), parte para encontrar e libertar a sua esposa (Kerry Washington) das garras do fazendeiro Calvin Candie (Leonardo DiCaprio).

ENCONTRO 5

Linguagem cinema e vídeo/Formatos. Exibição e conversa sobre formatos, curta, média e longa metragem.

- **CURTA METRAGEM:** duração inferior ou igual a 15 minutos
- **MÉDIA METRAGEM:** duração superior a quinze minuto e igual ou inferior a 70 minutos
- **LONGA METRAGEM:** duração superior a 70 minutos

ENCONTRO 6

Linguagem cinema e vídeo/Homofobia no cinema. Exibição de curta-metragem mediado com reflexão.

SUGESTÃO

NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO, 2010. 17MIN. DIREÇÃO DANIEL RIBEIRO.

Leonardo (Ghilherme Lobo) é um adolescente deficiente visual que em sua rotina conta com a ajuda da amiga Giovana (Tess Amorim). Com a chegada de Gabriel (Fabio Audi) na escola, sua vida muda completamente, pois ao mesmo tempo que tenta inocentemente entender os novos sentimentos despertados pelo garoto, Leonardo tem que lidar com o ciúme da amiga Giovana.

ENCONTRO 7

Psicologia das cores/Cenografia. Estudo dos Filmes: Beleza americana, O poderoso chefão, Silêncio dos inocentes, Dog Ville, Moonrise Kingdom, Era uma vez no oeste, 2001 – Uma odisseia no espaço, Cidade de Deus, O segredo dos seus sonhos, O gabinete do Doutor Caligari, Loucademia de polícia, O iluminado, Psicose, Os intocáveis, Mad Max. Série Breaking Bad.

ENCONTRO 8

Linguagem a narrativa no cinema. Gêneros ação, animação, aventura, cinema de arte, chanchada, cinema catástrofe, comédia, comédia romântica, comédia dramática, comédia de ação, dança, documentário, docuficção (cujo gênero se situa entre documentário e ficção), drama, espionagem, faroeste (ou western), ficção científica, filme de guerra, musical, filme policial, romance, seriado, suspense, terror (ou horror).

COMO FAZER UM ROTEIRO?

O **ROTEIRO** ou argumento é um documento narrativo utilizado como diretriz para filmes de cinema, programas de televisão ou jogos eletrônicos.

Roteiros de ficção contêm a íntegra de um filme, dividido em cenas numeradas que descrevem os personagens e os cenários, incluindo todos os diálogos, com indicações para os atores quanto à entonação da voz e à atitude corporal. Além disso, informa o horário em que cada cena deve ser filmada (“Dia”, “Noite”, “Pôr do sol”, “Amanhecer” etc.) e se a cena é “Externa” (filmada ao ar livre) ou “Interna” (gravada em estúdio).

ENCONTRO 9

Técnicas de roteiro. Emprego da técnica chuva de ideias (brainstorm), para descobrir quais temas melhor representam a turma e definir a ideia que melhor será aceita pelo grupo, desenvolvendo um roteiro.

ENCONTRO 10

Técnicas de roteiro. Desenvolvimento da sinopse.

ENCONTROS 11, 12, 13 E 14

Roteiro de criação. Desenvolvimento do roteiro.

ENCONTRO 15

Fotografia cinematográfica. Estudo teórico por meio de filmes e aula prática de fotografia.

ENCONTRO 16

Fotografia cinematográfica. Estudo prático por meio do manuseio de equipamento. Posicionamento, plano e contraplano, plongée e contraplongée. Dinâmica em grupo para fortalecer o trabalho colaborativo e em equipe entre os(as) participantes da oficina. Troca de saberes para fortalecer o processo de aprendizagem. Confecção de argumento e roteiro pelos(as) participantes.

PLONGÉE (mergulho, em francês): é um termo também conhecido como câmera alta.

CONTRAPLONGÉE: é como se denomina no cinema e artes afins a câmera baixa.

PLANO GERAL (very long shot) P/G: é o plano panorâmico da cena.

PLANO MÉDIO (long shot) P/M: é o plano que mostra a pessoa da cintura para cima, e está entre o plano geral e o close.

PLANO AMERICANO (mid shot) P/A: mostra a pessoa do joelho para cima.

PRIMEIRO PLANO (close-up) P/P: concentra-se num rosto ou detalhe de uma cena, com intuito de revelar o personagem e seus sentimentos.

PRIMEIRÍSSIMO PLANO (big close-up) P°/P: enquadra e enfoca uma parte do rosto do tema, como os olhos, as mãos ou outro detalhe.

PLANO DETALHE (extra-big close-up) P/D: enfoca um detalhe mínimo, muitas vezes de maneira que não se consegue reconhecer o objeto.

PLANO SEQUÊNCIA: o plano sequência é um plano sem cortes.

PROCESSO DE GRAVAÇÃO

ENCONTROS 17 E 18

Produção audiovisual.

ENCONTROS 19, 20, 21 E 22

Curta metragem, animação, ficção ou documentário. Gravação.

ENCONTRO 23

Pós-produção/ Refação, se for necessário.

ENCONTRO 24

Avaliação e exibição da produção. Finalização do ciclo.

BEYLIE, Claudete. As Obras Primas do Cinema. Martins Fontes, São Paulo, 1991.
DAHOU, Albert Paul. A Jornada do Herói. Artigo: 2004.
FIELD, S. Manual do Roteiro. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 33 ed. Paz e terra, 1997.
HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Martins Fontes, São Paulo, 2013.
JUNQUEIRA, R. D. Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas (org.). MEC/SACAD/UNESCO, Brasília, 2009.
CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. Editora Cultrix/ Pensamento, São Paulo, 1997.

AUDIOVISUAIS

Última entrevista com Paulo Freire (1ª e 2ª partes). Disponível em:
<www.youtube.com/watch?v=UI90heSRyFE> e
<www.youtube.com/watch?v=fBXfV4Jx6Y8&t=400s>. Acesso em: 23 abr. 2019.
Como são feitas as animações em stop-motion? Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Ad4-MOF12-U>. Acesso em: 3 maio 2019.
Curso de Animação PIXAR. <pt.khanacademy.org/partner-content/pixar-latam>. Acesso em: 3 maio 2019.
Expressionismo Alemão | HISTÓRIA DO CINEMA. Disponível em:
<www.youtube.com/watch?v=OYXfXdK-7V4>. Acesso em: 3 maio 2019.

PIONEIROS DO CINEMA | A HISTÓRIA DO CINEMA – EP. 01. Disponível em:
<www.youtube.com/watch?v=7QbyYpLpnaQ>. Acesso em: 3 maio 2019.

NICKELODEON – BY THE WAY FILM HISTORY. Disponível em:
<www.youtube.com/watch?v=6jrbKbe-u18>. Acesso em: 3 de maio 2019.

O Nickelodeon – Uma breve história, de 1900 a 1914. Disponível em:
<www.youtube.com/watch?v=6gsPtot_d7Y&t=57s>. Acesso em: 3 de maio 2019.

Charles Chaplin Escenas Históricas. Disponível em:
<www.youtube.com/watch?v=34mqiaUuDg&t=9s>. Acesso em: 3 de maio 2019.

TrêMeiaCincoFilmes: O que as cores representam no cinema? Disponível em:
<www.blog.365filmes.com.br/2017/09/o-que-as-cores-representam-na-setima-arte.html>. Acesso em: 3 de maio 2019.

CINEMA E VÍDEO

Mendes, Filme Beleza Americana. 1999. Drama/Comédia dramática. EUA, 2000.
Copolla, Filme O poderoso Chefão. Drama/Policial. EUA, 1972.
Demme, Silêncio dos Inocentes. Drama/Mistério. EUA, 1991.
Trier, Filme Dog Ville. Drama/Filme policial. DK, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Wiene, O Gabinete do Doutor Caligari. Mistério/Thriller. DE, 1920.
- Wilson, Loucademia de Polícia. Comédia/Ficção policial. EUA 1984.
- Kubrick, O Iluminado. Mistério/Terror psicológico. GB/EUA 1980.
- Hitchcock, Psicose. Mistério/Suspense. EUA, 1960.
- Kubrick, 2001 Odisseia no espaço. Fantasia/Filme de ficção científica. EUA, 1968.
- De Palma, Os Intocáveis. Drama/Filme policial. EUA, 1987.
- Meirelles /Lund, Cidade de Deus. Drama/Filme policial. BR, 2002.
- Miller, Mad Max Estrada da Fúria. Fantasia/Filme de ficção científica. AUT/ EUA, 2015.
- Tikhomiroff. Besouro cordão de ouro. Ação/Drama/Fantasia. BR, 2009.
- Liman, Feito na América. Drama/Filme policial. EUA, 2017.
- Anderson, Moonrise Kingdom. Drama/Filme para adolescentes. EUA, 2012.
- Leon, Era uma Vez no oest. Drama/Ação. EUA, 1968.
- Campanela, O segredo dos seu Sonhos. Drama/Mistério, ARG e ESP, 2009.
- Tarantino, Django Livre. Ação, Drama/Faroeste. EUA, 2012.
- Gilligan, Série Breaking Bad. Crime/Western contemporâneo/Humor mórbido. EUA, 2008.
- Ribeiro, Eu Não Quero Voltar Sozinho. Drama. BR, 2011.
- Funucci, Sombras. Curta/Terror/Ficção. BR, 2010.
- Garrido, Positivo. Curta/Drama. BR, 2017
- Colla, Terrarial. Curta/Ficção científica.
- Sumo Science; Will Studd, Gulp. Comédia. EUA, 2011.
- Lumière, A Saída da Fábrica Lumière em Lyon. Documentário. FR, 1895.
- Lumière, A chegada do trem. Documentário. FR, 1896.
- Méliès Georges, Le Voyage dans la Lune. Ficção Científica. FR, 1902.
- Edison, The Nickelodeon A Brief History From 1900 to 1914.
- Fritz, A Morte Cansada. Drama/Horror/ Preto e Branco. DE, 1921.
- Murnau, Nosferatu. Fantasia/Mistério /Horror. DE, 1922.
- Leni Paul, O Homem que Ri. Drama/Mistério. DK, 1928.
- Eisenstein Sergei M, O Ecoraçado Potemkin, Cena da Escadaria de Odessa. Drama/Ficção/ Histórica. URSS, 1925.
- Dziga Vertov, Um Homem com uma Câmera. Experimental/Filme mudo. URSS, 1929.
- De Sica Vittorio, Ladrões de Bicicleta. Drama. IT, 1948.
- Rossellini Roberto, Roma Cidade Aberta. Drama/Suspense. IT. 1946.
- Lang Fritz, Metropolistraier. Drama/Filme de ficção científica. EUA, 1927
- R.W. Phillips. Spying the Spy. With Samuel, Drama/Comédia. EUA, 1918
- Bunuel Luiz, Um Cão Andaluz, Cena olho. Drama/Fantasia. ES, 1929
- Walt Disney Salvador Dali, Destino. Drama/ Srealista/ Fantasia. EUA, 2003
- Merian Caldwell Cooper, Ernest B. Schoedsack, King kong classic. Mistério/Filme de ficção científica. EUA, 1933
- Adeena Grubb, Os marshalls. Curta/Horror Animação. EUA, 2016.
- Smith Thomas R, Tia Ida Escovando os Dentes, Animação stop motion. Comédia. BR, 2012.
- Meulam Carolina Costa, Saindo da Caverna, Curta metragem em Stop Motion. Animação/ Ficção. BR, 2015.



RADIO

RADIO
E
TV



OBJETIVO

Propiciar experimentações de construção de programas de rádio e TV, fomentar diálogos no campo da informação e estimular a compreensão do direito à comunicação e aos meios utilizados para difundi-la. Desenvolver a capacidade de expressão e senso crítico. Criar mecanismos de comunicação compartilhada. Refletir sobre diversos assuntos de interesse dos(as) adolescentes utilizando o rádio e a TV como ferramentas. Compreender a importância da comunicação para garantir direitos humanos fundamentais. Democratizar a veiculação da informação. Entender a importância da representatividade como indivíduo e/ou grupo social.

ESTRATÉGIAS

Possibilidade de convidados(as) que contribuam com os temas.

O plano de aula será estruturado em blocos, para termos um processo de produção contínuo. A cada vez que o processo circular de produção se encerrar, ele irá se repetir. A ideia é se adaptar à realidade das oficinas de RTV (dinâmica e prática) e não limitar ou estipular a quantidade de produções. Essa estratégia visa garantir o interesse dos(as) jovens pela linguagem.

CONTEÚDO ABORDADOS

- Processo de escrita criativa
- Projeto piloto de Rádio
- Ficção
- Peça áudio visual de tema e formato livre

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Maquiagem artística intuitiva/experimental, Chroma Key, Papel, lápis, borracha, apontador, câmera, gravador, notebook, microfone, figurino, objetos de cena.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

APRESENTAÇÃO

No primeiro encontro, arte-educador(a) e adolescentes se apresentam e posteriormente o(a) educador(a) apresenta a proposta da oficina de RTV e quais as possibilidades que a oficina permite (vide objetivo da oficina e objetivos gerais). Roda de conversa. Aulas base (Encontros que darão a base que o(a) adolescente precisa para administrar o conteúdo discutido nas aulas posteriores).

ENCONTRO 1

Introdução aos meios de comunicação em massa e radiodifusão. Como produzir e transmitir, como capitalizar e de que forma a capitalização molda os meios de produção. Após exibição do vídeo, roda de conversa para reflexão sobre o material.

SUGESTÃO

Curta Metragem **INTERVOZES - LEVANTE SUA VOZ - EKMAN, PEDRO**

<https://www.youtube.com/watch?v=_Z8fDgqbfeo&t=24s>, acesso em 18 abr. 2019.

INTRODUÇÃO AO ROTEIRO DE VÍDEO E RÁDIO

ENCONTRO 2

ensinando os(as) adolescentes como fazer um roteiro, qual sua importância e também os formatos de produção áudio visual como: programa, programete, esquete, curta, média, longa etc.

Após exibição do vídeo, roda de conversa para reflexão crítica sobre o assunto. E para alcançarmos a finalidade de aprender roteiro a partir desse vídeo, a ideia é analisar a forma que o diretor destrinchou, detalhou e elaborou seu argumento.

SUGESTÃO

Curta metragem **ILHA DAS FLORES - FURTADO, JORGE/ 1989.**

<<https://www.youtube.com/watch?v=-qySt5LwCBg>>, acesso em 18 abr. 2019.

INTRODUÇÃO AO RÁDIO

ENCONTRO 3

Experimento de rádio: exibição de programas de rádio de turmas anteriores e improvisar uma rádio para se familiarizar com o equipamento.

Programas de rádio de turmas anteriores, gravador, microfone, Notebook com software “Audacity”.

Dinâmica: Em roda, o gravador passa de mão em mão, os(as) adolescentes improvisam uma narração/apresentação de programa, e quem erra passa para o(a) próximo(a). Conforme surgem as dificuldades vou explicando como se faz um roteiro e a importância do mesmo.

PROCESSO CIRCULAR DE PRODUÇÃO

ENCONTROS 4 E 5

Exibição de referências de assuntos disparadores.

Material: curtas e programas de rádio produzido por turmas anteriores e indicações a seguir.

Poesia **“EU SEI, MAS NÃO DEVIA” - ABUJAMRA, ANTONIO.**

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=K0Rt0eA35ls&t=15s>. Acesso em: 17 fev. 2019.

Poesia **“PENSA GRANDE” - DUARTE, MEL.**

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=pLi2Fw3paes>. Acesso em: 17 fev. 2019.

“LITERATURA E POESIA MARGINAL” WJ. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=wRcnrxRq2L4>. Acesso em: 17 fev. 2019.

Vídeo-clipe **“FAVELA VIVE 3”** - ADL, Choice, Djonga, Menor do Chapa & Negra Li (Prod. Índio & Mortão).

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI>. Acesso em: 17 fev. 2019.

Exibição dos vídeos e reflexão um a um com mediação do(a) arte-educador(a).

ENCONTRO 6

Exibição de referências de assuntos disparadores.

Curta **“LIGHTS OUT”- SANDBERG, DAVID/ 2013.**

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=kNbJE0y29_c>. Acesso em: 17 fev. 2019.

Programa **“CINELAB” EP “O DIABO PEGA FOGO”, BOUTIQUE FILMES/ 2015.**

Precisa ser solicitado à produtora.

INTERVENÇÃO MILITAR VS. MORADOR - CAIOCO ZUH, CASSIANO BARROTO (Prod. DJ Patrício)

<www.youtube.com/watch?v=nXpsu665Ozg>. Acesso em: 17 fev. 2019.

Exibição dos vídeos e reflexão um a um com mediação do(a) arte-educador(a).

ENCONTRO 7

Escolha de temas e formatos a serem trabalhados.

Conteúdo de apoio - Diálogos ausentes (2016) – Viviane Ferreira <www.itaucultural.org.br/viviane-ferreira-dialogos-ausentes-2016>. Acesso em: 17 fev. 2019.

Roda de conversa e brainstorm (chuva de ideias).

ENCONTRO 8

Referências específicas. Referências de material impresso, áudio e vídeo relacionados aos temas e formatos escolhidos na aula anterior (pesquisado previamente). Em roda, diálogo e reflexão com base em referências relacionadas à demanda da aula anterior.

ROTEIRO

ENCONTRO 9

Roteiro. Em conjunto elaborar roteiro.

ENCONTRO 10

Processo de produção/ Gravações. Gravação de áudio e vídeo.

NOTA: O processo de produção se repete até concluir o projeto, o avaliamos e o Processo Circular de Produção se inicia novamente com novas referências (vide conteúdos de apoio) nas aulas 1, 2 e 3, possibilitando uma nova produção.



FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

ENTREVISTAS

VIVIANE FERREIRA – Diálogos Ausentes (2016). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=MOJ3nJPSW9A&t=360s>. Acesso em: 17 fev. 2019.

VIVIANE FERREIRA – Encontros de Cinema (2016). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=z43qp9uhi20>. Acesso em: 17 fev. 2019.

MÚSICA

INQUÉRITO – LIÇÃO DE CASA – Participação Tulipa Ruiz. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=bfx7OXyqXhM>. Acesso em: 17 fev. 2019.

EDUCADORES

UIL

(Uilson Pereira França Gabriel) Graduado em Produção Digital e Pós-graduado em Docência Superior. Diretor, Produtor e Roteirista inicia sua carreira como Assistente de produção no Studio Fátima Toledo. Trabalha para Gw, Tv Univesp, Fundação Vanzoline, Itinerante Filmes, Albatroz Cinematográfica, Siamar, Tv Cultura. Em 2002 abre GN Produções Cinematográficas. Filmmaker e difusor da arte cinematográfica em diversas instituições, Usina Paulistana de Arte, Curso de iluminação do Núcleo de formação técnica, Céus escolas da prefeitura e Senac. Palestrante na Faculdades Unip.

**VICTOR VINT**

É ilustrador atuando principalmente no circuito de reggae sound system junto ao África Mãe do Leão Sistema de Som, e expandindo trabalhos artísticos de flyers, capas de álbuns e afins para outras equipes. Estudou Rádio e TV na Universidade São Judas Tadeu. Há alguns anos, atua como arte-educador de artes visuais.





ARTES VISUALES

OFICINA DE

UNIVERSIDADE
FACULDADE DE
EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ESCOLA



DESE
NIHO

PIN
TURAE

TURA



INTRODUÇÃO

A oficina visa possibilitar vivências artísticas, reconhecendo a arte como um valor cultural importante para o desenvolvimento humano, na medida em que pode aprimorar o sentido de apreciação estética e despertar uma leitura de mundo recorrendo à pluralidade de referências.

As artes que normalmente lidam com a visão como o seu meio principal de apreciação costumam ser chamadas de artes visuais. Consideram-se artes visuais as seguintes linguagens: desenho, pintura, gravura, fotografia, cinema, escultura, instalação, arquitetura, videoclipe, web design, moda.

OBJETIVOS

- Possibilitar experiências artísticas, colocando a arte como um valor cultural importante para o desenvolvimento humano objetivo e subjetivo.
- Ampliar o sentido de apreciação cultural, estética e artística, recorrendo a referências de artistas brasileiros e de outros países, homens e mulheres.
- Promover a interação e o trabalho em grupo, assim como a tolerância e o respeito ao próximo.

ESTRATÉGIAS

Criação de desenhos, pinturas, colagens, modelagens a partir do próprio repertório e da utilização de elementos da linguagem das artes visuais: ponto, linha, cor, forma, volume e luz. Exploração e utilização de alguns procedimentos necessários para desenhar, pintar e modelar. Exploração dos espaços bidimensionais e tridimensionais na realização dos seus projetos artísticos. Percepção da relação figura/fundo. Exploração dos elementos rítmicos das linguagens visuais, propondo repetição de imagens. Valorização dos(as) adolescentes pelas próprias produções e pela produção dos(as) outros(as) participantes e da produção em geral. Processo de estrutura de arame (esqueleto). Bloqueio, técnicas de modelagem, trabalho com ferramentas, anatomia do personagem escolhido, acessórios, pose, texturas e acabamento da escultura.

CONTEÚDOS

Técnicas de desenho, filmes, exercícios, leitura visual de trabalhos de artistas contemporâneos oriundos de periferias, artistas atemporais na História da arte e trabalhos feitos pelos(as) adolescentes.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Lápis, borracha, apontador, revista de arte, livro de arte, impressões de artistas plurais, folhas A3 e A4, papel Canson para desenho, graduação de lápis, giz de lousa, caneta posca, lápis de cor, canetas hidrocor, papel vegetal, réguas, caneta nanquim, giz pastel, giz de cera, telas 30 x 40 cm, tinta acrílica cores variadas, cola, areia de aquário cor branca, pincéis, tintas PVA de cores variadas, balde com água, flanelas, argila, lixa nº 02, palitos de sorvetes, verniz, tinta branca látex, tesouras, fita adesiva, tintas spray variadas, camisetas. Equipamentos de som e de vídeo e suporte para arquivos.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Apresentação da proposta da oficina, do(a) arte-educador(a) e formação de uma roda de conversa para ouvir os(as) adolescentes e conhecê-los(as).

DESENHO LIVRE

ENCONTRO 2

Trabalhar desenho livre para conhecer elementos técnicos e psicossociais dos(as) adolescentes. De um lado da folha de sulfite propõe-se fazer um desenho livre e do outro lado da folha de sulfite coloca-se a seguinte pergunta: O que espero dessa oficina? A partir dessa atividade abre-se um leque de possibilidades para conversas sobre outros temas, como racismo, sistema social, redução da maioridade penal etc.

ENCONTRO 3

Continuação da atividade de desenho livre a partir da referência de trabalho da ilustradora Carol Rossetti e de Negahamburguer, que tem um traço característico e frases inspiradoras. Carol quebrou tabus e espalhou uma mensagem que ecoou em mulheres do mundo todo. Seu trabalho servirá como ponto de partida para refletir sobre o universo feminino. Exibição de vídeo.

SUGESTÃO

Exibição do Programa de televisão **PROFISSÃO REPÓRTER: NARRATIVAS DA PERIFERIA** (<https://www.youtube.com/watch?v=cNes44570ps>). Acesso em 19/09/2018. O programa mostra jovens artistas oriundos de periferias do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, onde produzem e espalham arte através da literatura, música e artes visuais, e contam suas experiências.

A ilustradora mineira **CAROL ROSSETTI**, de 27 anos, ganhou fama pelas redes sociais no ano passado, quando algumas ilustrações que ela fez de forma despretensiosa caíram no gosto do público. Nos trabalhos, Carol retratava estereótipos em torno de mulheres de diferentes idades, como os padrões de beleza, o machismo e o preconceito racial. Não demorou para os desenhos chamarem a atenção de mulheres em outros países e seus dizeres começarem a ser traduzidos para diversos idiomas.

NEGAHAMBURGUER, que também atende por Evelyn Queiroz, tem 27 anos e ilustra mulheres, destacando a diversidade como beleza. Em seus desenhos, as personagens assumem suas formas: gorda, magra, alta, baixa, com dobrinhas, curvas e pelos.

Esse exercício será dividido em três etapas: passado/presente/futuro. O(A) adolescente fará um desenho para cada uma delas. Por exemplo: onde eu estava antes de ver esse documentário? Aonde estou agora ao assistir esse documentário? Onde pretendo estar no futuro? Após finalizar o processo conversar sobre projeto de vida, com o seguinte direcionamento: é possível, através da arte, trilhar um caminho alternativo às “armadilhas” que o sistema oferece?

LEITURA VISUAL 1

ENCONTRO 4

Leitura visual a partir de trabalhos feitos pelo Artista Visual Victor Costa, 19 anos, conhecido como o rei dos desenhos, natural do Morro do Borel, no Rio de Janeiro. Discutir possíveis leituras. É possível ler uma imagem? O que podemos ver? É sobre o quê? O que ela diz para cada um(a) de vocês? Qual é a relação da obra com o mundo? O que representa esses desenhos para a quebrada? Ao fim da leitura visual, sugerir um exercício de história e memória, tentar trazer à tona lembranças que os(as) adolescentes queiram contar através do desenho.

ENCONTRO 5

Conversa com os(as) adolescentes sobre o processo + término de exercício de história e memória, a partir da pergunta: Como foi, é e será buscar na memória a subjetividade ao pensar o desenho?

HISTÓRIA DA ARTE

ENCONTRO 6

Trabalhar história da arte a partir de alguns dos movimentos artísticos mais relevantes do século XX, como: Dadaísmo, Surrealismo e Muralismo. Podem ser utilizadas obras impressas desses movimentos com referências de artistas femininas, por exemplo as obras de Frida Khalo.

ENCONTROS 7 E 8

Exibição de filme. Roda de conversa com os(as) adolescentes sobre o conteúdo.

SUGESTÃO**FRIDA, 2002. 2H03MIN. DIREÇÃO JULIE TAYMOR.**

O filme retrata a história da vida que Frida Khalo (Salma Hayek) compartilhou abertamente e sem medos com o também pintor Diego Rivera (Alfred Molina), período em que o controverso casal subverteu o mundo artístico. O filme mostra a vida de Frida desde o acidente de ônibus que mudou irreversivelmente a sua vida. Viajando ao lado de seu antigo namorado Alejandro Gomez Ariaz, seu ônibus colidiu com um bonde, matando diversas pessoas e ferindo muitas outras. Abandonada pelo namorado, quando finalmente voltou a andar, Frida ousou visitar o já renomado pintor Diego Rivera para ouvir uma crítica profissional. Diego se interessou não apenas por seu trabalho, mas também pela tenacidade, charme e beleza da jovem artista. Diego e Frida se casaram em Coyoacan em 21 de agosto de 1929.

ENCONTRO 9

Roda de conversa com os adolescentes sobre o filme e atividade de desenho a partir de suas respostas e entendimento sobre ele.

ENCONTROS 10 E 11

Exibição de documentário. Roda de conversa com os(as) adolescentes sobre o conteúdo.

SUGESTÃO**LIXO EXTRAORDINÁRIO, 2011. 1H38MIN. DIREÇÃO LUCY WALKER.**

Uma análise sobre o trabalho do artista plástico Vik Muniz no Jardim Gramacho, localizado na cidade de Duque de Caxias (RJ), que é um dos maiores aterros sanitários do mundo.

TÉCNICAS DE DESENHO**ENCONTROS 12 E 13**

Conversa acompanhada de referências de diferentes estilos e traços. Como funciona cada instrumento de desenho, graduações de lápis, giz, canetas etc.

SUPORTES**ENCONTROS 14**

Trabalho com exemplos de suportes: mostra de referências de obras com diferentes suportes, tais como: madeiras, ferro, concreto, pele, tecido e vidro.

ENCONTRO 15

Conversar com os(as) adolescentes sobre proposta final de desenhar em suporte que não seja a folha de sulfite e o papel Canson. Por exemplo: pode-se escolher coletivamente, madeira, tela, tecido ou outro. “O que queremos experimentar com desenho?” Escolha de desenho a ser trabalhado.

MATERIAIS E TEXTURAS

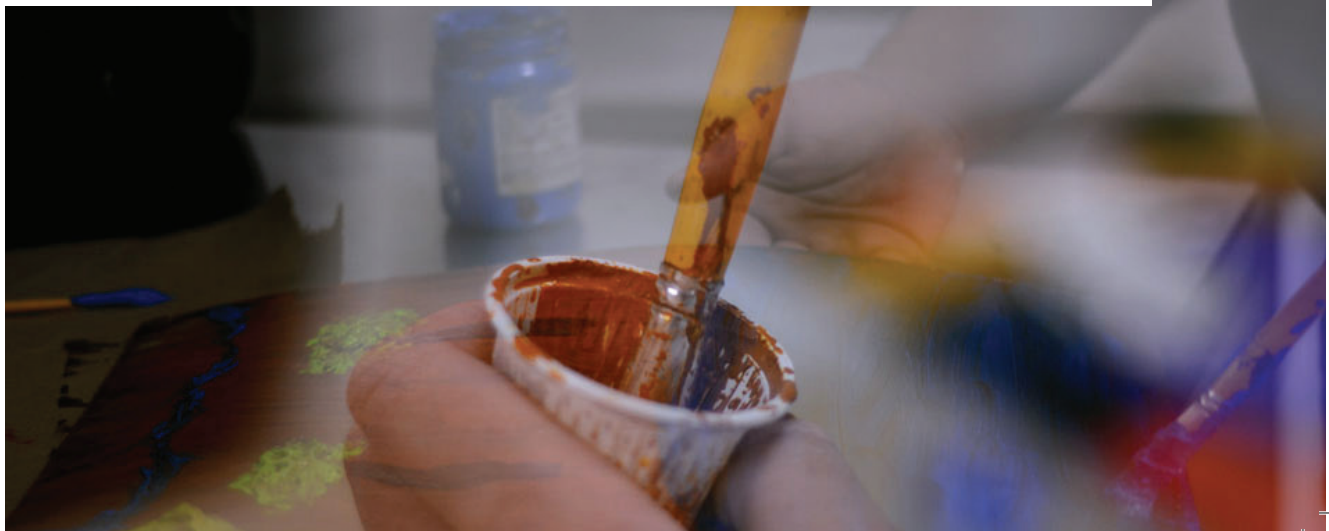
ENCONTRO 16

Esboço em suporte que possa ser, madeira, tela, tecido. Conversa sobre as particularidades de cada suporte.

Madeira: é utilizada como suporte de pintura há vários séculos. Além da estabilidade, a madeira oferece uma vantagem singular pela sua rigidez, constituindo um suporte que minimiza o efeito de qualquer choque ou da flexibilidade da película de tinta.

Tela: quando esticada sobre um chassis, a tela tem sido o suporte para a pintura a óleo mais popular desde o século XVII. A trama do tecido, combinada com a capacidade do material esticado, contribui para uma superfície sobre a qual pode ser bastante compensador e agradável trabalhar.

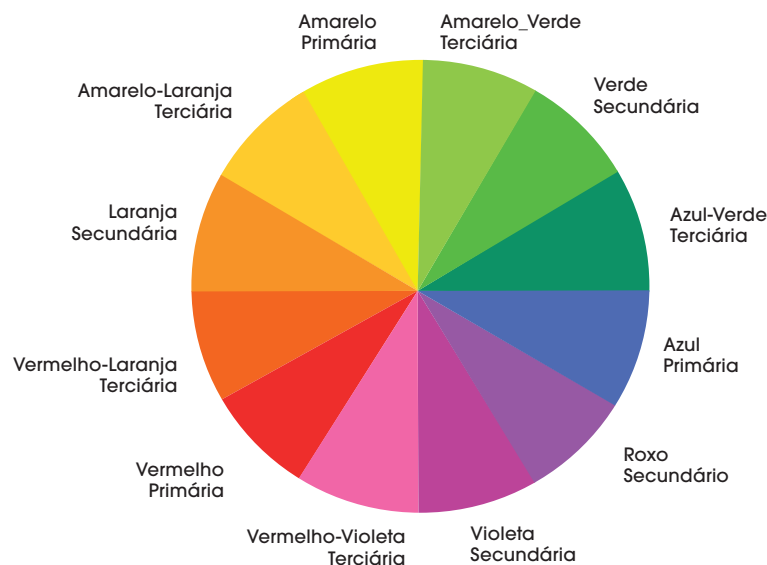
Tecido: o conceito de pintura, atualmente, é ampliado na representação das artes visuais, e o tecido, sendo suporte (tela) ou não, servindo-se disso rompe com a linguagem clássica das construções pictóricas. Na história da arte contemporânea a figuração e a arte conceitual em seus alargamentos fazem do tecido uma nova descoberta na pintura.



CORES

ENCONTROS 17

Estudo de cores. As cores fazem parte do nosso dia a dia impregnadas de simbologia e significados.



ENCONTRO 18

Trabalho com cores a partir das produções realizadas nos encontros anteriores e aplicação de uma breve avaliação para saber o que foi possível aprender. Será o momento de explorar texturas, cores e tintas. Compreender o processo de criação da tinta, criar instrumentos alternativos para pintar, identificar as texturas criadas por diferentes materiais. Cores primárias, secundárias e complementares, técnicas de pintura (acrílica).

DESENHO DE OBSERVAÇÃO

ENCONTRO 19

Finalização de desenho de observação e estudo de cores. Desenho de observação a partir de referências que serão conversadas, sugeridos pelo(a) arte-educador(a) e escolhidos pelos(as) adolescentes. Sugestão de desenhos: <#Kids4HumanRights.org>. Início de esboço de desenho.

SUBJETIVIDADES DO DESENHO - ESBOÇO DE DESENHO 1

ENCONTRO 20

Esboço de desenho de observação (passo a passo) a partir de sugestões conversadas e escolhidas coletivamente.

ENCONTRO 21

Possível início de pintura e teste de cores.

ENCONTRO 22

Conversa acompanhada de referências (rostos/carrancas/caricaturas) de díspares estilos, traços e artistas.

ENCONTRO 23

Pintura, conversa e finalização de desenho de observação.

ENCONTRO 24

Exibição do filme:

O DIÁRIO DE UM ARTISTA - PAUL KLEE

Os trabalhos de Paul Klee (1879-1940) como os de Kandisky e Delaunay, revolucionaram o conceito de composição e do uso das cores. Klee questionava formas, linhas e cores. Ouvia a natureza, a ciência de seu tempo, a música e a poesia criando uma linguagem simbólica. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tl-mW8mZfjU>>, acesso em 27 maio 2019.

ENCONTRO 25

Exercício de experimento com colagem (revistas) e possibilidades de desenhos a partir do filme: Paul Klee - O Diário de um Artista. Pensando que desde épocas antigas, artistas construíam suas obras de arte colando umas peças às outras, e mais recentemente, no século XX, pintores do cubismo, surrealismo, dadaísmo começaram a recortar e colar, usando diferentes texturas para representar suas produções.

LEITURA VISUAL 2

ENCONTRO 26

Finalização do experimento de colagem. Conversa com os(as) adolescentes sobre processo final. Comparar obras conhecidas com o processo realizado.

TÉCNICAS DE DESENHO (DESCONSTRUÇÃO)

ENCONTRO 27

Trabalho com técnicas que fogem ao padrão de idealização (perfeição e realismo) e formas geométricas simples.



ENCONTRO 28

Roda de conversa sobre objetivo X subjetivo na arte.

ENCONTRO 29

Finalização: técnicas de desenho. Conversa com os(as) adolescentes sobre o que foi desenhar desconstruindo um desenho já feito. Sugestões para melhorar as produções.

ENCONTRO 30 E 31

Exibição de filme e roda de conversa sobre arte, amor e mulheres no pixo. Propor uma atividade de desenho a partir da compreensão do tema.

SUGESTÃO

PIXO, 2009. 1H01MIN. DIREÇÃO JOÃO WAINER E ROBERTO T. OLIVEIRA.

O impacto da pichação como fenômeno cultural na cidade de São Paulo e sua influência internacional como uma das principais correntes da street art. O filme participou da exposição *Né dans la Rue* (Nascido na Rua), da Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, em Paris. O documentário mostra a realidade dos pichadores, acompanha algumas ações, os conflitos com a polícia e revela um outro olhar sobre algumas intervenções já muito exploradas pela mídia.

ENCONTRO 32

Roda de conversa com os adolescentes sobre o conteúdo do filme.

SUBJETIVIDADES DO DESENHO 2

ENCONTRO 33

Conversa com os(as) adolescentes para preparar o desenho escolhido. Para os(as) que sabem desenhar bem à mão livre, não tem segredo: basta rabiscar direto no suporte. Passo a passo, direcionar o processo.

ESBOÇO DE DESENHO 2

ENCONTRO 34

Primeiros esboços de desenho em suporte pensando sua textura.

Lembrar que desenhar é uma linguagem semipronta do criar, e esboço é o método do processo criativo.



CONVERSA SOBRE O PROCESSO

ENCONTRO 35

Conversar individualmente com os(as) adolescentes, sobre retratar, pincelar, representar, traçar, desenhar. Continuação de esboços, passo a passo. Pensar juntos que caminho estamos tomando.

ENCONTRO 36

Exibição de filme: escolher com os(as) adolescentes.

SUGESTÃO

COM AMOR, VAN GOGH (2017).

Estreando a técnica da animação a partir de pinturas a óleo, seguindo o mesmo estilo do próprio homenageado, o filme foi desenvolvido. Ou seja, mais do que contar a história do artista, era necessário apresentá-la sob seu ponto de vista tão particular, que fez com que o pintor se tornasse atemporal após sua morte.

ENCONTRO 37

Roda de conversa com os(as) adolescentes e exercício a partir de suas leituras. Sugestão: ler a obra “O quarto de Van Gogh” e fazer uma analogia do quarto que dormem atualmente. Problematicar algumas questões mostradas no filme.

LEITURA VISUAL 3

ENCONTRO 38

Prévia de finalização da oficina. Conversa acompanhada de leitura visual do processo antes, durante e depois.

ENCONTRO 39

Entrega do trabalho de finalização, entrega dos certificados, possibilidade de exposição com convidados(as), conversa final de agradecimento.

ESCULTURA

ENCONTRO 40

Início do módulo de escultura, apresentação dos conceitos históricos e práticos da argila.

ENCONTRO 41

Confecção de peças funcionais com a argila.

ENCONTRO 42

Confecção de peças artesanais com enfoque na figura humana.

ENCONTROS 43 E 44

Desenvolvimento livre, tendo como base a atividade dos encontros anteriores.

ENCONTROS 45 E 46

Pintura e acabamento das peças de argila.

ENCONTRO 47

Técnicas e modelagem de esculturas em argila. Tema proposto: Movimentos do corpo. Preparação da massa para a modelagem e exercício prático. A massa de argila será preparada pelos(as) adolescentes com a orientação e técnicas dadas pelo(a) arte-educador(a): acrescenta-se água à argila para lhe dar maior consistência e facilitar seu manuseio e acabamento através das mãos. A partir de bolas de argila previamente preparadas, cada adolescente terá que construir uma peça de escultura retratando a dança e seus movimentos.

ENCONTRO 48

Continuação das esculturas em argila; com as habilidades adquiridas no decorrer das aulas anteriores, os(as) adolescentes utilizarão imagens impressas do corpo humano (mãos, pés, braços, pescoço, cabeça dentre outros) para o desenvolvimento das peças.

ENCONTRO 49

Utilização de tintas de cores variadas para o processo de pintura das esculturas; será dada uma demão de tinta branca em toda peça para o recebimento das demais cores que serão utilizadas no processo de pintura. Sugerir aos(as) participantes para que usem a criatividade para pintá-las.

ENCONTRO 50

Continuidade do encontro anterior. Preparação, secagem e técnicas de pintura das peças em argila. Serão preparadas com técnicas de pintura utilizando diferentes formas de pincéis (redondo, chato, pontilhismo), tinta branca látex para pintura de fundo e das cores necessárias; será dada uma demão de tinta branca em toda peça para o recebimento das demais cores que serão utilizadas no processo de pintura.

ENCONTRO 51

Os(As) participantes vão realizar o acabamento da pintura e os retoques finais das esculturas.

ENCONTRO 52

Nessa aula será proposta uma escultura através da forma, estrutura e volume com a temática “Silhueta de mulheres”, tendo como referência imagens do escultor Lasar Segall.

LASAR SEGALL nasceu em 1889 na cidade de Vilna, que na época pertencia ao território da Rússia. Em 1906, ele emigrou para a Alemanha onde continuou seu aprendizado artístico nas Academias de Arte de Berlim e Dresden. Em 1923, Lasar Segall migrou novamente, dessa vez para o Brasil, se incorporando ao nascente movimento modernista, sendo um de seus expoentes. Nas décadas seguintes, Segall ofereceu sua contribuição para o desenvolvimento da cultura brasileira. Durante a sua trajetória artística, Lasar Segall escreveu e publicou textos, proferiu conferências e, sobretudo, pintou, gravou e esculpiu incessantemente, buscando sempre manter-se fiel aos seus ideais estéticos.

ENCONTRO 53

Preparação da massa para a modelagem e exercício prático. Criação a partir de bolas de argila previamente preparadas, momento em que cada adolescente terá que construir uma peça de escultura de uma silhueta feminina. O(A) arte-educador(a) pode sugerir o trabalho com esculturas de silhuetas de mulheres africanas.

ENCONTRO 54

Continuação do processo da escultura em argila. Nessa aula os(as) adolescentes vão utilizar lixa nº 2 para dar forma e acabamento às peças, com movimentos suaves e circulares para o recebimento da pintura que será feita na peça quase terminada.

ENCONTRO 55

Preparação, secagem e técnicas de pintura das peças em argila. Os(As) adolescentes deverão preparar suas obras para a finalização da atividade do tema proposto. Serão preparadas utilizando-se de técnicas de pintura com diferentes formas de pincéis (redondo, chato, pontilhismo), tintas brancas látex para pintura de fundo, pincéis, tinta acrílica e verniz.

ENCONTRO 56

Processo de acabamento da escultura em argila. Utilização de tintas de cores variadas no processo de pintura das esculturas; será dada uma demão de tinta branca em toda peça para o recebimento das demais cores. Sugestão para que os(as) participantes usem sua criatividade ao pintá-las.

ENCONTRO 57

Propor uma exposição para apreciação das obras criadas pelos(as) adolescentes, na qual a unidade que acompanhou o curso e seu desenvolvimento estaria presente, analisando e fortalecendo a autoestima, possibilitando que os(as) adolescentes tenham uma visão positiva do curso e também perspectivas no mercado de trabalho.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. 9 Ed. Ediouro: Rio de Janeiro, 2005.
 DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho. 1 ed. Editora Scipione: São Paulo, 1989.
 BARBOSA, Ana Mae (Org.). Arte Educação Contemporânea. Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

A person wearing a green jacket is shown from the chest up, working on a white, crumpled object. The person's hands are visible, and they are wearing a green beaded bracelet on their left wrist. The background is a textured, light-colored surface.

OFICINA

FANZINE

DE

FAN
ZI
NE





INTRODUÇÃO

Fanzine ou zine é uma abreviação de fanatic magazine (fã + revista). É uma revista alternativa produzida por qualquer pessoa, usando materiais básicos disponíveis, como uma única folha, para a fácil reprodução e distribuição através de cópias. A arte do fanzine é variada, com formatos em quadrinhos, textos, poesia, conforme a vontade do(a) autor(a), e pode ser realizada com qualquer tema desejado. O zine é uma forma de expressão individual ou coletiva para circulação em um determinado ambiente.

A oficina tem como objetivo apresentar e desenvolver com os(as) jovens as técnicas de fanzine e, de acordo com a sua realidade, suas histórias e seus conhecimentos, criar um processo de reflexão e apreensão sobre o mundo, instigando a pensar caminhos diferentes e registrando o processo por meio dessas técnicas. Pretende ainda facilitar, problematizar e estimular a escrita, o desenho e a leitura visual, entender o papel da comunicação nas suas diferentes possíveis linguagens, compreendendo o fanzine como uma antítese de veiculação de ideias verticais.

OBJETIVOS

Apontar caminhos através das artes visuais para que o(a) jovem se reconheça como sujeito de sua história e desenvolva os conceitos de identidade, empatia e problematização do meio em que vive por intermédio de dinâmicas de comunicação visual, jogo teatrais, músicas, técnicas de escrita, técnicas de leitura de mundo e pelo conceito do faça você mesmo.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Tarjetas coloridas, canetão, modelos de fanzine, folhas de sulfite, lápis preto, borracha, revistas, canetas, letras de músicas, revistas velhas, cola bastão, tesoura, apontador, revistas diversas, tesouras, revistas em quadrinhos velhas, grampeador, gravador de voz, papel vegetal ou papel para desenho, lápis de cor, jornais, instrumentos musicais, papel Kraft, canetas hidrocor; equipamentos de som e de vídeo e suporte para arquivos.

CONTEÚDOS ABORDADOS

- História do fanzine
- Conceito de comunicação e meios de comunicação
- Técnicas de fanzine
- Ancestralidade e músicas brasileiras

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Nesse encontro o(a) arte-educador(a) vai apresentar a proposta dos encontros, sua trajetória aos/às adolescentes, com o objetivo de estabelecer vínculos e despertar interesse. Após a apresentação o(a) arte-educador(a) estabelece as regras de convivência do grupo com o objetivo de desenvolver um bom trabalho e torná-los corresponsáveis pelo andamento da oficina.

ENCONTRO 2

Dinâmica de como o grupo chegou a esse encontro, com objetivo de que cada jovem seja instigado a dizer, com poucas palavras, como se sente em relação a esse momento. Objetivo: sondagem sobre o perfil dos(as) jovens, registrando em tarjetas coloridas com canetão, cada jovem escreve uma palavra sobre como se sente e, depois, em roda, todos(as) são convidados(as) a compartilhar seus sentimentos. As tarjetas são coladas na parede formando um painel com os sentimentos do início do dia e o mesmo processo será realizado no final da aula para fazer um comparativo com sua entrada e saída.

ENCONTRO 3

Construção de uma carta de convivência e sobre as expectativas com relação a essa oficina. Realizar com os(as) adolescentes uma cartografia dos seus conhecimentos sobre artes através de desenhos ou conversas registradas em um painel (dinâmica “como saímos do encontro de hoje”).

A **CARTOGRAFIA** é uma sondagem dos conhecimentos prévios dos(as) adolescentes, anotando tudo que conhecem sobre arte para facilitar a comunicação com o grupo durante o processo da oficina, e saber qual assunto ou tema é de maior relevância para eles(as).

INTRODUÇÃO À LINGUAGEM DO FANZINE E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

ENCONTRO 4

Dialogar com os(as) adolescentes sobre a oficina e como será desenvolvida, explicar o que é fanzine, o que é mídia, pensar o fanzine como uma mídia de veiculações de ideias

de determinados grupos e de baixo custo. Quem escreve fanzine? Por quê? E para quem?

A palavra **FANZINE** vem da contração da expressão em inglês fanatic magazine, que significa em português revista de fãs. E o que isso significa? Significa que os fanzines são publicações feitas por pessoas e para pessoas que gostam de um determinado tema em comum, sejam elas amadoras ou profissionais.

ENCONTRO 5

Explorar as temáticas do fanzine: início do processo de escolha de temática relevante para os(as) adolescentes do grupo. Mostrar modelos de zines produzidos por diversos movimentos e pessoas.

ENCONTRO 6

Trabalhar atualidades selecionadas em diferentes revistas e jornais para entender como os meios de comunicação veiculam os mesmos temas de forma diferente. Continuação da aula anterior, aprofundamento de conceitos e temas.

ENCONTRO 7

Continuação da aula anterior e inclusão de músicas, desenhos e vídeos relacionados aos temas para incentivar o processo criativo e ampliar a reflexão.

ENCONTRO 8

Escolha junto dos(as) adolescentes de um tema comum para iniciar o processo de criação.

ENCONTROS 9 E 10

Pesquisa do tema proposto pelos(as) adolescentes no encontro anterior em livros, músicas, revistas, jornais etc. e roda de conversa sobre o tema e o material pesquisado.

ENCONTRO 11

Conversa com o grupo sobre o que é fanzine com escolha de um possível tema (pode ser uma escolha individual ou coletiva, a critério do(a) arte-educador(a)) para entender o quanto os(as) adolescentes absorveram sobre a temática.

HISTÓRIA DO FANZINE

ENCONTRO 12

Dinâmica inicial: apresentação da história do fanzine e de um modelo de fanzine, e pro-

dução de um fanzine com as temáticas de referências femininas na música e na história.

ENCONTRO 13

Realização de leituras e debates com base em audição de músicas e apresentação de vídeos. Apresentação de fanzine, letras e audição de músicas com a temática do ser mulher, para que o grupo crie desenhos e escritos sobre liberdade feminina, realizando recorte e cola de revistas. Referência apresentada: Elza soares, “Mulher no fim do mundo”.

Considerada “a melhor cantora do milênio” pela BBC e descrita como “uma mistura explosiva de Tina Turner e Celia Cruz” pela Time Out, **ELZA SOARES** é conhecida no mundo todo como A Rainha do Samba. Nascida na favela da Moça Bonita, passou a infância “rodando pião e brigando com os meninos”. Casou pela primeira vez aos 12 anos, teve seu primeiro filho aos 13, ficou viúva aos 21, e se tornou sensação internacional aos 30.

CONCEITO DE COMUNICAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

ENCONTROS 14 E 15

Dinâmica inicial de integração, para apresentar o conceito de comunicação e meios de comunicação, a importância da comunicação social e suas bases através de dinâmicas que simulem processos de comunicação e vídeo para debate. Dinâmicas como telefone sem fio, jogo imagem e ação e apresentação do vídeo “Processo de comunicação”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_C3AmzKpJbQ>. Acesso em 9 abr. 2019.

DESENHO E ESCRITA LIVRES

ENCONTROS 16 E 17

Produção de desenho e escrita livre com possível leitura visual, para denotar elementos técnicos e psicossociais dos(as) adolescentes. Exercício: “O que espero dessa oficina?”.

ENCONTRO 18

Quem conta nossas histórias? Quais são as artes urbanas que contam nossas histórias? Realização de dois desenhos ou escrita sobre histórias próprias no passado e no presente, com base em audição da música temática: “Nego drama”, do grupo Racionais MC's, álbum Nada como um dia após o outro.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vx1ooSzcUXk>>. Acesso em 21 abr. 2019 (Dinâmica “como saímos do encontro de hoje”).

ENCONTRO 19

Conversa e debate sobre “Quem conta nossas histórias”. Após debate, realização de dinâmica de contação de histórias, na qual os(as) jovens em duplas contam um(a) ao(a) outro(a) uma história que viveu no seu bairro e depois dividam com o grupo. Referência apresentada: Conceição Evaristo.

CONCEIÇÃO EVARISTO é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Nascida em 1946 em uma favela de Belo Horizonte, ela conciliou os estudos com o trabalho como empregada doméstica, até concluir o curso Normal (equivalente ao atual magistério), aos 25 anos. Premiada e traduzida, Conceição Evaristo virou referência para autoras negras. Principais livros: Ponciá Vicêncio, Becos da memória, Poemas da recordação e outros movimentos, Insubmissas lágrimas de mulheres, Olhos d’água.

ENCONTRO 20

Com base nas histórias contadas pelos(as) jovens, realizar dinâmica de produção de poesia coletiva em que cada um(a) deverá contribuir para a poesia com uma parte de sua história, já contada na aula anterior. Leitura das letra da música “Triste, louca ou má”, de Francisco el Hombre.

ENCONTRO 21

Exibição do filme 5 x favela – Agora por nós mesmos, que apresenta 5 histórias distintas ocorridas nas favelas do Rio de Janeiro e produção de um fanzine com base em uma releitura dos(as) jovens sobre essas histórias, de acordo com suas expectativas.

SUGESTÃO

5X FAVELA - AGORA POR NÓS MESMOS, 2010. 1H40MIN. Direção Cacau Amaral, Rodrigo Felha, Cadu Barcelos, Luciano Vidigal, Manaira Carneiro, Wagner Novais, Luciana Bezerra. **EPISÓDIO 1 - FONTE DE RENDA:** Maicon (Sílvio Guindane) consegue realizar o sonho de passar no vestibular, mas logo se encontra apreensivo devido à sua incapacidade de arcar com os gastos com livros, alimentação e transporte. Ele fica então tentado a vender drogas para os colegas de faculdade, como forma de obter o sustento necessário para os estudos. **EPISÓDIO 2 - ARROZ COM FEIJÃO:** Para conseguir um quarto para o filho, os pais de Wesley (Juan Paiva) resolvem reduzir o cardápio diário a arroz com feijão. No aniversário do pai, o garoto se junta ao amigo Orelha (Pablo Vinícius) para conseguir dinheiro, no intuito de comprar um frango como presente. **EPISÓDIO 3 - CONCERTO PARA VIOLINO:** Quando crianças, Márcia (Cíntia Rosa), Jota (Thiago Martins) e Ademir (Samuel de Assis) fizeram um pacto de amizade eterna. Agora, com todos em torno dos 20 anos, Jota entrou para o tráfico de drogas, enquanto Ademir se tornou policial. O confronto entre os dois pode

SUGESTÃO

impedir que Márcia, agora violinista, realize o sonho de uma bolsa de estudos na Europa. **EPISÓDIO 4 - DEIXA VOAR:** Flávio (Vitor Carvalho), de 17 anos, deixa que a pipa de um amigo voe. Para buscá-la, ele precisa ir à favela de uma facção rival. Mesmo com medo, ele decide buscar a pipa. **EPISÓDIO 5 - ACENDE A LUZ:** É véspera de Natal e o morro está sem luz há três dias. Como os técnicos da companhia de luz não conseguem resolver o problema, um deles é sequestrado pelos moradores locais. Eles decidem fazê-lo de refém até que a luz volte.

ENCONTROS 22 E 23

Exibição de filme, conforme processo inicial da oficina. Roda de conversa com os(as) adolescentes e exercício a partir de suas leituras.

SUGESTÃO

UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA, 2013. 1H15MIN. DIREÇÃO LUIZ BOLOGNESI.

Um homem (Selton Mello) com quase 600 anos de idade acompanha a história do Brasil, enquanto procura a ressurreição de sua amada Janaína (Camila Pitanga). Ele enfrenta as batalhas entre tupinambás e tupiniquins, antes de os portugueses chegarem ao país, e passa pela Balaiada e o movimento de resistência contra a ditadura militar, antes de enfrentar a guerra pela água em 2096.

UMA ONDA NO AR, 2002. 1H32MIN. DIREÇÃO HELVÉCIO RATTON.

Jorge, Brau, Roque e Zequiel são quatro jovens amigos que vivem em uma favela de Belo Horizonte e sonham em criar uma rádio que seja a voz do local onde vivem. Eles conseguem transformar seu sonho em realidade ao criar a Rádio Favela, que logo conquista os moradores locais por dar voz aos excluídos, mesmo operando na ilegalidade. O sucesso da rádio comunitária repercute fora da favela, trazendo também inimigos para o grupo, que acaba enfrentando a repressão policial para a extinção da rádio.

PROCESSO DE LEITURA, CAPTURA DE IMAGEM E EXERCÍCIO: “PODE PÁ: QUEREMOS FALAR”.

ENCONTRO 24

Por meio de um desenho produzido pelos(as) adolescentes e arte-educador(a), estimula-se um exercício de escrita para livre expressão.

DIÁRIO DE BORDO 1**ENCONTRO 25**

Dinâmica de integração e, logo após, apresentação do conceito de diário de bordo/portfólio para os(as) adolescentes. Criação de um diário de bordo pelos(as) participantes. Referência apresentada: Maria Carolina de Jesus.

DIÁRIO DE BORDO: criação de um caderno de livre expressão que será utilizado em todas as aulas e só será compartilhado no momento que o(a) adolescente se sentir à vontade para autorizar.

(MARIA) CAROLINA DE JESUS foi um dos grandes fenômenos literários do Brasil nos anos 1960. Seu trabalho foi descoberto por um jornalista, que a ajudou a publicar seu livro de estreia, *Quarto de Despejo*, que ficou no topo da lista de mais vendidos e foi publicado em mais de treze países. Negra, pobre e favelada, Carolina de Jesus possui uma das escritas mais contundentes da literatura brasileira. Principais livros: *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita*.

TÉCNICAS DE FANZINE

ENCONTRO 26

Construção de um painel com técnicas de fanzine, sobre as oficinas realizadas na visão dos(as) participantes.

ENCONTRO 27

Dinâmica sobre comunicação e, em seguida, criação de um roteiro de entrevista pelos(as) adolescentes, que, separados em três grupos, terão as funções de registrar, entrevistar e coletar material das oficinas guiando-se por esse roteiro.

ENCONTRO 28

Continuação do encontro anterior. Realizar dinâmica sobre comunicação e em seguida criar um roteiro de entrevistas com os(as) participantes, divididos em três grupos, com as funções de registrar, entrevistar e coletar material das oficinas.

ENCONTRO 29

Construir painel com o material coletado nas entrevistas realizadas. Referência: mulheres de destaque no jornalismo na atualidade, como Glória Maria, repórter da Rede Globo; Joyce Ribeiro, apresentadora do *Jornal da Cultura*; e Maria Júlia, conhecida como “Maju”, apresentadora da Rede Globo.

DESENHO DE OBSERVAÇÃO COM POSSÍVEIS REFERÊNCIAS

ENCONTROS 30 E 31

Por meio de imagens diversas, brinquedos, ou observando outro(a) adolescente. A proposta

é como se vê o outro, e os(as) adolescentes devem reproduzir as imagens observadas.

ENCONTROS 32 E 33

Começo do processo criativo, produção de textos e desenhos com as temáticas desenvolvidas em aulas e escolhidas pelos(as) participantes e avaliação da produção.

ENCONTRO 34

Finalização da produção de textos e desenhos.

ENCONTROS 35 E 36

Seleção de textos.

ENCONTRO 37

Dinâmica inicial, apresentação de um modelo de fanzine e produção, pelos(as) adolescentes, de um fanzine com a temática “liberdade”. Após audição e leituras de letras de músicas sobre o tema, serão criados desenhos e escritos, com auxílio de recorte e cola de revistas.

ENCONTRO 38 E 39

Apresentação do documentário *My name is now* – Elza soares e debate sobre o documentário.

MY NAME IS NOW, 2018. 1H11MIN. DIREÇÃO ELIZABETE MARTINS CAMPOS.

Elza Soares dispensa maiores apresentações. Diva da música nacional, dona de grande trajetória, ela conquistou não só os palcos brasileiros, como de todo o mundo.

ENCONTROS 40 E 41

Exibição do documentário *Pixo* e debate sobre o documentário.

PIXO, 2009. 1H01MIN. DIREÇÃO JOÃO WAINER E ROBERTO T. OLIVEIRA.

O impacto da pichação como fenômeno cultural na cidade de São Paulo e sua influência internacional como uma das principais correntes da street art. O filme participou da exposição *Né dans la Rue* (Nascido na Rua), da Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, em Paris. O documentário mostra a realidade dos pichadores, acompanha algumas ações, os conflitos com a polícia e apresenta um outro olhar sobre algumas intervenções já muito exploradas pela mídia.

ENCONTROS 42 E 43

Exibição dos videoclipes *Tenta me catar*, de Ba kimbuta; *A minha alma*, do grupo Rappa;

e Mágico de Oz, do grupo Racionais Mc's, seguidas de debates sobre as temáticas apresentadas, com exposição fotográfica de personagens que foram presos e reinventaram suas vidas, como Dexter músico e compositor do grupo 509-e; Rubin Carter, escritor e boxeador; e Malcom X, ativista social.

DESENHO COM COLAGEM

ENCONTROS 44 E 45

Por meio de recortes de revistas e jornais, os(as) adolescentes expressarão suas ideias para criação de uma imagem lúdica.

ENCONTRO 46

Possível finalização de desenho de colagem.

ENCONTROS 47 E 48

Dinâmica inicial. Apresentação de músicas produzidas na periferia com a temática “liberdade”. Em seguida, realização da atividade de construção coletiva de poesias e letras de música, com base no tema “quem somos nós”.

CARTA

ENCONTRO 49 E 50

Construção de um fanzine com formato de carta para alguém importante da família. Processo acompanhado de letra e música Saudades mil (A carta), do grupo 509-e. Processo acompanhado de letra e música com a temática de carta.

ANCESTRALIDADE E MÚSICAS BRASILEIRAS

ENCONTRO 51

Roda de conversa para cantar músicas de capoeira, samba e jongo e apresentar o conceito de cantigas de roda. Exibição do documentário Jongo – Levanta povo. Debate sobre o vídeo.

JONGO - LEVANTA POVO, 2016. 23MIN24S. DIREÇÃO FELIPE SCAPINO.

O jongo, ou caxambu, é um ritmo que teve suas origens na região africana do Congo e de Angola. Chegou ao Brasil-Colônia com os negros de origem bantu

trazidos como escravos para o trabalho forçado nas fazendas de café do Vale do Rio Paraíba, no interior dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. O documentário é uma homenagem da Dona Tó, mestra jongueira de Guaratinguetá, que se encantou em 2013.

ENCONTRO 52

Realizar a leitura de reportagens sobre cantigas de rodas sagradas da tradição africana [espaços de (re)construção das identidades]: capoeira, samba, jongo e o sagrado. Sugestão: reportagem de programas da TV Raiz sobre cultura Popular. <www.youtube.com/watch?v=PxFrc1WYYMw>, acesso 18 abr. 2019.

ENCONTRO 53

Realizar um fanzine sobre cantigas de roda, capoeira e jongo.

TERRITÓRIO

ENCONTRO 54

Dinâmica inicial. Produção de um fanzine, com os participantes reunidos em duplas, sobre a temática “O que é periferia?”. Durante o processo, sugere-se reproduzir a música Periferia é periferia, do grupo Racionais Mc's.

ENCONTRO 55

Cartografia coletiva da periferia (bom, ruim e pode melhorar). Reflexão e debate sobre a periferia, baseados na apresentação/reprodução de músicas e poemas com a temática da periferia; os participantes serão divididos em três grupos, ficando cada grupo responsável por realizar determinada arte, como: poema, letra de música ou desenho, sobre o que há de bom, de ruim e o que poderia melhorar na periferia.

PAINEL COLETIVO

ENCONTRO 56

Construção de um painel com técnicas de fanzine, sobre as oficinas realizadas.

ENCONTRO 57

Dinâmica sobre comunicação e criação de um roteiro de entrevistas pelos(as) adolescentes, a ser aplicada entre eles(as) mesmos(as); divididos em três grupos, com as funções de registrar, entrevistar e coletar material das oficinas.

ENCONTRO 58

Realização de atividade em conjunto com as oficinas do projeto. Proposta de entrevistar os(as) participantes e o(a) arte-educador(a) de referência da oficina e documentar suas opiniões no painel a ser construído e exposto.

ENCONTRO 59

Produzir fanzines com o material coletado nas entrevistas realizadas.

ENCONTRO 60

Exibição do filme Hurricane.

HURRICANE - O FURACÃO, 1999. 2H26MIN.

Em junho de 1966, Rubin "Hurricane" Carter (Denzel Washington) era um forte candidato ao título mundial de boxe. Entretanto, os sonhos de Carter vão por água abaixo quando três pessoas são assassinadas num bar em Nova Jersey. Indo para casa em seu carro e passando perto do local do crime, Carter é erroneamente preso como um dos assassinos e condenado à prisão perpétua. Anos mais tarde, Carter publica um memorial, chamado The 16th round, em que conta todo o caso. O livro inspira um adolescente do Brooklyn e três ativistas canadenses a juntarem forças com Carter para lutar por sua inocência.



ENCONTRO 61

Continuação do encontro anterior com roda de conversa e exercícios a partir de suas leituras sobre o filme.

DIÁRIO DE BORDO 2**ENCONTRO 62**

Retomada da produção do diário de bordo, com leitura coletiva de seus escritos e músicas e troca de seus escritos e impressões sobre eles(as) entre os(as) participantes.

AVALIAÇÃO**ENCONTRO 63**

Avaliação de todo o processo, retomada da conversa sobre mídia e comunicação para enfatizar a importância da comunicação e o papel do fanzine, com o objetivo de valorizar a produção da turma até o momento.

ENCONTROS 68 E 69

Realizar o trabalho sobre referências de tipografia e diagramação. Discutir a partir de diversos modelos, tais como: quadrinhos, livros, revistas, fanzines e cordéis.

ENCONTRO 70

Feitura da capa e finalização do trabalho.

ENCONTRO 71

Continuação da atividade anterior e informação aos(as) adolescentes de que o fanzine por eles(as) produzido será distribuído para os(as) adolescentes da unidade.

AVALIAÇÃO**ENCONTRO 72**

Revisão geral do trabalho e roda de conversa para a avaliação de todo o processo.

ENCONTRO 73

Entrega das cópias reproduzidas do produto final (fanzine) e conversa sobre a circulação das ideias contidas no fanzine.

FINALIZAÇÃO DOS FANZINES

ENCONTRO 60

Dinâmica inicial. Atividade de finalização de ciclo em conjunto com as outras oficinas.

ENCONTRO 61

Preparar os fanzines, painéis e poemas para a atividade de finalização.

ENCONTRO 62

Apresentação coletiva com outras linguagens artísticas desenvolvidas na unidade.

EXPOSIÇÃO

ENCONTRO 74

Proposta aos(as) adolescentes de que seja realizada uma exposição das artes que aprenderam na oficina, organizada coletivamente por eles(as).

ENCONTRO 75

Confraternização com os(as) participantes e apresentação de escritos e artes criados na oficina. Avaliação sobre a oficina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAGALHÃES, Henrique. O que é fanzine. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1993. NETO, Elydio dos Santos; Silva, Marta Regina Paulo da (org). Histórias em Quadrinhos e práticas educativas: O trabalho com universo ficcionais e fanzines. 1ed. Editora Criativo: São Paulo, 2013.

FOTO
GRAFIA

L

FOTO



FIA 1

OFICINA DE
GRAFIA



INTRODUÇÃO

O que se pretende é preparar o olhar fotográfico do(a) adolescente, ensiná-lo(a) a registrar a imagem. Essa oficina atua no sentido de resgatar a identidade social do(a) adolescente, indissolúvel da sua história de vida. O contato com a linguagem fotográfica propicia um novo olhar sobre a realidade.

OBJETIVOS

- Desenvolver sensibilidade para olhar fotográfico, registrar a imagem e editá-la;
- Promover discussão sobre identidades, autoestima e projeto de vida;
- Discutir masculinidades, preconceitos e rótulos impostos pela sociedade;
- Pensar caminhos de mudança para viver melhor.

ESTRATÉGIAS

As oficinas serão desenvolvidas por meio de rodas de conversa e dinâmicas.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Canetas, papéis sulfite reciclados, máquina fotográfica, bonés, camisetas, chroma key, material para cuidados pessoais (gel para cabelo, pentes), roupas coloridas, imagens impressas (reportagens, matérias de jornal), máscaras dos terços, figurinos, guarda-chuva, alicate vazador, kits (contendo elástico, PVA, PVC, papel sulfite, fotografia, embalagem, fita dourada (prateada), bailarinas (colchete) e canetão marcador, bonecos, tecidos luvas pretas, touca com dreads, protetor de rosto, camisetas laranja, tecido para painel, fita adesiva larga; equipamentos de som e vídeo e suporte para arquivos.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Apresentação do educador e da proposta de oficina de “FOTOGRAFIA – Identidades, Rótulos e Imagens Idiomáticas” deforma a proporcionar empatia e agregar informações. Combinados sobre a dinâmica da oficina e sobre os materiais que serão utilizados.

CONHECENDO O(A) EDUCANDO(A) - APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO EM PÉ

ENCONTRO 2

Sondagem individual com os(as) adolescentes, e levantamento de expectativas. Aplicação do Questionário em pé a fim de conhecer aspectos da individualidade do(a) adolescente, sua inserção social, mapas de comunicação e sociabilidade, territorialidade, percurso educacional, realidade e perspectivas profissionais, lazer e entretenimento, temas de conversas, participação cultural, trajetória na medida socioeducativa, aspectos emocionais e comportamentais.

CONHECENDO O EQUIPAMENTO

ENCONTRO 3

Apresentação dos diversos tipos de câmeras e das formas corretas de utilização dos equipamentos. Como conduzir o equipamento de forma segura e seus controles diversos. como utilizar o Chroma Key demonstrando montagem, encaixes, tecido e desmontagem com acondicionamento.

AUTORERETRATO, SUA HISTÓRIA E ATUALIDADE REPRESENTADA PELA SELFIE.

ENCONTRO 4

Autorretrato, sua história e atualidade representado pelo selfie. Apresentação do que é a selfie e uma breve história do autorretrato na pintura e na fotografia.

Os ângulos na produção de imagens, distorções e intenções.

O início dos “retratos” e as imagens posadas na pintura individual e coletiva.

A produção do “Autorretrato”: A composição das imagens e a posição do assunto (tema) na imagem. Os ângulos e as possíveis deformações do corpo na imagem.

Ângulo de Visão: da esquerda para a direita. Elementos que agradam o processamento da compreensão pelo observador. Do alto para baixo e de baixo para o alto. Cabeça, perfil, planos e os primeiros planos da imagem.

Forjando o Selfie: Poses forjando uma Selfie, para uma possível “Fotomontagem”.

ENCONTRO 5

Discussão sobre educação x profissão: quais as perspectivas de estudo e trabalho na área da fotografia?

A partir de fotos individuais com objetos e roupas de profissões fomentar o debate sobre educação e mídia.

Uma manchete de jornal com a imagem em destaque, associando-a à imagem escolhida. Discutir as temáticas da manchete a ser produzida. Após as impressões das provas, debater e formular uma manchete de jornal associando-a com a imagem escolhida.

LEITURA FOTOGRÁFICA

ENCONTRO 6

Em roda de conversa, fomentar a discussão sobre as imagens no contexto “expressões idiomáticas”.

IDENTIDADES E RÓTULOS

ENCONTRO 7

Discutir com os(as) jovens aspectos que anulam a identidade e outros que a reforçam, como nome da pessoa ou vulgo, codinome artístico, digital. Pichação: demarcação de território através de símbolos.

Dividir a turma em dois grupos e através de imagens impressas de desenhos com objetos fazer a seguinte pergunta: O que é e o que cada um tem?

Com imagens de rótulos fazer a seguinte questão: O que é e qual é a marca?

Esta atividade tem o objetivo de possibilitar ao(às) adolescentes compreender o conceito básico de identidade pessoal.

Sobre a formação da identidade pessoal: aspectos do meio social que contribuem para o desenvolvimento de uma pessoa nas suas diversas fases da vida e suas altera-

ções de comportamento, fala, postura, vestimenta entre outras nos espaços coletivos (igreja, fórum, convívio, família, namorada(o), entre outros. Rotular. Apresentação dos aspectos do “tachar”: colocar defeitos em si próprio ou apontar os defeitos alheios.

“Pode-se definir identidade como o conjunto relativamente estável de aspectos de um indivíduo que o distingue dos outros e o tornam único”, “Toda generalização é perigosa, inclusive esta”. (Alexandre Dumas).

- Aspectos que anulam a identidade: comunicação digital, símbolos, visagismo e outros.
- Aspectos que reforçam a identidade: sentimentos, pensamentos, comportamentos, emoções, atitudes, motivações, projetos de vida etc.

ENCONTRO 8

Notícias: pontos e contrapontos de uma notícia.

Fomentar questões relativas a um fato atual, a partir do ponto de vista dos(as) adolescentes e de suas concepções ideológicas.

Após a apresentação do texto observar as notícias dos(as) adolescentes e qual os contrapontos que eles(as) observaram.

Imagens e reportagens: sobre os interesses da comunicação e formação de conteúdos para manter o poder das “classes dominantes”, com o seguinte questionamento: “Qual é a minha identidade e quem a representa?”.

Montagem de uma capa de jornal com notícias que não atendam a “Classe Dominante”.

ENCONTRO 9

Aspectos da imaginação e suas formas comuns e incomuns.

Objetivo específico: fomentar a percepção corporal e a “imaginação através da ludicidade dos(as) participantes e o fenômeno da pareidolia. Mensuração: acertos das imagens (pareidolia) e quantidade de imagens encontradas e a sua veracidade no senso comum. Posteriormente (em outra oficina) a dupla nomina a imagem e o coletivo acerta o senso comum.

Dinâmica 1. Nosso sistema sensorial, passa por processos cerebrais. No caso da visão, existem imagens que já estão configuradas pelo nosso cérebro. As vezes olhamos imagens que, apesar de serem uma coisa, representam outra para o nosso cérebro. Fenômeno denominado de pareidolia.

PAREIDOLIA é a fusão de imagens que estão armazenadas em nosso cérebro e aquelas que observamos, mas que remetem a outras, mesmo não sendo. Esse fato não ocorre com frequência, uma vez que são ilusões criadas pelo cérebro. Acontece também com sons.

Dinâmica 2. Divisão da turma em dois grupos, para que, após a apresentação de imagens, dizerem o que são e, posteriormente, o que parecem ser, refletindo sobre a atividade “O que somos e os rótulos que carregamos”.

- Posteriormente, em duplas de forma alternada, cada equipe busca colocar um “olho” nas imagens – manchas no chão –, para dar forma a uma imagem comum (caça imagem). (Plano B: em trios, buscar imagens nos A-3 de pisos cinza)
- Ao término, em roda de conversa, faz-se uma avaliação final.

Imagens: Pareidolia, modelos de caça imagem, olhos de plástico de diferentes tamanhos (Plano B: Imagens impressas em A-3 reproduzindo pisos para caça imagem – Utilização de transparências). Relógio digital, máquinas fotográficas.

PAREIDOLIA é um fenômeno psicológico que envolve um estímulo vago e aleatório

CAÇA IMAGENS: Atividade que busca manchas, texturas, rachaduras, resíduos ou qualquer tipo de imagem que se possa associar a uma forma estabelecida ou criada, agregando a esta “olhos” ou “olho” que completará(ão) esta associação, buscando no imaginário e no improviso estabelecer a criatividade oculta, e inspirando e exercitando a cognição artística na memória visual armazenada.

ENCONTRO 10

Análise, percepção e reflexão das imagens impressas.

Objetivo específico: análise, percepção e reflexão acerca das imagens: selfie/autorretrato, educação X profissão e caça imagem. O grupo deverá analisar as imagens produzidas e a sua qualidade, observando os ângulos e a qualidade da imagem.

Dinâmica 1. Sobre a pareidolia e o caça imagens: no caso da visão, as imagens que já estão configuradas pelo nosso cérebro. As imagens pessoais e a sua relação com o que cada um(a) é e a sua representação, através da sua imagem, como alguém pensa que você é. Conteúdo: análise de imagem e observação do que a imagem transmite, quanto tempo ela segura o olhar do(a) observador(a) e qual o ângulo em que foi fotografada.

Dinâmica 2. Sobre a nominação das imagens da atividade: caça imagens.

As imagens pessoais e a sua relação com o que cada um(a) é e a sua representação; através da sua imagem, como alguém pensa que você é. Escolha de imagens: em duplas, escolher duas imagens pessoais para impressão, observando os(as) adolescentes que participaram das atividades anteriores.

ENCONTRO 11

Edição e impressão de imagens analisadas: atividade extra espaço de oficina – atividade de preparatória – atribuição do(a) arte-educador(a).

Objetivo específico: produção de ampliações selecionadas em oficinas. Observação qualitativa das imagens, atentando às escolhas em relação às outras disponíveis nas provas.

Dinâmica. Edição de imagens e conversão de arquivos digitais, através de programas específicos a fim de produzir as imagens analisadas e selecionadas para impressão (ampliação). As imagens para ampliação são feitas em tamanho A6 e impressas em papel couchê 170g.

ENCONTRO 12

Análise, comparação, percepção das imagens apresentadas e das fotos pessoais ampliadas, e reflexão sobre elas: selfie/autorretrato, educação X profissão e caça imagem.

Objetivo específico: identidades pessoais no mundo – Comparação através de análise e percepção das identidades no mundo e no Brasil através de imagens. Em grupo nominar territórios e as identidades no mundo e, posteriormente, correlacioná-los com as imagens pessoais dos(as) adolescentes.

Dinâmica 1. Em roda de conversa apresentar imagens de diversas regiões do mundo e entre elas uma do Brasil, fazendo a correlação entre o Brasil e a sua diversidade territorial. Apresentar rostos (retratos) de pessoas também de diversas localidades do mundo e, posteriormente, correlacionar com as dos(as) adolescentes.

Dinâmica 2. Diversidade territorial, cultural e a sua relação com o Brasil. Nominção das imagens de territórios e pessoas no Mundo e a sua correlação com o Brasil. No final, em roda de conversa, discutir sobre a diversidade no mundo e perceber a relação ensino-aprendizagem.

TRABALHANDO TÉCNICAS - COMPOSIÇÃO E REGRA DOS TERÇOS

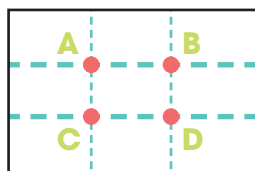
ENCONTRO 13

Composição e Regra dos terços.

Objetivo específico: ampliar o conhecimento sobre algumas regras em imagem, por meio da “regra dos terços”. Avaliação sobre a temática por meio de perguntas e respostas, exemplificando com imagens.

Dinâmica 1. O que é a lei dos terços? É uma regra básica para composição, uma norma clássica de composição, utilizada no “renascimento” durante o século XV e ainda muito importante para todo fotógrafo, cineasta, cameraman e desenhista. Essa lei visa agrupar objetos de forma a compor esteticamente uma imagem e consiste em colocar o “centro de interesse” das imagens nas intersecções das linhas verticais e horizontais (A, B, C e D) que dividem os terços, a largura e altura do quadro ou plano de trabalho. Essa lei dos terços determina que o centro é “morto” e não se deve colocar qualquer ponto de interesse nele.

Dinâmica 2. Sobre a composição e a regra dos terços



Após a roda de conversa sobre a regra dos terços, e exemplificar com máscaras, conforme o modelo, fazendo a troca de informações e exemplificando com imagens impressas, realizar de forma prática a atividade, fotografando os(as) adolescentes com objetos de cenário, obedecendo a regra dos terços.

ENCONTRO 14

Fotomontagem – “poses e painéis”: fotos com poses adequadas aos painéis propostos.

Objetivo geral: preparar o olhar fotográfico, registrar a imagem. Essa modalidade atuará no sentido de resgatar a identidade social do(a) adolescente, concatenada com suas histórias de vida, pois o contato com a linguagem fotográfica propicia um novo olhar sobre a realidade. Mensuração: produção de imagens que pareçam reais após a fotomontagem.

Dinâmica 1. Sobre a fotomontagem digital.

Conteúdo: técnicas de alguns programas digitais e as poses que facilitam o processo de recorte e encaixe.

Dinâmica 2. Fotomontagem: após a apresentação da oficina, as poses que se encaixam

em imagem estáticas rurais e urbanas.

Imagens: impressas em tamanho A-3, de lugares rurais e urbanos.

ENCONTRO 15

Fotografia básica: fotografar a partir dos conhecimentos praticados.

Objetivo geral: preparar o olhar fotográfico, registrar a imagem. Essa modalidade atuará no sentido de resgatar a identidade social do(a) adolescente, concatenada com suas histórias de vida, pois o contato com a linguagem fotográfica propicia um novo olhar sobre a realidade.

Objetivo específico: realizar durante a atividade os aprendizados anteriores (revisão prática de conteúdo). Mensuração: em duplas, os(as) adolescentes deverão praticar as ações anteriores, relativas a registro de fotografia.

Dinâmica 1. Em roda de conversa recapitular as ações anteriores. Revisão prática das ações anteriores.

Dinâmica 2. Utilização do equipamento produzindo imagens conforme os aprendizados.

ENCONTRO 16

Expressões faciais: comunicação humana através das imagens faciais e suas expressões de sentimento: raiva, medo, susto, tristeza, dor, nojo e alegria. Objetivo geral: preparar o olhar fotográfico, registrar a imagem. Essa modalidade atuará no sentido de resgatar a identidade social do(a) adolescente, concatenada com suas histórias de vida, pois o contato com a linguagem fotográfica propicia um novo olhar sobre a realidade.

Objetivo específico: fomentar as expressões faciais e a sua comunicação não verbal em fotografia.

Mensuração: compreensão das expressões faciais e a sua relação com os sentimentos nas fotografias, por meio das imagens registradas.

Dinâmica 1. Sobre a linguagem corporal facial e a comunicação não verbal. Imagens que não traduzem a intenção comunicativa.

Dinâmica 2. Linguagem corporal: o corpo fala. Jogos e dinâmicas em grupos para posterior registro de imagens das expressões faciais. Serão utilizadas plaquetas com emotions que darão o comando da expressão.

Imagens: plaquetas com emotions.

ENCONTRO 17

As **IMAGENS IDIOMÁTICAS** ou fotos idiomáticas é uma forma de expor uma idéia, um pensamento ou mesmo levantar uma problemática, utilizando dois ou três objetos disparadores, ou seja, objetos com uma intencionalidade a fim de fomentar e problematizar um determinado contexto. Podendo ser através da leitura da imagem, foto, de maneira crítica, que proporcione possibilidades de contextualização de uma determinada situação ou temática. As imagens ou fotos idiomáticas é uma variante das **"EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS"** que perpassa pela fala, escrita e imagens, na qual possibilitam novos sentidos conotativos e que vão além de seu significado direto, ultrapassando sua interpretação no campo dos provérbios ou frases populares, quando aplicados em contextos específicos. Exemplo: Uma foto com um pé sobre uma bola, a frase é "Pisar na bola", logo a imagem não fala de pé ou bola, mas de uma situação tipo "foi mal", "Não agiu corretamente", "Revelou na situação".

Na imagem idiomática o /a autor busca transmitir um pensamento em que seu interlocutor visual possa buscar a sua visão ou outra correlativa, mas que possa ir além e provocar diálogos, debates, focos ou se aprofundar de outras maneiras.

A foto idiomática foi criada e está sendo desenvolvida nas oficinas do Arte Educador

Expressões idiomáticas: Pequeno dicionário de imagens idiomáticas e Imagens produzidas pelos(as) adolescentes.

Objetivo específico: iniciação dos conceitos - expressões idiomáticas e variações linguísticas. **Mensuração:** durante as atividades, em dois grupos, acertar cerca de 75% das imagens apresentadas ao final da oficina.

Dinâmica 1. Sobre a temática realizar uma roda de conversa sobre momentos individuais que falamos provérbios, expressões populares, jargões e gírias.

Dinâmica 2. Expressões idiomáticas: relações entre elementos disparadores e a contextualização das imagens.

Expressões idiomáticas: pequeno dicionário de imagens idiomáticas. Tendo como ponto de partida o respectivo dicionário, será feita uma leitura, por meio de jogos e dinâmicas de aquecimento e contextualização das imagens reveladas. **Apresentação das imagens produzidas em oficinas anteriores.** **Variações linguísticas:** sobre o conceito da comunicação humana e as variações linguísticas.

Imagens: A-4 plastificadas e A-3 emolduradas.

ENCONTRO 18

Séries de imagens idiomáticas: elementos disparadores para composição e contextualização.

Objetivo específico: compor imagens idiomáticas em duplas por meio dos elementos disparadores.

Mensuração: quantidade e qualidade das imagens compostas pelas duplas de adolescentes.

Dinâmica 1. Iniciar teorizando sobre imagens idiomáticas, exemplificando algumas imagens produzidas por outros(as) adolescentes.

Dinâmica 2. Imagens idiomáticas, textos e artigos sobre a questão.

Imagem idiomática: séries de imagens idiomáticas, com base nos elementos disparadores, os(as) adolescentes, em duplas, serão estimulados a produzir imagens e contextualizá-las, observando a situação de privação de liberdade.

ENCONTRO 19

Estética no emoldurar: construção de molduras para fotografia.

Objetivo específico: trabalho em grupo, cuja atuação deverá ser facilitada pelo(a) arte-educador(a), fomentando a concentração e as habilidades dos(as) participantes. Mensuração: quando toda a turma cumprir a atividade proposta, passo a passo e com empenho.

Dinâmica 1. Descrever passo a passo como a oficina será realizada e a importância da valorização das fotografias.

Dinâmica 2. Sobre molduras e processos de conservação e exibição de imagens.

1ª etapa: utilizando as imagens do index (provas).

2ª etapa: utilizando imagens ampliadas.

Distribuir o material (kits) para os(as) adolescentes. Fazer a atividade passo a passo de modo a atender todos os(as) participantes.

ENCONTRO 20

Focos do mundo: atividades com o objetivo de problematizar questões atuais sociais, políticas e religiosas.

Objetivo específico: contextualizar filmes/vídeos/curtas de animação tendo em vista situações atuais. Mensuração: processo de discussão e problematização com questões atuais, por meio das palavras disparadoras.

Dinâmica 1. Sobre a oficina e os filmes (vídeos, longas e curtas) que serão apresenta-

dos, além do processo de discussão e avaliação.

Dinâmica 2.

1ª etapa: utilizando os filmes, vídeos e curtas, o(a) arte-educador(a) apresentará uma “tarjeta” com a “palavra disparadora” para referenciar a apresentação;

2ª etapa: após assistir aos filmes selecionados, em trios de adolescentes, discutir e preencher os formulários com nome de cada participante. Observação: essa atividade poderá ser desenvolvida em conjunto com outras oficinas realizadas na mesma unidade e no mesmo horário, reunindo as suas respectivas turmas.

ENCONTRO 21

Teatro de animação: cenas de teatro de animação, utilizando os bonecos para construir cenas curtas, radiatros.

Objetivo específico: através do lúdico apresentar questões sociais, políticas e religiosas, construindo um radiatro com bonecos, para ser discutido e fotografado/filmado. Registro fotográfico/filmagem da atividade e do processo de criação e problematização com questões atuais, através do teatro de animação.

Dinâmica 1. Sobre a oficina e o teatro de animação. O que é radiatro. Proposta de fazer cenas utilizando temáticas a partir das palavras disparadoras, sorteadas pelo(a) arte-educador(a).

Dinâmica 2. Técnicas básicas de animação de bonecos e objetos. Técnicas básicas de fotografia em movimento e as possibilidades de ângulos diferenciados.

1ª etapa: formação dos grupos de no máximo 05 (cinco) adolescentes. Montagem das cenas: sendo que um(a) entre eles(as) será o(a) fotógrafo(a) que registrará todo o processo inicial e a apresentação.

2ª etapa: após assistirem à apresentação, discutir em roda de conversa sobre as temáticas e os processos de construção dos radiatros.

Recursos: montagem com mesas e tecidos do cenário, bonecos para animação.

ENCONTRO 22

Imagens idiomáticas: utilizando mãos, pés, olhos, cabeça, boca, nariz etc.

Objetivo específico: estimular as expressões corporais e traduzi-las em linguagem não verbal idiomática.

Dinâmica 1. Apresentação do processo da oficina e das imagens idiomáticas através do corpo. Os 5 sentidos e a sua contextualização e as expressões faciais.

Dinâmica 2. Linguagem corporal, quando o corpo fala. Fotografia e linguagem não verbal.

1ª etapa: Sequência das duplas a partir da montagem da expressão idiomática, utilizando o corpo.

2ª etapa: Discussão sobre cada imagem montada pelas duplas.

Recursos: informações sobre a linguagem corporal e a forma de registrar/fotografar sem poluir o assunto.

Atividade preparatória realizada pelo(a) arte-educador(a)

Edição e impressão de index: produção de index das imagens feitas em oficinas. Observação quantitativa e qualitativa das imagens, valorizando a qualitativa em primeiro plano.

ENCONTRO 23

Análise, percepção e reflexão das Imagens impressas em provas index.

Objetivo específico: análise, percepção e reflexão das imagens. Fotomontagem: poses e painéis, fotografia básica, expressões faciais, expressões idiomáticas, utilizando objetos disparadores. Focos do mundão, teatro de animação, imagens idiomáticas, utilizando o corpo. Escolha das imagens para ampliação e composição da manchete de jornal. Revisão de imagens.

Dinâmica 1. Rever as imagens produzidas para escolha daquelas que serão ampliadas e a que vai compor a capa do jornal - manchete do jornal.

Conteúdo: as matérias que representam nossa classe social.

Dinâmica 2. Escolha de imagens: em duplas, escolher duas imagens pessoais para impressão, observando os(as) adolescentes que participaram das atividades anteriores. Ainda uma imagem para compor a capa de jornal - manchete de jornal.

REFLEXÃO/RESULTADOS DE PROCESSO

ENCONTRO 25

Reprodução de fotos a partir de fotos antigas ou index.

Reprodução de fotos utilizando imagens impressas para reproduzi-las.

Mensuração: quantidade de imagens com qualidade, sem qualquer distorção.

Dinâmica 1. Sobre a importância de uma reprodução de imagens. Fatores propícios para reprodução.

Dinâmica 2. Controle de equipamentos e da iluminação. Resgate de registros fotográ-

ficos antigos. Em duplas, após escolher antecipadamente duas imagens pessoais para reprodução e impressão.

ENCONTRO 26

Preparação do encerramento – evento para o encerramento. Pré-encerramento: preparar o material e todo o processo do evento de encerramento. Mensuração: registros do processo de discussão e organizativo realizado.

Dinâmica 1. Apresentação do material para o encerramento do ciclo. Tipo de encerramento, equipamentos, participação ativa dos(as) adolescentes.

Dinâmica 2. Material impresso, registros de atividades, fotos diversas, vídeos das atividades, gravações de fala e outros registros disponíveis.

Roda de conversa: discutir as formas de encerramento, abrangendo o material disponível. Em subgrupos definir ações específicas.

ENCONTRO 27

Encerramento – Apresentação de resultados de processo.

Encerramento: atividade de encerramento do ciclo das oficinas de fotografia na unidade.

Mensuração: registros do encerramento de ciclo.

Dinâmica 1. Sobre o processo de oficinas de fotografia e a turma.

Dinâmica 2. Material preparado e montado. Finalização de ciclo.

ENCONTRO 28

Avaliação por escrito: registro da avaliação.

Avaliação final por escrito; atendimento em duplas (quando possível), sendo preenchido por todos(as) os(as) adolescentes da turma.

Dinâmica 1. Apresentação do formulário de avaliação e esclarecimentos das dúvidas.

Dinâmica 2. Explanação sobre os objetivos do formulário de avaliação e a importância dos processos avaliativos para aperfeiçoar as atividades.

Mensuração: todos os formulários de avaliação preenchidos.

Formulário de avaliação: preenchimento por todos(as) os(as) adolescentes em duplas, buscando não deixar uma avaliação interferir em outra.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

As “Atividades complementares” estão dispostas como complementares a outras ou ainda como “plano B” diante das situações que inviabilizam a realização da atividade principal, ou ainda atividades que dão suporte a oficinas integradas com outras modalidades ou arte-educadores(as).

ATIVIDADE 1

Jogos e exercícios teatrais/Dinâmicas: Ações complementares às atividades programadas.

Objetivo Específico: fomentar nas atividades a integração, dinamização e reflexão de maneira lúdica, aumentando o grau de dificuldade.

Recursos: roteiro, relógio digital, cartões de memória, máquinas fotográficas. Espaço: sala multiuso.

Atitudinais – aquecimento.

Jogos e exercícios teatrais/dinâmicas

Sequência 1: Tá & Tum, Sincronia, Comandos contrários, A Cruz e o círculo, Círculo de nós.

Sequência 2: Zip & Zap, O zoim do meu amô, Nomes invertidos (bichos), Corrida em câmera lenta.

Sequência 3: Sentando nas pernas em fila, Número da vez, História do João.

Ações complementares aos objetivos do planejamento de forma a (re)integrar ou retomar os objetivos do planejamento. Em dois grandes grupos, ou divididos por escolha em duplas, o número ímpar escolhe para qual grupo vai.

Senso de liderança, iniciativa, ação para o grupo, concentração e envolvimento. Poderão ser acrescidas mais imagens pessoais a fim de fomentar o envolvimento de forma inicial.

ATIVIDADE 2

Som das imagens: gravação de falas sobre as imagens e as oficinas realizadas a partir da privação de liberdade a fim de produzir um vídeo de avaliação e resultado de processo.

Objetivo específico: registro a fim de editar um vídeo de avaliação passo a passo ou geral e os resultados de processo das oficinas realizadas.

Recursos: roteiro, imagens produzidas pelos(as) adolescentes, relógio digital, cartões de memória, máquinas fotográficas, microfone e chroma key.

Espaço: sala sem ruídos.

Gravação de falas sobre as imagens, perguntas sobre as oficinas e a sua relação com a privação de liberdade. Fomentar as falas, seja individual, em duplas ou coletivas, com base nas oficinas realizadas ou nas imagens idiomáticas, de forma avaliativa com criticidade.

ATIVIDADE 3

Apresentação de vídeos, curtas de animação e filmes a fim de contextualizar agregando saberes e problematizando questões sociais.

Objetivo específico: por meio da linguagem do audiovisual, problematizar questões sociais, utilizando as “palavras disparadoras”.

Recursos: roteiro, pen drive com os vídeos propostos, tarjetas, papéis, caneta esferográfica e canetão preto, relógio digital, TV, projetor ou notebook, máquina fotográfica.

Ação complementar que propicia um apanhado resumido sobre alguns saberes por intermédio dos vídeos, curtas de animação e filmes. Esse material consta na lista a seguir. Suporte para discussão, seja individual ou conjugado com outra atividade. Com base nos vídeos, curtas de animação e filmes assistidos, fomentar discussões e problematizar sobre questões sociais.

CARTUNARIA: A Fábula da Corrupção, Josué e o Pé de Macaxeira e Putz a coisa tá feia,

OZI AUDIOVISUAL: Glu (ANIMUS - Oficina de Animação 3D, Calango! (ANIMUS - Oficina de Animação 3D), A Ilha (ANIMUS - Oficina de Animação 3D), Rua das Tulipas (ANIMUS - Oficina de Animação 3D), RYB (ANIMUS - Oficina de Animação 3D), Morte e Vida Severina em Desenho Animado, TOC-TOC (ANIMUS - Oficina de Animação 3D), Knossos (ANIMUS - Oficina de Animação 3D), Pirato! (ANIMUS - Oficina de Animação 3D), Vida Maria (ANIMUS - Oficina de Animação 3D).

ESMA MOVIES: Charmeurs de Verre, Lazare, The Short Story of a Fox and a Mouse, Le Phare, Jungle Jail.

CGMEETUP: One Rat - by CHRLX and Alex Weil, GUS - by Honeydew Studios, Dream - by Zombie Studio X, On The Same Page - by Carla Lutz and Alli Norman, Canned - by Ivan Joy, Nate Hatton, and Tanya Zaman (Grafiteiro), Darrel - by Marc Briones & Alan, Snack Attack, Vudu Dolls - by artFive animation.

PIXAR: For the Birds, La Luna.

THECGBROS: Animated Short “Selfillumination” by - AK3D, Take Me Home - by Nair Archawattana, Spaghettify - by Spaghettify Team, Untamed - pelo Team Untamed.

CINENOSDOMORRO: Neguinho e Kika, Caixa Preta, Picolé, Pintinho e Pipa, Mina de Fé, A Distração de Ivan.

KAI HARAGUCHI: Animal is <www.youtube.com/watch?v=ZK7KHScuPj4>
Egoism <www.youtube.com/watch?v=e-VF1UN7dEU>

Filmakademie Baden-Württemberg GmbH: Dragon Slayer (Animation), Mercury Bird (Animation), The Rise and Fall of Globosome (2013), Die Wippe (Animation), Kater (2005), Wrapped (2014), Infekt (2016), Frog Perspective (2016), Ein kurzer Film über den Igel | A Hedgehog's Visit (2013), Birdstrike (Animation), Happily Ever After (2014), Zing, Kellerkind (2012).

DIVERSOS: Les Z'animés: Les Contes de l'Afrique, NFB: Runaway, Comunidad de Madrid: La Bruja, Takuya Okada: CHILDREN, Aylin Yakın: Günün kısa filmi Kara Bulut, Afrika Toon: COCONUL, Curtas Brasileiros: Pajerama (2008), Os Ciganos - Italiano, Amor Verdadeiro - Eu Desejo, 2016.

ATIVIDADE 4

Vídeo editado: vídeo com fragmentos de vídeos e tarjetas mixadas para problematizar temáticas sociais.

Objetivo específico: proporcionar elementos disparadores por meio de vídeo editado, com fragmentos de vídeos, para problematizar questões sociais.

Recursos: roteiro, pen drive, caneta, tarjetas, relógio digital, cartões de memória, máquinas fotográficas, equipamento de TV/notebook e/ou outro equipamento equivalente.

Vídeo/(re)editado: sobre os vídeos e a problematização em duplas. Observar, entre as duplas, os(as) adolescentes que contextualizam a partir das tarjetas onde o(a) arte-educador(a) fará suas provocações e facilitação dos processos de discussão.

ATIVIDADE 5

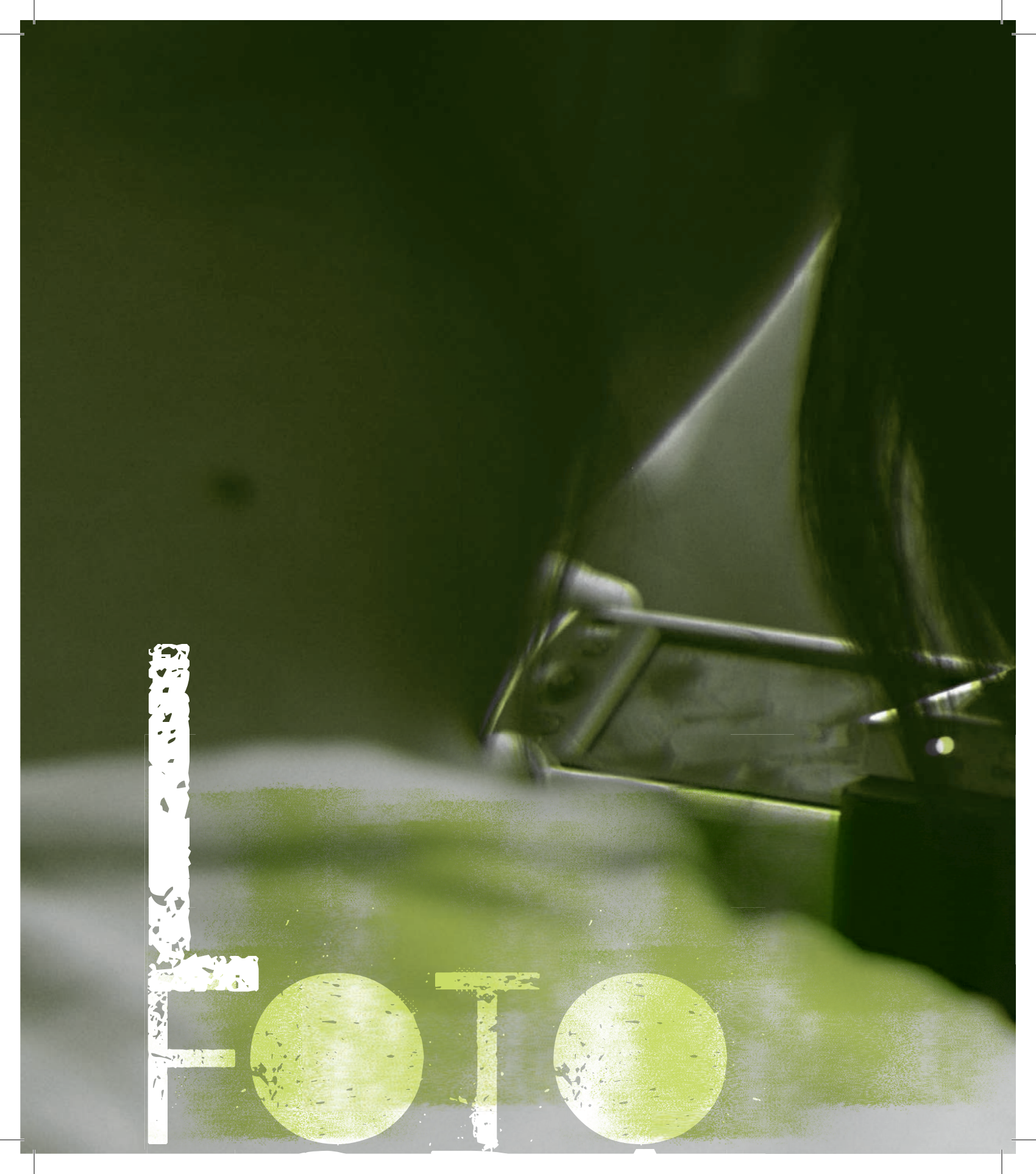
Outras linguagens visuais – visita externa – Singularidade nas artes. “Círculo de Cultura”.

Objetivo específico: ampliar os conhecimentos e possibilitar novas abordagens em arte.

Recursos: roteiro e caneta, relógio digital, cartões de memória, máquina fotográfica.

Pensando sobre outras estéticas e plasticidades. Apreciação de outras possibilidades nas artes, a fim promover aos(as) adolescentes se apropriar de uma plasticidade própria e a sua interação com a fotografia.

Existem outras atividades complementares e temas de extensão que podem ser abordados: cultura popular, masculinidade, territorialidade e ainda as atividades teórica e técnica.



FOTO



FOTOGRAFIA

OFICINA DE

WORKSHOP



INTRODUÇÃO

Considerando a fotografia como ferramenta de comunicação, pode-se afirmar que possibilita interpretação, expressão e reflexão, além disso, a fotografia pode ser um caminho para a busca da própria identidade e dos sentimentos. As técnicas fotográficas são de extrema importância para o resultado da foto captada, estimulam o raciocínio, a agilidade, o pensamento e a concentração.

O tema a ser abordado na oficina será acordado junto aos adolescentes, conforme a realidade e/ou afinidade dos mesmos, podendo ser: um sentimento a ser expresso, um conceito, um fato histórico, um poema, uma música ou um filme. Fatos que comprovam a possibilidade de desenvolvimento intelectual e social. A oficina pretende utilizar a fotografia como escopo de disciplina, conscientização, senso crítico e inclusão social.

OBJETIVOS

- Desenvolver a comunicação do adolescente (ouvir e falar)
- Dar o poder de voz
- Desenvolver a interpretação e a criatividade
- Despertar reflexão
- Trabalhar com a realidade de cada adolescente
- Propor uma visão futurística
- Capacitar o trabalho em grupo
- Propor autonomia
- Desenvolver habilidade fotográfica
- Conhecer máquina fotográfica e as técnicas utilizadas no mundo fotográfico
- Conscientizar que existem maneiras de se expressar e que há pessoas para ouvi-los
- Ampliar repertório

ESTRATÉGIAS

As oficinas serão desenvolvidas por meio de rodas de conversa, referências fotográficas, filmes, poemas e músicas reflexivas, simultâneas a apresentações de técnicas e práticas fotográficas e de edição de imagens.

Com base nas referências e em uma “chuva de ideias” será proposta a escolha de um tema a ser desenvolvido durante o ciclo e, por fim, as imagens criadas serão expostas.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Breve apresentação do(a) arte-educador(a). Especificar forma de trabalho durante o ciclo junto ao cronograma não sequencial, realizar acordos e regras para desenvolvimento do ciclo.

ENCONTRO 2 - INSPIRAÇÃO 1

- Porque a arte é importante
- O que inspira
- Referências fotográficas
- Poema

Passar os valores da arte, questionar junto aos(as) adolescentes sua importância e as inspirações. Analisar referências fotográficas (enquadramento, segmento, composição etc. – referências estratégicas para reflexão da composição), leitura de poema – texto inspirador, seguido de uma reflexão.

ENCONTRO 3 - INSPIRAÇÃO 2

- Exibição de filme / vídeo / documentário

Roda de conversa - debate relacionado aos temas levantados.

SUGESTÃO

UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA, 2013. 1H15MIN. DIREÇÃO LUIZ BOLOGNESI.

Um homem (Selton Mello) com quase 600 anos de idade acompanha a história do Brasil, enquanto procura a ressurreição de sua amada Janaína (Camila Pitanga). Ele enfrenta as batalhas entre tupinambás e tupiniquins, antes de os portugueses chegarem ao país, e passa pela Balaiada e o movimento de resistência contra a ditadura militar, antes de enfrentar a guerra pela água em 2096.

ENCONTRO 4 - CHUVA DE IDEIAS

- Definição do tema para realizar a exposição de fechamento do ciclo

Será feito uma Chuva de ideias de forma democrática, afim de ampliar a participação dos(as) adolescentes e definir um tema para desenvolver o fechamento de ciclo.

ENCONTRO 5 - HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

- História da fotografia

- Apresentação da câmera
- Cuidados com equipamentos

Contar a história da fotografia, mostrar a câmera que será trabalhada durante o ciclo e quais cuidados são necessários para manter a integridade do equipamento.

ENCONTRO 6 - TÉCNICA FOTOGRÁFICA

- Princípios básicos da fotografia: obturador, diafragma, foco, luz, ISO, lentes e regra dos terços.

Apresentar principais funções da câmera para ser trabalhado no modo manual.

ENCONTRO 7 - AULA PRÁTICA DE TÉCNICAS FOTOGRÁFICAS 1

- Prática da aula anterior
- Referências fotográficas

Serão aplicados os princípios básicos da fotografia para trabalhar em modo manual da câmera, utilizando o obturador para congelamento de imagens, o diafragma para alterar a profundidade de campo, o foco, o ISO e a regra dos terços, de forma dinâmica, sendo um(a) adolescente fotografando o outro e um objeto. Exemplificar as diferenças de captura com referências fotográficas.

ENCONTRO 8 - AULA PRÁTICA DE TÉCNICAS FOTOGRÁFICAS 2

- Postura
- Molduras
- Enquadramento
- Direção de modelos

Orientar como se posicionar com a câmera, o que é moldura, enquadramento e como dirigir um modelo. Exemplificar com referências fotográficas e vídeos.

ENCONTRO 9 - PRODUÇÃO DE FOTOS PESSOAIS

- Prática das técnicas fotográficas
- Produção de fotos individuais

Os(As) adolescentes vão colocar em prática todo o conteúdo teórico para produzirem suas fotos pessoais. De forma dinâmica, um(a) adolescente fará a foto do(a) outro(a).

ENCONTRO 10 - RODA DE CONVERSA

- Referências
- Roda de conversa

Com o intuito de ampliar ideias para produção das fotografias relacionadas ao tema

escolhido em “chuva de ideias” será passado um dos seguintes documentários: Preto Contra Branco, O ser humano capitalista - Sociedade do consumo, o Preconceito Cega, Vista a Minha Pele, O que é liberdade para você?, Cicatrizes ou Mãos Dadas; ou as seguintes letras de músicas: Meio de Campo (Gilberto Gil), O Navio Negreiro (Caetano Veloso), Quem Planta Preconceito (Natiruts), Racismo é Burrice (Gabriel, o Pensador), Triste Louca ou Má (Francisco El Hombre), Coração Pede Socorro (Naiara Azevedo) ou o poema Estrelinha de Sérgio Vaz; e também as referências fotográficas de Bob Martin, Sebastião Salgado, Dante Gastaldoni, Vivian Maier, Gabriel Chaim, Dorothea Lange ou James Nachtwey. Após as referências será realizado uma roda de conversa, relacionando-as à proposta.

O conteúdo varia de acordo com o tema escolhido por cada turma. O(A) arte-educador(a) deve fazer previamente uma seleção conforme a escolha do grupo.

ENCONTRO 11 - ANÁLISE DAS FOTOS PRODUZIDAS

- Entrega das fotos realizada na aula de fotos pessoais

ENCONTRO 12 - SOMBRAS NA FOTOGRAFIA

- Sombra dura
- Sombra difusa

Primeiramente serão apresentados exemplos de sombra dura e difusa.

Através de uma lanterna e de uma folha para auxiliar na elaboração da sombra, serão feitas fotografias com sombras duras e difusas.

ENCONTRO 13 - A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E CULTURA DE PAZ

- Comunicação não violenta e cultura de paz e como podemos aplica-las na fotografia
- Questionar o que os(as) adolescentes imaginam sobre o tema, passar a aula teórica e um vídeo. Trazer a Comunicação não violenta, em específico, para a realidade da fotografia. Pedir que eles(as) escrevam sobre os assuntos.

ENCONTRO 14 - MOLDURA E SOMBRAS

- Prática de moldura
- Prática de sombra

Identificar as molduras nas imagens.

Propor fazer fotografias com molduras e sombras, de acordo com a criatividade dos(as) adolescentes e de objetos auxiliares (folhas, dominó, cartas, entre outros).

ENCONTRO 15 - PROFISSÕES E FOTOGRAFIA 1

- Informar as profissões dentro da fotografia.
- Estilos de fotografia, banco de imagens, possibilidades e mercado de trabalho.
Bate papo sobre a inclusão de pessoas, racismo, igualdade e a sociedade dentro da fotografia.

ENCONTRO 16 - PROFISSÕES E FOTOGRAFIA 2

- Aplicar na prática alguns segmentos profissionais.
- Propor realizar fotografias conforme a exposição da aula anterior: fotografia de moda, retrato, publicitária etc.

ENCONTRO 17 - INSPIRAÇÃO

- Atividade de recorte
- Solicitar recorte de revistas e jornais para os(as) adolescentes capturem suas próprias referências e identificações.

ENCONTRO 18 - MIL VEZES BOA NOITE

Exibição do filme Mil vezes boa noite, que se trata de uma Mulher Fotógrafa de Guerra.

SUGESTÃO

MIL VEZES BOA NOITE, 2014. 1H57MIN. DIREÇÃO ERIK POPPE.

Rebecca (Juliette Binoche) é uma das melhores fotógrafas de guerra em atividade e precisa enfrentar um turbilhão de emoções quando seu marido (Nikolaj Coster-Waldau) lhe dá um ultimato. Ele e a filha do casal não suportam mais sua rotina arriscada e exigem mudanças, mas ela, apesar de amar a família, tem verdadeira adoração pela profissão.

ENCONTRO 19 - PRODUÇÃO DE FOTOS PARA EXPOSIÇÃO 1

- Roda de conversa
- Montagem das cenas
- Criação das fotos

De acordo com as referências faremos um debate para produzir as fotos e as cenas como teste para a criação das fotos, além da fotografia teste.
O conteúdo varia de acordo com o tema escolhido por cada turma.

ENCONTRO 20 - PRODUÇÃO DE FOTOS PARA EXPOSIÇÃO 2

- Criação das fotos

As fotos para a exposição serão produzidas de acordo com a aula 1, podendo ter figurino e cenário específico ou neutro. Serão utilizadas as práticas das aulas anteriores, junto das cenas que foram acordadas na aula 1.

ENCONTRO 21 - PRODUÇÃO DE FOTOS PARA EXPOSIÇÃO 3

- Criação das fotos
- Visita

As fotos para a exposição serão produzidas de acordo com a aula 2, podendo ter figurino e cenário específico ou neutro.

Se houver a possibilidade será convidado um ator ou uma atriz para auxiliar na produção das fotos ou na abordagem do tema.

ENCONTRO 22 - EDIÇÃO DE IMAGENS

Será apresentado o software Photoshop.

Através do software Photoshop serão mostradas algumas técnicas de edição de imagens e questionado o fundo de imagem de preferência de cada adolescente, caso seja necessária alguma edição.

ENCONTRO 23 - CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO DA EXPOSIÇÃO

- Acordos e sugestões
- Produção de release
- Definição do nome da exposição

De forma democrática, será acordado com os(as) adolescentes o que haverá na exposição de fechamento de ciclo. Sugerir a exposição de fotos tiradas durante as aulas, letras de músicas, poemas, desenhos e outros conteúdos relevantes desenvolvidos durante as aulas, além de sugerir que a exposição seja registrada por eles(as).

Produção de um release para ser colocado ao lado das imagens, escolhendo um nome para a exposição e para os materiais.

ENCONTRO 24 - MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO PARA O FECHAMENTO DE CICLO

- Seleção das imagens
- Montagem e colagens no espaço físico

Serão separados as fotos e os conteúdos para exposição e será realizado a montagem no espaço físico.

ENCONTRO 25 - MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO PARA O FECHAMENTO DE CICLO

- Tratamento de imagem

Montar e tratar juntos(as) algumas imagens separadas para a exposição utilizando o software Photoshop.

ENCONTRO 26 - DOCUMENTÁRIO LIXO EXTRAORDINÁRIO

Será passado o documentário e em seguida realizado um debate, comparando as nossas aulas durante o ciclo.

SUGESTÃO

LIXO EXTRAORDINÁRIO, 2011. 1H38MIN. DIREÇÃO LUCY WALKER.

Uma análise sobre o trabalho do artista plástico Vik Muniz no Jardim Gramacho, localizado na cidade de Duque de Caxias (RJ), que é um dos maiores aterros sanitários do mundo.

ENCONTRO 27 - ESCLARECENDO DÚVIDAS

- Aula livre com a câmera
- Esclarecimento de dúvidas

A câmera ficará livre para os(as) adolescentes produzirem fotos uns(mas) dos(as) outros(as) e esclarecem suas dúvidas relacionadas ao conteúdo que foi passado.

ENCONTRO 28 - AVALIAÇÃO DO ANDAMENTO DA OFICINA

- Avaliação teórica
- Roda de conversa

Roda de conversa para ciência do(a) arte-educador(a) em relação ao andamento do curso: como está o desenvolvimento da oficina e o que pode ser melhorado. Após a roda de conversa será passado uma avaliação.

ENCONTRO 29 - OFICINA DE VÍDEO

- Introdução ao vídeo clipe

Oficina com introdução ao vídeo clipe para melhor exploração da câmera, com um breve roteiro. Manuseio da câmera e captação de imagens.

ENCONTRO 30 - REGISTRO DE OUTRA TURMA

- Registro da produção de outra oficina de arte-educação

Acordado com outro(a) arte-educador(a), será realizado o registro da produção da oficina, podendo ser feito como vídeo ou fotografia.

Os(As) adolescentes se deslocarão até a sala da outra oficina e vão registrar a atividade que estará acontecendo, aplicando as técnicas fotográficas e a direção de modelos que foi ensinado nas aulas anteriores.

ENCONTRO 31 - PROPAGANDA E MARKETING

- Consumo

- Propaganda

Orientação e abordagem de como é feita a propaganda e o quão impacta na sociedade.

ENCONTRO 32 - COLORIZAÇÃO MANUAL DE FOTOS

- Pintura de fotos em preto e branco

As fotos dos(as) adolescentes ou fotos aleatórias serão impressas para a realização da colorização manualmente.

ENCONTRO 33 - INTERVENÇÃO NA FOTOGRAFIA

- Construção de narrativas

- Utilização das fotos criadas durante as aulas

Através de recortes de revistas e jornais e pinturas manuais será feito a construção de uma história (neste caso poderá ser uma história feita pelo(a) adolescente, não necessariamente vai condizer com o tema que está sendo trabalhado).

ENCONTRO 34 - PRODUÇÃO DE MARCA PÁGINAS

- Construção de marca páginas

- Utilização das fotos criadas durante as aulas

- Proposta de valorização e utilidade de foto

Será utilizada alguma foto produzida pelo(a) adolescente durante as aulas e proposto a construção de uma outra linguagem para compor a arte, que terá como resultado um marcador de páginas. Posteriormente o marcador de páginas construído será entregue aos(às) adolescentes.

ENCONTRO 35 - FECHAMENTO DE CICLO

- Exposição

Exposição das fotografias feitas durante o ciclo e entrega dos certificados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIRMINIANO, André et al. Na linha tênue: experiências de arte-educação em privação de liberdade. São Paulo, Ação Educativa, 2018.
- POGUE, David. Fotografia Digital: O manual que faltava. -. São Paulo: Universo dos Livros - Digerati Books, 2009.
- ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. -. 12ª ed. rev. e ampl., São Paulo: Pioneira, 1998.
- AZEVEDO JÚNIOR, José Garcia de. Artes Visuais: Linguagem Códigos e suas Tecnologias. -. Apostila de Arte: Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il. 1.
- ZAMBOINI, Silvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2001. (coleção Polêmicas do Nosso Tempo, vol. 59).
- MALLART, Fábio. Cadeias Dominadas: A Fundação Casa, suas dinâmicas e trajetórias de jovens internos. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2014.
- MINISTÉRIO da Justiça. Direitos humanos no cotidiano: Manual. 2ª Ed. Brasília: Secretaria de Estado dos Direitos Humanos - SNHD - MJ., Unesco e Universidade de São Paulo, USP, 2001.
- BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GUINHOTO, Laura Maria de Figueiredo Ferreira (Org.). Envelhecimento e deficiência intelectual: uma emergência silenciosa. São Paulo: Instituto Apae de São Paulo, 2013. p. 249.
- BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006 (Estudos de gênero: o Universal, o relacional e o Plural).
- GUZZONI, Margarida. A autoridade na relação educativa, Annablume, 1995.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes da educação do futuro. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 2013;
- FACED-UFRGS. Educação e realidade. -- RS: out./dez. 2016.
- MUNHOZ, Cesar. Pedagogia da vida cotidiana e participação cidadã. São Paulo: Cortez, 2004.
- AÇÃO EDUCATIVA. Arte na medida. São Paulo: 2012;
- Educação & Realidade - Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 969-1335, out. / dez. 2016;
- FARIA, Nalú; NOBRE, Miriam. Gênero e Educação - Caderno para professores: O que é ser mulher e o que é ser homem? - Subsídios para uma discussão das relações de gênero. Secretaria do Governo Municipal, Coord. Especial da Mulher - CEM - PMSP, junho 2003.
- PIMENTEL, Professora Lúcia Gouvêa. A cognição imaginativa na formação de professor@s/ artistas - experiências em diálogo. A cognição imaginativa como projeto de formação do professor@/artista (titular, líder do Grupo de Pesquisas Ensino de Arte e Tecnologias Contemporâneas - ConFAEB - VI Congresso Internacional da Federação de Arte-Educadores. Anais do XXVI Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil Políticas públicas e ensino da arte: Processos educativos em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Nov. 2016.
- OLIC, Maurício Bacic. Casa está na Mão de quem? - Hierarquia e relações de poder no interior de Unidades de Internação destinadas a jovens infratores. 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OLIC, Maurício Bacic. Entre os dispositivos e as disposições: relações de poder em tempos de Fundação Casa. 2015.
- MALVASI, Paulo Artur. Entre a frieza, o cálculo e a "vida loka": violência e sofrimento no trajeto de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. 2011.
- CUNTO, Prof. Mauricio Raymundo de. Estudo Forense nº 17 sobre a Pareidolia. 2016.
- GANHOR, João Paulo. Imagens como mediadoras na educação CTS: Obras de Pawel Kuczynski. SC: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica.
- ConFAEB. Anais do XXVI Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do, 2016.
- VILELA, Mario. As expressões idiomáticas na língua e no discurso.
- LEMOS, Paulo Ricardo Vargas. Expressões Idiomáticas: Uma visão regionalista. Monografia. UFRGS. 2015.
- FERNANDES, Cynthia; ALMEIDA, Francisca S.; RODRIGUES, Vanessa M. O Papel do Educador na Formação da Identidade do Aluno – XIII Encontro Latino-Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação. Universidade do Vale do Paraíba.
- FAGUNDES, Léa da Cruz; ROSA, Marlusa Benedetti da. Conteúdos, conceituais, procedimentais e atitudinais em tempos de web. Revista e-Curriculum, São Paulo, n. 12 v. 02, maio/out. 2014, ISSN: 1809-3876. Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP.
- COLKER, Flávio. Retrato, fotografia e identidade. Blog Olhavé, 2009.
- COSTA, Alessandra Oliveira Augusto da; PRADELLA, Carolina Rocha. Selfies e autorretrato: a prática e a arte na sala de aula. UnB – ConFAEB 2014.
- CASTRO, Ana Luiza de Souza; GUARESCHI, Pedrinho. Da privação de dignidade social à privação da liberdade individual, Psicologia Social (online), vol. 12, n.2, p. 200-207, 2008.



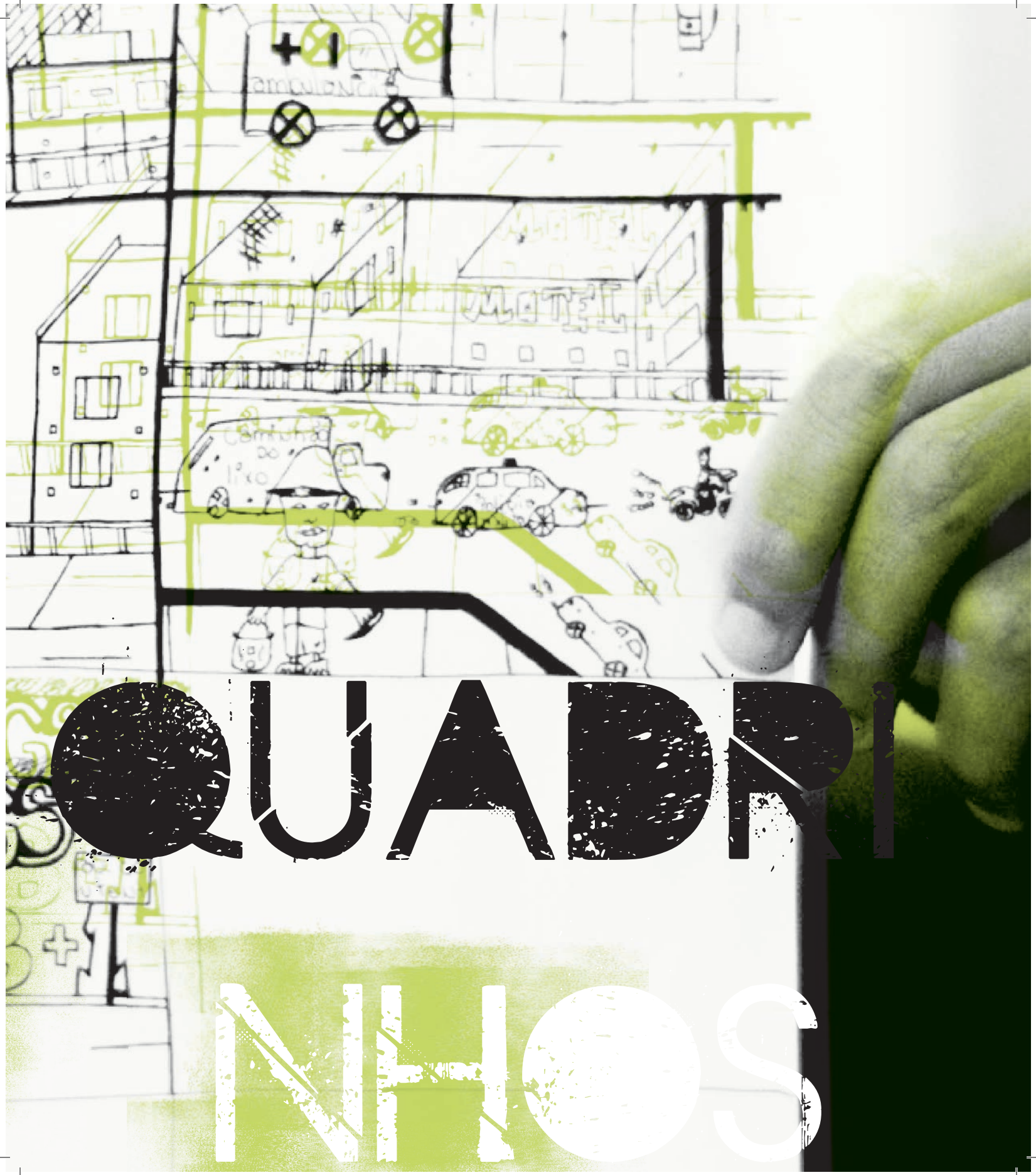
OFICINA
DE

HISTÓRIA

EM

QUADRINHOS





QUADRI

NHOS



INTRODUÇÃO

A presente oficina tem como objetivo apresentar aos(as) adolescentes o que é a linguagem das histórias em quadrinhos (HQ). Nessa oficina os(as) jovens ampliam seu repertório artístico, conhecem e aprendem a utilizar ferramentas de comunicação, desenvolvem a criatividade, percepção visual, senso crítico, habilidades manuais e artísticas.

Durante a oficina os(as) jovens vão produzir minifanzines e ao final da oficina um fanzine de HQ de tamanho maior será feito coletivamente. Todos os fanzines serão reproduzidos em xerox para distribuição ao final do ciclo.

Sugestão: O encerramento pode ser o momento de “lançamento” das obras publicadas, com os(as) jovens no papel de autores(as). Podem estar presentes familiares e os(as) demais jovens da unidade que não fizeram parte da oficina, cada pessoa presente pode receber uma cópia do fanzine, pedir autógrafo do(a) autor(a), conversar sobre a obra, como geralmente se faz em lançamentos de livros.

OBJETIVO

Mostrar aos(às) participantes o processo de produção do fanzine em suas diversas etapas, desde a ideia, o roteiro escrito, o rascunho e os desenhos, até sua finalização.

ESTRATÉGIAS

Convidados(as) e visitas às exposições

Sempre que houver oportunidade, serão convidados(as) profissionais ligados(as) ao universo da HQ para visita à unidade e uma conversa com os(as) adolescentes participantes. Quando houver exposições ligadas ao universo HQ, essas visitas também poderão ser programadas. Esses eventos serão mais proveitosos se ocorrerem em torno do 10^a e o 17^a encontro, quando o grupo já tiver mais ciência dos processos que envolvem a criação de uma HQ, e ainda tem o projeto final pela frente, ou seja, é possível que esses eventos estimulem um melhor aproveitamento na conclusão do projeto final da oficina.

SALA DE AULA

É altamente recomendável a utilização de mesas e cadeiras (normalmente os centros possuem mesas quadradas e cadeiras de plástico) em vez das carteiras normalmente utilizadas em sala de aula. A lousa também será necessária em grande parte das aulas.

VÍDEO

Em alguns momentos (a serem definidos com a coordenação) deverão ser exibidos filmes ou documentários, ligados ao universo das HQs, curtas-metragens de animação ou sobre algum tema levantado em sala de aula que possa ser relevante para a produção coletiva do grupo.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Serão utilizados ao longo da oficina: Lápis, papel sulfite, borracha, apontador, canetas de tinta preta, tesoura, cola e material de leitura (fanzines, livros e revistas).

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Apresentação da oficina e do(a) arte-educador(a), com o objetivo de fazer uma integração com o grupo. Esclarecimentos sobre o que é história em quadrinhos e mostra de alguns trabalhos feitos por adolescentes de outras turmas e de trabalhos do(a) arte-educador(a) como quadrinista e ilustrador(a). Explica-se, ainda, como será a oficina, os objetivos, e se investiga o grau de conhecimento que eles(as) têm sobre o assunto. São feitos os combinados sobre a conduta de cada um(a) com o material e no decorrer da oficina.

ENCONTRO 2

Desenho de apresentação. Essa é uma aula de integração entre arte-educador(a) e adolescentes, em que se conhecem melhor utilizando o desenho. Os(As) participantes têm a primeira oportunidade de se expor criativamente perante o grupo. Também é uma oportunidade para se colocar a importância do respeito ao grau de evolução de cada um(a) para criar um ambiente seguro, onde ninguém se sinta inibido(a) a participar das atividades em grupo.

Atividade

Os(As) adolescentes são convidados(as) a fazer um desenho livre sobre algo que o(a) represente e assim se apresentar ao(à) arte-educador(a) e ao grupo, falando sobre o que desenhou, e refletir sobre o que aquilo que foi desenhado representa em sua vida.

ENCONTRO 3

Leitura de fanzines e discussão sobre HQs.

Atividade 1

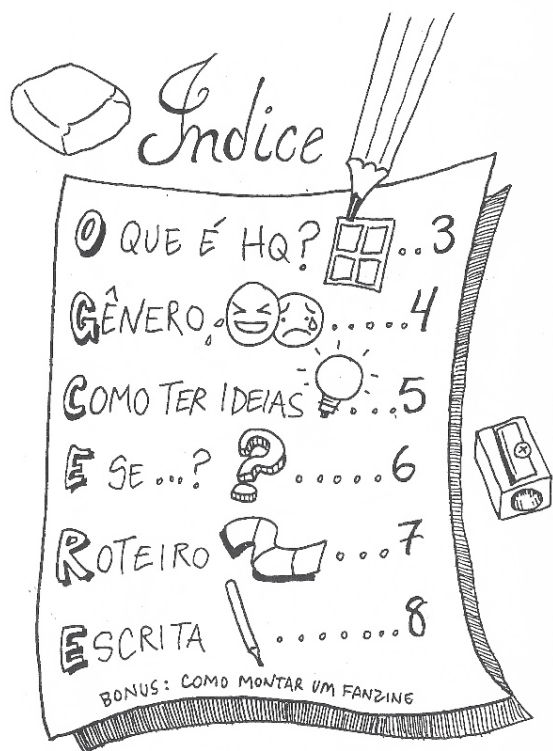
A. Leitura coletiva do fanzine “Pega a Visão”, que foi criado como material didático para a oficina.

B. Roda de conversa sobre o fanzine, levantando as seguintes questões:

Quais as suas impressões? Os desenhos são simples? O que é HQ? Que tipo de histórias contar? Como ter ideias? (Lembrando aos(às) adolescentes que eles(as) já contam histórias).

C. O que é brainstorm ou “chuva de ideias”? (Sugerindo a cada um(a) que dê pelo menos uma ideia de história que lhe vier à cabeça no momento, e anotando-as).





FANZINE PEGA A VISÃO Nº1
 SÃO PAULO-SP 2018
 SALVE: SOFIA, CEBOLA, JACKSON, ELVISON, RENATA, JANAÍNA, KEYTY, WILSON, RVAN

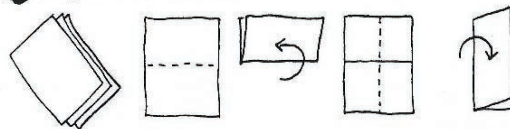




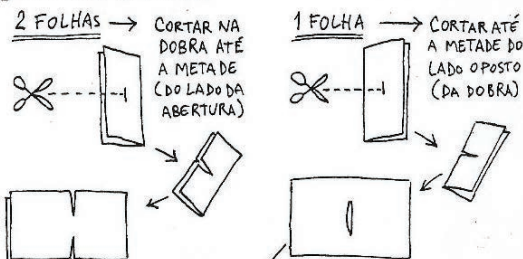


COMO MONTAR UM FANZINE

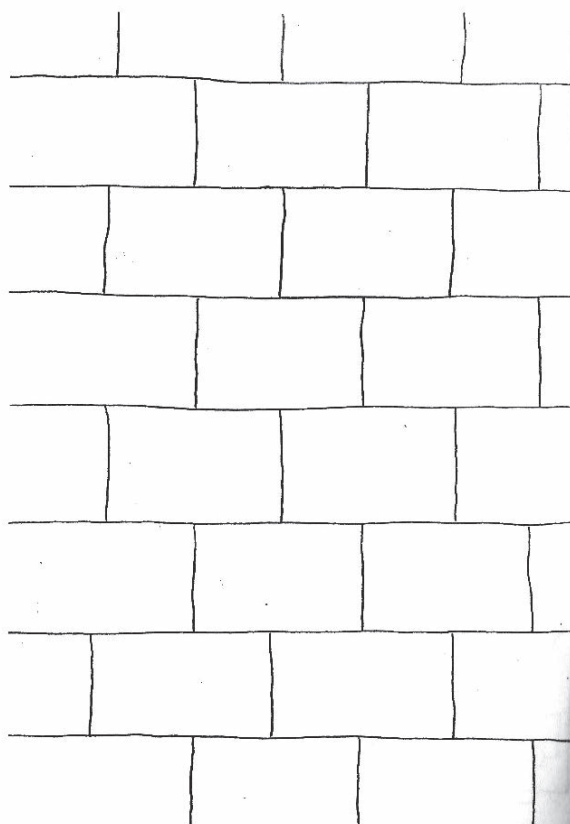
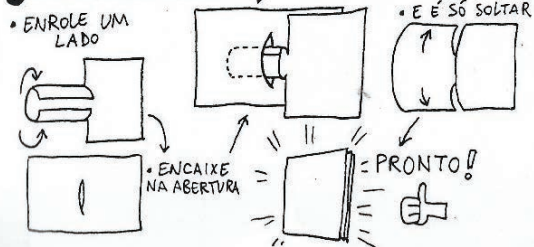
① DOBRAR AS FOLHAS



② SEPARAR E CORTAR



③ ENCAIXAR AS PARTES

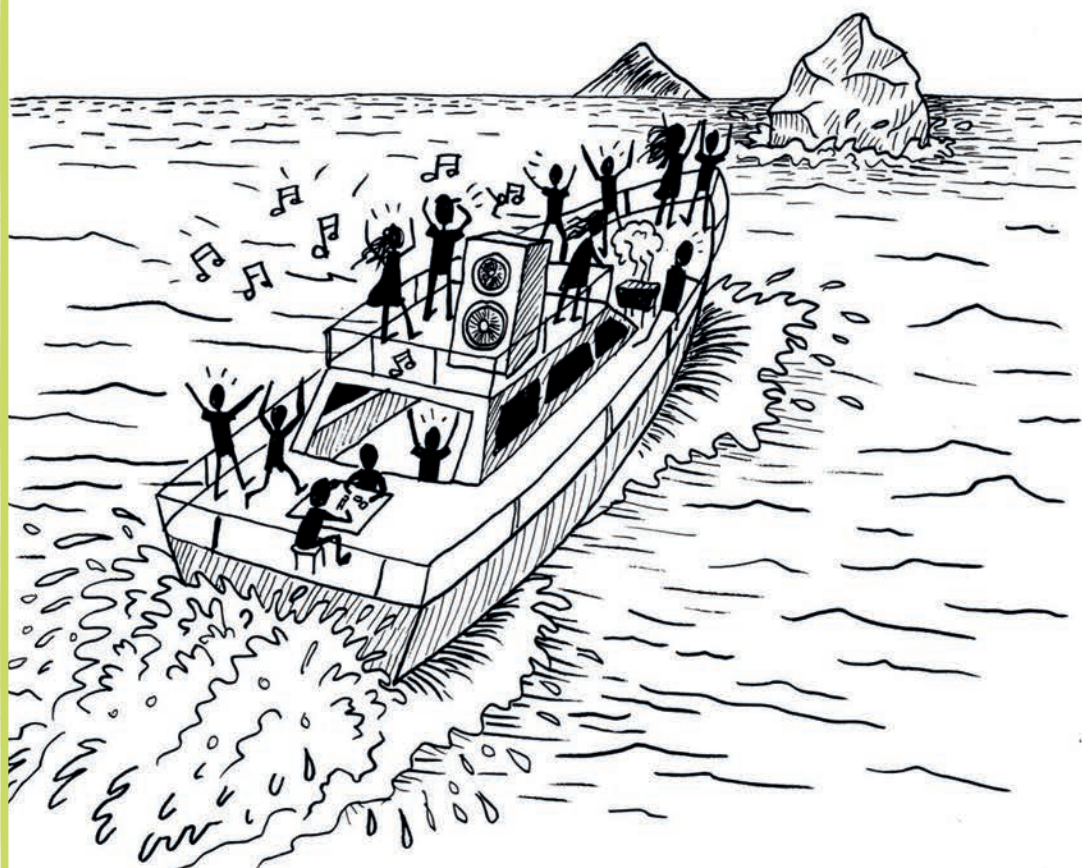


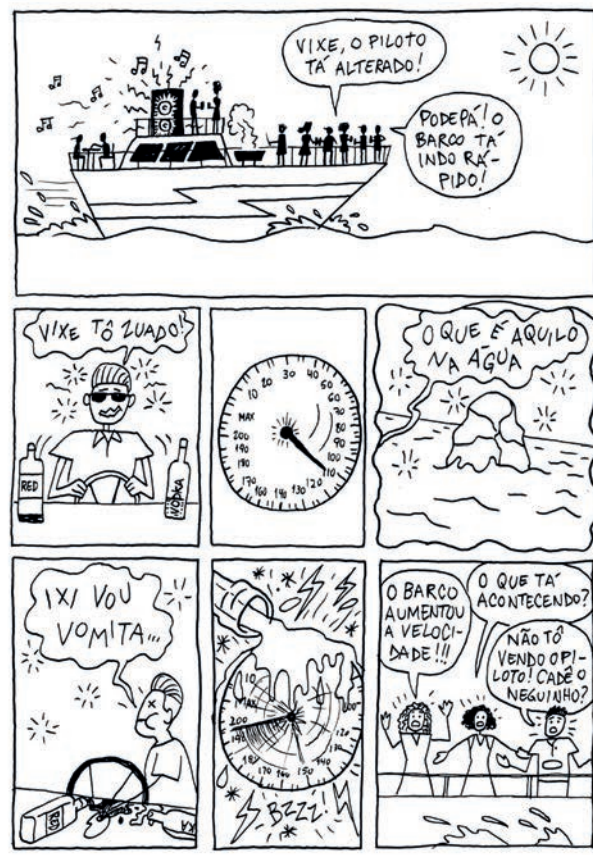
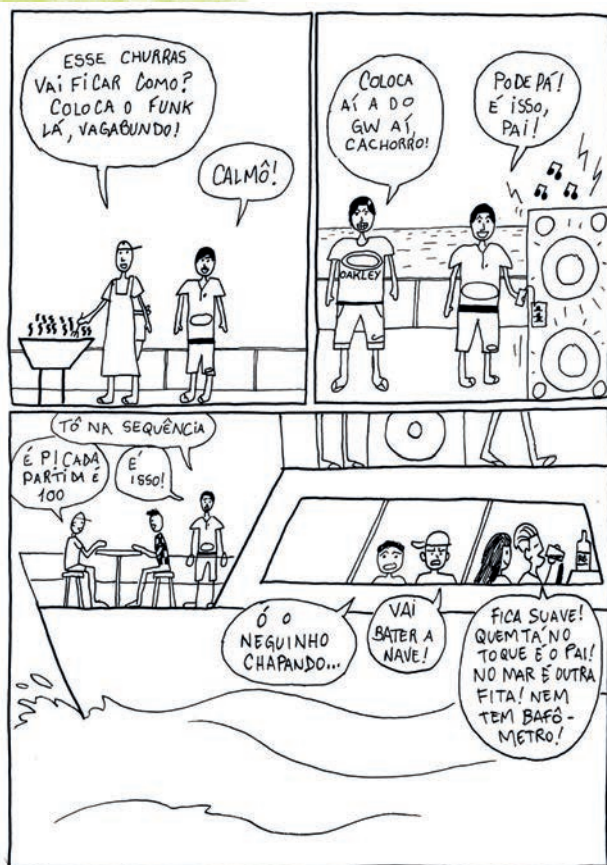
Atividade 2

A. Leitura coletiva do fanzine "Aventura em alto mar", produzido nas oficinas. Após a leitura, faz-se a seguinte reflexão: é possível identificar as etapas do roteiro dessa história?

B. Em duplas, os(as) adolescentes deverão tentar identificar quais são as 4 etapas da história.

Aventura em Alto mar









ENCONTRO 4

“Leitura visual, sequência e narrativa” e retoma-se o tema “Como ter ideias para histórias?”.

Atividade 1

Exercícios criativos de imaginação e de sequência.

A. Exercício “Antes e depois”, tendo em conta que histórias funcionam com uma cadeia de causa e efeito, e que o(a) autor(a) precisa se fazer constantemente estas duas perguntas: “O que aconteceu antes?” e “O que aconteceu depois daquela cena?”. Para discuti-las, será utilizada como “disparadora” uma cena captada por uma fotografia.

Possíveis desdobramentos

A. Imaginar ou desenhar como ficaria a sequência de quadros dessa cena se fosse uma HQ?

B. Pode-se formar uma história com o que surgiu?

Atividade 2

“Como temos ideias para uma história?” Ideias vêm da imaginação e a imaginação pode ser “disparada” por praticamente qualquer coisa. A melhor forma de ter ideias é se colocar questões e tentar responder, anotando as respostas. Com base nesse conceito, explica-se que as ideias podem ser muito simples no começo, mas se são pouco a pouco trabalhadas (em forma de roteiro) se transformam em uma história.

A. Divididos(as) em grupos, os(as) participantes devem utilizar a pergunta “E se...?” e seus desdobramentos para gerar ideias iniciais para futuras histórias. As ideias são anotadas e discutidas depois com a turma toda.

B. Em roda, cada grupo relata as ideias que teve. Alguma delas ficou interessante? É possível desenvolvê-la em um roteiro? Como poderia ser feito?

C. Os(As) adolescentes se dividem em grupos de até 3 pessoas e para desenvolver, por meio da escrita e em poucas linhas, uma das ideias geradas no exercício anterior.

FECHAMENTO DA AULA

Reunião com o grupo todo em roda para a escuta das histórias que surgiram.

ENCONTRO 5

Apresentação do “alfabeto visual” (formado por ponto, linhas e formas geométricas). Novamente, lembra-se aos(as) participantes da importância da comunicação no desenho.

A. Os(As) adolescentes são desafiados(as) a criar imagens reconhecíveis simples com a combinação dos elementos do alfabeto visual apresentado.

B. Depois de experimentar o alfabeto de forma livre, o(a) arte-educador(a) apresenta uma lista de 8 objetos simples para que eles(as) descubram uma forma de desenhá-los através do alfabeto visual.

O **ALFABETO VISUAL** é um conjunto de elementos que serve para formar as mensagens da Linguagem Visual. Estes elementos são distribuídos da seguinte maneira:

1 PONTO: é o sinal gráfico mínimo e elementar, caracterizado por ser uma localização no espaço. Sua utilização é infinita.

2 LINHA: é uma sucessão contínua de pontos, com aparência também contínua. Define as figuras e formas, podendo sugerir movimento, ritmo e até mesmo sentimentos e sensações.

3 PROPORÇÃO: são as relações matemáticas entre as medidas de duas ou mais figuras.

4 TEXTURA: é o aspecto do entrelaçamento das fibras da trama de uma superfície, definindo o que sentimos ao tocá-la.

5 COR: quando a luz atinge um objeto, parte dos raios luminosos é absorvida pelo objeto e se transforma em calor, enquanto a outra parte é refletida e atinge a nossa visão na forma de cor.

6 LUZ, sombra e volume: quando há luz incidindo sobre um objeto, há também sombra. O modo como percebemos a superfície deste objeto iluminado é chamado volume.

7 ESPAÇO: a ideia de espaço ocorre quando há ilusão de profundidade na representação de um objeto. Para criar esta ilusão, podemos usar os demais elementos do Alfabeto Visual, como luz e sombras (gerando o volume), a cor e o detalhamento do objeto.

8 COMPOSIÇÃO: é a utilização dos diversos elementos do Alfabeto Visual, devidamente selecionados e organizados, de modo a obter um resultado estético.

ENCONTRO 6

Tutorial em quadrinhos. São comuns na internet os tutoriais que explicam como fazer qualquer tipo de coisa. Com base nessa ideia, simples e objetiva – de ensinar alguém a fazer algo de modo simples – e fazendo uso da linguagem das HQs, será desenvolvida uma atividade em grupo envolvendo todas as etapas da criação de uma HQ: a ideia, o roteiro escrito, o rascunho e os desenhos.

Possível desdobramento: tutorial em quadrinhos, individual ou em duplas, com um tema previamente selecionado ou um tema livre.

ENCONTRO 7

Desenho de figura humana e figura humana em ação.

Apresentação de um modo simples de desenhar a forma humana (masculina e feminina) passo a passo na lousa, e de como caracterizar os personagens e desenhar alguns tipos de movimento, além de dicas simples sobre como desenhar cenários.

Atividades

A. Desafio: desenhar pessoas em atividade.

B. Desenhar uma figura humana dentro de um cenário.

ENCONTRO 8

Desenho de letras.

Apresentação de algumas técnicas para o desenho de letras, pois ao escrever os diálogos nas HQs a letra precisará ser legível e ao fazer a capa de um fanzine deve-se saber desenhar algum tipo de letra estilizada.

MINIFANZINE

ENCONTRO 9

Criação de minifanzine.

Início da produção do minifanzine. É o primeiro desafio para que os(as) jovens criem uma HQ completa (individual ou em dupla), a ser publicada no formato de um minifanzine. As atividades serão divididas em seis etapas:

1. Leitura coletiva de alguns minifanzines já produzidos em aula com outros grupos
2. Os(As) jovens aprendem a montar o fanzine – em conversa com o(a) arte-educador(a) sobre as partes que o compõem: a capa, as páginas e a contracapa.
3. Geração de ideias (início).

Conversa sobre as próximas etapas a serem realizadas:

4. Roteiro e rascunho.
5. Desenho a lápis.
6. Arte final.

CRIAÇÃO DE FANZINE

ENCONTRO 10

Finalização da geração de ideias e início do roteiro.

ENCONTRO 11

Finalização do roteiro e rascunho.

ENCONTRO 12

Início do desenho a lápis.

ENCONTRO 13

Finalização do desenho a lápis.

ENCONTRO 14

Arte final com caneta preta.

ENCONTRO 15

Finalização dos fanzines. Ao final da aula, recolhem-se todos os fanzines produzidos para serem copiados em xerox.

ENCONTRO 16

Roda de conversa, chuva de ideias.

A. Conversa sobre como foi a produção dos minifanzines, abrangendo as seguintes questões: o que foi mais difícil? O que foi mais fácil? O que ajudou?

B. Chuva de ideias para criar o próximo projeto: Cada um(a) fala como imagina o fanzine coletivo e colocam-se todas as ideias no papel. A melhor ideia será posta em prática no próximo encontro.

FANZINE COLETIVO

ENCONTRO 17

Início da escrita do roteiro.

ENCONTRO 18

Finalização do roteiro e início do rascunho.

ENCONTRO 19

Finalização do rascunho e início dos desenhos a lápis.

ENCONTRO 20

Finalização dos desenhos a lápis e capa.

ENCONTRO 21

Arte final.

ENCONTRO 22

Montagem dos fanzines. O(A) arte-educador(a) traz os fanzines xerocados e a turma toda se envolve no processo de montagem.

ENCONTRO 23

Encerramento da oficina com o lançamento dos fanzines. Exposição dos trabalhos dos(as) adolescentes, posicionados em diversas mesas enfileiradas, de modo que cada um(a) possa expor sua produção.

Estrutura: cadeiras e mesas de plástico para a exposição dos fanzines.

ENCONTRO 24

Entrega dos certificados e avaliação da oficina.

FILMES

Animações: curta de Steve Cutts Happiness, 2017. 4min. "Tintin", de Hergé, Batman: a piada mortal de Alan Moore.

PANTERA NEGRA, 2018. 2H15MIN. DIREÇÃO RYAN COOGLER.

Após a morte do rei, T'Challa (John Kani), o príncipe T'Challa (Chadwick Boseman) retorna a Wakanda para a cerimônia de coroação. Nela são reunidas as cinco tribos que compõem o reino, sendo que uma delas, os Jabari, não apoia o atual governo. T'Challa logo recebe o apoio de Okoye (Danai Gurira), a chefe da guarda de Wakanda, da irmã Shuri (Letitia Wright), que coordena a área tecnológica do reino, e também de Nakia (Lupita Nyong'o), a grande paixão do atual Pantera Negra, que não quer se tornar rainha. Juntos, eles estão à procura de Ulysses Klaue (Andy Serkis), que roubou de Wakanda um punhado de vibranium, alguns anos atrás.

LIGA DA JUSTIÇA, 2017. 2H. DIREÇÃO ZACK SNYDER.

Impulsionado pela restauração de sua fé na humanidade e inspirado pelo ato altruísta do Superman (Henry Cavill), Bruce Wayne (Ben Affleck) convoca sua nova aliada Diana Prince (Gal Gadot) para o combate contra um inimigo ainda maior, recém-despertado. Juntos, Batman e Mulher-Maravilha buscam e recrutam com agilidade um time de meta-humanos, mas mesmo com a formação da liga de heróis sem precedentes – Batman, Mulher-Maravilha, Aquaman (Jason Momoa), Cyborg (Ray Fisher) e Flash (Ezra Miller) –, poderá ser tarde demais para salvar o planeta de um catastrófico ataque.

DISTRITO 9, 2009. 1H52MIN. DIREÇÃO NEILL BLOMKAMP.

Há 20 anos, uma gigantesca nave espacial pairou sobre Joanesburgo, capital da África do Sul. Como estava defeituosa, milhões de seres alienígenas foram obrigados a descer à Terra. Eles foram confinados no Distrito 9, um local com péssimas condições e onde são constantemente maltratados pelo governo. Pressionado por problemas políticos e financeiros, o governo local deseja transferir os alienígenas para outra área. Para tanto, é preciso realizar um despejo geral, o que cria atritos com os extraterrestres. Durante esse processo, Wikus Van De Merwe (Sharlto Copley), um funcionário do governo, é contaminado por um fluido alienígena, tornando-se um simbiote, já que seu organismo gera algumas partes extraterrestres. Com o governo desejando usá-lo como arma política, Wikus conta apenas com a ajuda do extraterrestre Christopher para escapar.

CORRA!, 2017. 1H44MIN. DIREÇÃO JORDAN PEELE.

Chris (Daniel Kaluuya) é jovem negro que está prestes a conhecer a família de sua namorada caucasiana Rose (Allison Williams). A princípio, ele acredita que o comportamento excessivamente amoroso por parte da família dela é uma tentativa de lidar com o relacionamento de Rose com um rapaz negro, mas, com o tempo, Chris percebe que a família esconde algo muito mais perturbador.

Documentário: Stan Lee (History Channel).

LIVROS

EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EISNER, Will. Narrativas gráficas. 1ª Edição. São Paulo: Devir, 2005.

HERMAN, Amy E. Inteligência visual. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MC CLOUD, Scott. Desenhando quadrinhos. 1ª Edição. São Paulo: M. Books, 2008.

O'NEIL, Dennis. Guia oficial DC Comics: Roteiros. 1ª Edição. São Paulo: Ópera Graphica, São Paulo, 2005.

REY, Marcos. Roteirista profissional. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1995.



OFICINA DE



XILO GRA VURA

(ARTE URBANA
E IDENTIDADE)

INTRODUÇÃO

A oficina tem como objetivo apresentar e desenvolver com os(as) adolescentes a arte da xilogravura por meio da técnica de isogravura. Propõem, ainda, traçar um paralelo com as artes urbanas paulistas, desenvolvendo-as de acordo com a sua realidade, suas histórias e seus conhecimentos, para criar um processo de reflexão e apreensão sobre o mundo no passado e no presente, instigando-os(as) a pensar caminhos diferentes.

OBJETIVO

Apontar caminhos através das artes visuais para que o(a) adolescente se reconheça como sujeito histórico da cidade em que nasceu, desenvolvendo o conceito de identidade, empatia e problematização do meio, e ampliando seu olhar sobre o mundo.

ESTRATÉGIAS

Dinâmicas, rodas de conversa, apresentação do material, apresentação de vídeos, construção de painel coletivo, cartografia da periferia.

MATERIAL UTILIZADO NOS ENCONTROS

Lápis, folhas de sulfites, canetas hidrocor, lápis de cor, folhas vegetais, desenhos impressos, letras de música impressa, poemas impressos, matriz de isopor, rolinhos de espuma para pintura, tinta para tecido, lápis preto, papel Kraft, papel-carbono, tinta de tecido, camisetas.

O PROCESSO ARTÍSTICO (SEQUÊNCIA DE ENCONTROS)

ENCONTRO 1

Dinâmica “Como chegamos no encontro de hoje”, com o objetivo de que cada participante seja instigado(a) a dizer como se sente naquele momento com poucas palavras, possibilitando uma sondagem sobre o perfil dos(as) adolescentes. Apresentação da proposta da oficina e exibição de artes de xilogravuras com pequenos vídeos. Construção de uma carta de convivência sobre suas expectativas quanto a essa oficina. Realização de uma cartografia, pelo(a) arte-educador(a), dos conhecimentos dos(as) jovens sobre artes, com base em seus desenhos ou conversas registradas em um painel (dinâmica de “Como saímos do encontro de hoje”).

HISTÓRIAS DE VIDA

ENCONTRO 2

Conversa e debate sobre “Quem conta nossas histórias?”. Processo realizado com a leitura e apresentação de músicas relacionadas ao tema. Quais são as artes urbanas que contam nossas histórias? Realização de dois desenhos ou escrita pelos(as) adolescentes sobre histórias de sua vida antes e depois da vinda para a unidade de medida socioeducativa (“Como saímos do encontro de hoje” - dinâmica: **check in**. A ideia é que cada jovem descreva em uma palavra como foi a aula e observe em um painel, previamente preparado, quais palavras se aproximam e, assim, entender o que se destaca na atividade).

ENCONTROS 3 E 4

Exibição do filme 5X favela, para trazer à tona o debate sobre as diversas realidades da periferia e instigar os(as) adolescentes a criar novos finais para cada história do filme, por meio dos próprios desenhos ou escritas.

5X FAVELA - AGORA POR NÓS MESMOS, 2010. 1H40MIN. Direção Cacau Amaral, Rodrigo Felha, Cadu Barcelos, Luciano Vidigal, Manaira Carneiro, Wagner Novais, Luciana Bezerra.

EPISÓDIO 1 - FONTE DE RENDA: Maicon (Sílvio Guindane) consegue realizar o sonho de passar no vestibular, mas logo se encontra apreensivo devido à sua incapacidade de arcar com os gastos com livros, alimentação e transporte. Ele fica então tentado a vender drogas para os colegas de faculdade, como forma de obter o sustento necessário para os estudos. **EPISÓDIO 2 - ARROZ COM FEIJÃO:** Para conseguir um quarto para o filho, os pais de Wesley (Juan Paiva) resolvem reduzir o cardápio diário a arroz com feijão. No aniversário do pai, o garoto se junta ao amigo Orelha (Pablo Vinícius) para conseguir dinheiro, no intuito de comprar um frango como presente.

EPISÓDIO 3 - CONCERTO PARA VIOLINO: Quando crianças, Márcia (Cíntia Rosa), Jota (Thiago

Martins) e Ademir (Samuel de Assis) fizeram um pacto de amizade eterna. Agora, com todos em torno dos 20 anos, Jota entrou para o tráfico de drogas, enquanto Ademir se tornou policial. O confronto entre os dois pode impedir que Márcia, agora violinista, realize o sonho de uma bolsa de estudos na Europa. **EPISÓDIO 4 – DEIXA VOAR:** Flávio (Vitor Carvalho), de 17 anos, deixa que a pipa de um amigo voe. Para buscá-la, ele precisa ir à favela de uma facção rival. Mesmo com medo, ele decide buscar a pipa. **EPISÓDIO 5 – ACENDE A LUZ:** É véspera de Natal e o morro está sem luz há três dias. Como os técnicos da companhia de luz não conseguem resolver o problema, um deles é sequestrado pelos moradores locais. Eles decidem fazê-lo de refém até que a luz volte.

INTRODUÇÃO À XILOGRAVURA

XILOGRAVURA é uma técnica de impressão muito antiga que consiste numa gravura na qual se utiliza uma madeira como matriz, possibilitando a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. Esse processo é muito parecido com o carimbo. Na xilogravura, a madeira é entalhada com a ajuda de um instrumento cortante, formando a figura ou forma (matriz) que se pretende imprimir. Em seguida, com um rolo de borracha embebido com tinta, toca-se apenas as partes elevadas do entalhe.

ENCONTROS 5 E 6

Dinâmica inicial, apresentação do material de isogravura, desenhos de xilogravura sobre a periferia e leitura de cordéis, poesia e desenhos sobre a arte de maior impacto no grupo. Retomada das artes realizadas pelos(as) adolescentes no último encontro e, por meio dos desenhos e temas levantados por eles(as), apresentar referências em desenhos e realizar o processo de transferência de imagem através do papel vegetal. Realização, com os(as) jovens, da primeira adaptação de suas artes ou desenhos expostos em aula para isogravura (dinâmica de “Como saímos do encontro de hoje”).

Inspirada da xilogravura, a **ISOGRAVURA** é uma técnica adaptada para se utilizar das possibilidades do carimbo (principalmente crianças). Tem como suporte o isopor ao invés da madeira.

CRIAÇÃO DE POESIAS E MÚSICAS

ENCONTROS 7 E 8

Dinâmica inicial, exibição de músicas produzidas na periferia. Realização da atividade de construção de poesias e letras de música coletiva com o tema “Quem somos nós” (dinâmica de “Como saímos do encontro de hoje”).

ENCONTROS 9 E 10

Dinâmica inicial, retomada do material de isogravura, realização com os(as) adolescen-

tes de uma adaptação de suas poesias e desenhos a matrizes de isogravura, utilizando a técnica de papel carbono (dinâmica de “Como saímos do encontro de hoje”).

ENCONTROS 11 E 12

Dinâmica inicial. Construção de um painel com as isogravuras realizadas pelos(as) participantes sobre músicas de maior expressão na periferia (dinâmica de “Como saímos do encontro de hoje”).

PRODUZINDO XILOGRAVURAS

ENCONTROS 13 E 14

Dinâmica inicial, check-in exibição de imagens grandes de xilogravuras reapresentação da história da xilogravura; logo após, os(as) participantes são convidados(as) a realizar uma arte livre, diretamente nas matrizes de isogravura, quando serão orientados(as) sobre as técnicas básicas da xilogravura.

ENCONTROS 15 E 16

Dinâmica inicial. Logo após, os(as) adolescentes são convidados(as) a formar duplas para construir matrizes maiores de isogravura, com a temática “liberdade”. Durante o processo, músicas com essa temática serão tocadas (dinâmica de “Como saímos do encontro de hoje”).

ENCONTRO 17 E 18

Cartografia coletiva da periferia (bom, ruim e pode melhorar). Participação do grupo em um processo de reflexão e debate sobre a periferia, em que serão instigados(as) por músicas e poemas com a temática local; serão divididos(as) em três grupos, cada um deles ficando responsável por realizar uma arte, por exemplo: um poema, letras de músicas ou desenho sobre o que há de bom, de ruim e o que poderia melhorar na periferia.

ENCONTROS 19 A 21

Dinâmica inicial, seguida de apresentação aos(as) participantes das técnicas de isogravura em camisetas. Início de suas atividades no processo de isogravura em camisetas, seguida dinâmica de encerramento.

ENCONTROS 22 E 23

É proposto aos(as) adolescentes que realizem uma exposição das artes que aprenderam na oficina, organizando-a coletivamente.

ENCONTRO 24

Confraternização com os(as) jovens e apresentação de poemas e das artes realizadas na oficina. Avaliação das oficinas.

**ANDRÉ FIRMIANO**

É formado em Artes Visuais pela Universidade São Judas Tadeu e atua como artista plástico e arte-educador nas linguagens de artes visuais desde 2007.

**DANIEL GISÊ**

É formado em Artes Visuais pela UNESP. Professor dos cursos de desenho artístico, ilustração e histórias em quadrinhos da ABRA (Academia brasileira de artes). É educador da área de artes visuais e publica ilustrações e histórias em quadrinhos desde os 18 anos no meio independente e editorial.

www.danielgise.com

EDINALDO ANDRE

É licenciado em História pela PUC-GO e pós-graduado no curso Caminhada como método para Arte-Educação, na Casa Tombada, em São Paulo. Complementou a sua formação com os cursos de Artes Visuais no Grupo de criação e produção do núcleo de cultura visual e PROA-FRO (Programa de Estudos e Extensão Afro Brasileiro) na PUC-GO, e participou das oficinas de desenho de observação no SESC, em São Paulo. Educador. Nas horas vagas, é artista visual, com uma poética volta-da aos direitos humanos.

JÉSSICA OLIVEIRA

Formada em Relações Públicas e Educador Social, realizou intervenções educacionais em escolas públicas dentro do Programa Escola da Família, foi voluntária na ONG Canto Cidadão, atuou como produtora cultural independente nas periferias da região leste de São Paulo, ministrou oficinas de fotografia para jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto e atualmente é fotojornalista, arte educadora na ONG Ação Educativa e integrante do Bloco Afro Ilú Oba De Min.

EDUCADORAS/ES

NÔMADE

(Marcos Augusto Santos Souza) Artista plástico, arte educador e produtor cultural, Marcos é conhecido como Nômade Griot, atua na área cultural desde 2005 onde iniciou as atividades de produção cultural no espaço cultural Honório Arce em Guaianases.

Foi um dos produtores culturais do projeto Carroça Cultural onde circulava pelos bairros de Guaianases com uma carroça desenvolvendo atividades culturais de maracatu e jongo sempre trabalhando com a cultura afro-brasileira como destaque. Foi educador em um abrigo na região de Guaianases no mesmo ano iniciou o curso de licenciatura em história na universidade Camilo Castelo Branco, onde conheceu o professor Basilele Malomalo com quem articulou atividades de cultura preta dentro da universidade em conjunto com o C.A de história e foi o organizador do C.A de história no mesmo ano.

Desenvolvia uma pedagogia de trabalho voltado as realidades da periferia e sempre com a temática afro brasileira de forma ativista, levando as crianças do abrigo em espetáculos de arte, atividades sobre a cultura preta e eventos culturais.

**MARIA AMÉLIA DOS REIS GONÇALVES**

Natural de Belo Horizonte, MG, reside em São Paulo há 25 anos. É licenciada em Artes Visuais pela Universidade Camilo Castelo Branco, atuou como docente por cinco anos em escolas Estaduais na região da Zona Leste de São Paulo. Coursou desenho, pintura a óleo e escultura na oficina Cultural Alfredo Volpi, participou de exposições pela Fundação Bienal de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura no Centro Cultural Francisco Carlos Marconi e Ação Educativa Assessoria e pesquisa no projeto Arte na Casa. Trabalhou como Arte Educadora no projeto CCA municiado Lar Bethânia, Associação Lar Bethânia e atualmente no Projeto Arte na Casa da Ação Educativa. Atua como artista plástica independente na criação de esculturas, telas e artesanatos.

Durante o período como professora desenvolveu projetos ligados à criação e desenvolvimentos de processos artísticos com os alunos, a fim de inserir o estudo mais amplo das Artes Visuais no ambiente escolar.

**ZGÊ GERAES**

(José Geraldo da Silva) é arte-educador social em Multilinguagens (artes cênicas, artes do som, artes digitais, artes do corpo, artes visuais e artes da palavra) e ativista há 19 anos, coordenador do GTO Monte das Oliveiras, fotógrafo e fotojornalista pela Academia Brasileira de Artes e SENAC Comunicação e Artes, ministra oficinas no projeto desde 2014. Também é graduado em Pedagogia pela Faculdade das Américas.







EQUIPE AÇÃO EDUCATIVA:

PRESIDENTE

Vera Maria Masagão Ribeiro

DIRETOR FINANCEIRO

Cleib Aparecida Martins Vieira Cupertino

DIRETORA SECRETÁRIA

Ana Lucia Silva Souza

COORDENADORA/DIRETORA GERAL

Maria Virginia de Freitas

COORDENADOR DA ÁREA DA JUVENTUDE

Gabriel Dipierro Siqueira

COORDENADOR DA ÁREA DE CULTURA

Antonio Eleilson Leite

COORDENADOR DA ÁREA DE EDUCAÇÃO

Denise Carreira

COORDENADOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Marcos José Pereira

EQUIPE FUNDAÇÃO CASA:

SUPERINTENDENTE PEDAGÓGICA

Noeli Buono

GERENTE DE ARTE E CULTURA

Wellington do Carmo Medeiros de Araújo

TÉCNICA - GERÊNCIA DE ARTE E AULURA

Claudia Renata Sabbatini

TÉCNICA - GERÊNCIA DE ARTE E CULTURA

Ana Maria Lambert



Rua General Jardim, 660 – Vila Buarque – São Paulo / SP
www.acaoeducativa.org.br

ARTE NA MEDIDA 2

Esta publicação é resultado das práticas educativas do trabalho de arte educação desenvolvido dentro espaços de privação de liberdade para adolescentes e jovens na cidade de São Paulo. O ensino de arte, sua fruição e experimentação, com a proposta de aproximar a arte da vida comum, diária, tem sido desenvolvido ao longo dos últimos 11 anos pela Ação Educativa nas unidades de internação femininas e masculinas da Fundação Casa.

Todo o material contido nesta publicação é resultado do esforço da equipe de coordenação de pensar uma proposta de formação continuada que faça sentido para a vida e para o trabalho deste grupo de profissionais e do acúmulo, reflexão e da prática pedagógica de arte educadoras e arte educadores que fazem de sua arte instrumento de garantia de direitos, respeito e solidariedade.

